

COLEÇÃO RAUL XAVIER

Textos Orientalistas traduzidos por Raul Xavier



2015

Raul de Siqueira Xavier nasceu em 17 de março de 1902 em Granja, no Ceará, e destacou-se por uma vasta contribuição literária no campo jornalístico e literário. Como nos informa breve biografia colhida na internet, “Estudou no Seminário da Prainha e no Colégio Cearense e fez os preparatórios no Liceu do Ceará. Veio para o Rio de Janeiro e dedicou-se ao jornalismo (“O Informador Comercial”, “O Debate”, “Presença”, “Jornal de Letras”, “Jornal do Comércio”; “Correio da Manhã”, Diário Carioca”). Ensaísta, crítico, poeta. Publicou: Versos (1952); Tempo e Cristal (1961); Vocabulário de Poesia (1978); Palavra e Poesia (1979); Romance e Poesia do Norte (1980). Estudioso do Direito Trabalhista, publicou em 1934 o volume Aspectos Sociais da Questão do Trabalho. Traduziu: Por Dentro do Terceiro Reich (Albert Speer); Os Vedas; Os Upanichadas; Textos Sagrados do Tibet; Textos Sagrados das Pirâmides; Milinda Panha (Doutrina do Budismo Ortodoxo); Popol Vuh (livro sagrado dos Quiché); Poesia Escolhidas e A Casa e o Mundo (de Rabindranat Tagore). Membro correspondente da Academia Cearense de Letras”.¹

Na década de 70, suas contribuições no campo da tradução de clássicos indianos foram notáveis, sendo algumas inéditas. São suas as primeiras transliterações, no Brasil, de fragmentos dos Vedas, dos Upanishads, do Kama Sutra e do Milinda Panha, além de Tagore. Todas, publicadas pela editora “Livros do Mundo Inteiro”.

Em homenagem a essa contribuição inestimável, fizemos uma coleção contendo as introduções [estudos] primorosas e de trechos de algumas de suas obras orientalistas. Esperamos com isso não apenas dar a conhecer essas traduções, mas relevar o nome desse importante autor brasileiro.

Compilado em www.indianidades.blogspot.com.br, 2015

¹ <http://www.ceara.pro.br/cearenses/listapornomedetalhe.php?pid=33099>

Índice

Vedas – Introdução
p.4

Vedas – Fragmentos
p. 20

Upanichadas – Introdução
p. 32

Upanichadas – Fragmentos
p. 44

Kama Sutra – Introdução
p. 69

Kama Sutra – Fragmentos
p. 72

Milinda Panha – Introdução
p.85

Milinda Panha – Fragmentos
p.102

Tagore – Introdução
p. 116

Tagore – Fragmentos
p. 125

Textos Sagrados do Tibete – Introdução
p. 144

Textos Sagrados do Tibete – Fragmentos
p. 161

Glossário de Termos Sâscritos
p. 193

Os Vedas

Introdução

O termo sânscrito Veda significa "saber", "ciência", sendo a designação genérica da coleção de textos litúrgicos da primitiva fase do bramanismo, o vedismo. Esses textos denominam-se: 1 - Rigveda ou Veda das estrofes; 2 - Iajurveda ou Veda das fórmulas; 3 - Samaveda ou Veda das melodias; afinal, Atarvaveda ou Veda dos hinos e preces mágicas.

Rigveda

O mais antigo é o Rigveda com 1017 sutas ou hinos, aos quais se acrescentam onze, denominados Valakhilyas, que se supõe apócrifos, havendo portanto um total de 1028 hinos no Rig.

O texto do Rig está dividido por oito Astacas - oitavas - ou Kandas - seções - subdivididas em Adhyayas - capítulos -, com 2006 Vargas - classes - 10417 Rigs - versos - e 153.826 Padas ou vocábulos. Mas o Rig tem outra divisão: dez Mandalas - "círculos" - ou "classes" e 85 Anuvakas ou seções.

O teor religioso do Rig manifesta o politeísmo dos Arias, sendo dirigidos os hinos às divindades, personificações de fenômenos naturais. Essas divindades dispõem de vários poderes, sendo quase sempre invocadas para beneficiarem seus de-votos. O maior número dos hinos é dirigido a Agni, deidade que personifica o fogo.

Iajurveda

O segundo Veda é o Iajur, coleção das fórmulas sacrificiais. Compõe-se de hinos extraídos do Rig muitos dos quais alterados. Tais diferenças, segundo John Dowson, talvez se expliquem ou por alguma diferença no texto copiado ou por exigências das práticas-rituais. O Iajur é o breviário dos oficiantes com O texto disposto segundo o rito de cada sacrifício.

Constituiu-se portanto em objeto de estudo nas diversas Escolas vedantinas. São duas as coleções (samhitas): a Taittiriya, vulgarmente conhecida como Iajur Negro, já conhecido muitos séculos antes da Era cristã; a Vajasaneyi, denominada Iajur Branco. O conteúdo dos textos é quase o mesmo em uma e outra samhita, havendo porém diferença no arranjo da matéria. Essa diversidade se explicaria pela ação de Yajnavalquia, a quem se atribui a elaboração do Iajur Branco.

No Iajur Negro, os yajus - fórmulas - e mantras - orações - estão intercalados de explicações em prosa. O yaju é uma fórmula para ser murmurada pelo advari, durante a execução do sacrifício. Essas fórmulas incluem invocações aos utensílios do culto, à oblação, ao material usado, etc.

Samaveda

O texto do Samaveda compõe-se de estrofes, às quais se ajustam os cânticos. O canto, segundo o metro dos versos das estrofes, invoca a divindade à qual se oferece o sacrifício e o respectivo cerimonial. Segundo Luís Renou, a importância do Samaveda acha-se não propriamente no texto, apoiado no Rig, mas na técnica muito precisa da música litúrgica.

Atarvaveda

Os textos védicos, isentos de sincretismo, constituindo a Trayi Vidiyâ - tríplice corpo de doutrina, estavam no Rig, no Iajur e no Sarna Vedas. Desse corpo de doutrina ou canon excluía-se o Atarva. Carlo Formichi dá a razão da resistência dos brâmanes à admissão do Atarva no conjunto dos textos védicos. Na Índia antiga, não havia somente brâmanes. Os guerreiros, os pastores, os agricultores, as mulheres, toda essa gente tinha suas crenças, usos, costumes, que haveriam de tomar forma litúrgica.

Por isso, observa Formichi, o padre que aparece no Atarva é aquele que está em contato com o povo, sendo forçado a adaptar sua teologia incipiente, sua teosofia, às credences, às superstições, às necessidades religiosas do povo. Assim, lêem-se no Atarva hinos expressivos de especulações metafísicas, conjurações

mágicas, ritos associados à vida familiar e às preocupações de caráter prático.

A vida cotidiana dos hindus está refletida no Atarvaveda. Observa Oldenberg: no Atarva o povo fornece a matéria que o sacerdote elabora.

Afinal, foi o Atarva aceito como livro digno de estar nas mãos do brâmane, obtendo a honra de fornecer aos príncipes o capelão da Corte, o purohita -, padre atarvânico, escolhido para conselheiro político e diretor espiritual do rajá. Diz Bloomfield que o Atarva é "um documento inestimável para a história das instituições da Índia antiga, não menos que para a história etnológica do gênero humano, um documento tão precioso sob este ponto de vista, como o Rig é precioso sob o ponto de vista da mitologia, da religião formal e hierática".

Quanto à idade do Atarva, esta pode ser considerada sob dois pontos de vista:

- 1o - o do material antropológico, demótico, sobre o qual se ergue o texto;
- 2o - o do teor lingüístico desse texto.

Sob o ponto de vista antropológico, o Atarva é de muitos séculos anterior ao Rig. O mundo de idéias refletido no Atarva, vinculado à magia, faz que a sua origem esteja afastada da época na qual o Atarva recebeu dos brâmanes a redação que por fim levou a casta sacerdotal a admiti-lo no canon védico. Mas a linguagem, os metros poéticos, os dados geográficos, os zoológicos, concorrem para demonstrar que o texto do Atarva é posterior ao do Rig.

O Atarvaveda compõe-se de 731 hinos, distribuídos em 20 livros, dos quais dois - o 15 e o 16 -, são redigidos em prosa. O conteúdo é muito variado. A maior parte dos hinos tem por finalidade cuidar de doenças, expulsar demônios, obter a saúde e a longevidade, amaldiçoar inimigos e feiticeiros, afastar desgraças e perigos, obter a prosperidade de brâmanes e de monarcas, auxiliar a satisfação de desejos eróticos.

Essa é a matéria de Cunho popular, ao lado da qual aparecem alguns hinos com valor literário e filosófico. Invocam-se os

deuses, sem prejuízo do caráter mágico, compulsório, da palavra como instrumento de realização de desejos, obtenção de favores etc.

Ritual

O ritual do Rig foi elaborado por gerações de famílias sacerdotais, havendo por isso divergências entre os participantes do culto. Houve fusão de tradições e os textos mencionam ritos não mais em vigor.

Deixando de lado considerações só interessantes a historiadores e filólogos, considere-se o sacrifício como ato religioso fundamental, homenagem a um deus ou deuses para a obtenção de graças ou favores, qual sejam prosperidade material, saúde, longevidade, filhos machos, numerosa descendência. Para agradarem-se os deuses, havia no sacrifício uma oferta. O ato sacrificial - karman - significava também a sacralização do profano, exercendo o sacerdote a função de oficiante da parte de quem oferece e custeia o sacrifício, e também de mandatário dos deuses.

Os sacrifícios védicos, na maioria dos casos, são súplicas, jamais ação de graças - observa Luís Renou -, havendo neles o inegável influxo de idéias oriundas da prática da magia, mormente naqueles cujas fórmulas se acham no Atarva.

Havia oficiantes distintos para cada um dos Vedas. Chamavam-se Hotris ou Bahvrichas aqueles que recitavam o Rig, incumbindo-lhes saber de cor todo o Veda. Denominavam-se Adhwarius os que murmuravam as fórmulas do Iajur e tinham o nome de Udgatris os chantres para o Samaveda.

Quanto à prece, no sacrifício, está relacionada com a oferta. Todo ato acompanha-se de uma fórmula - yajus -, proferida em voz baixa, quando não houver exortações - praisa -, que se dizem em voz alta. Há declamações - Sastras - mais ou menos longas de versículos a cargo de um só oficiante com repetições, da sílaba aum. As puronuvakia (estâncias de convite aos deuses) e as yâjyâ (estâncias de adoração) convidam a divindade a aproximar-se da oblação e consumi-la.

No cerimonial do soma, há trechos entoados - stotra - em trio, correspondentes às partes recitadas: três versículos combinados - trica - ou estâncias complexas - pragatha - Uma parte da oferta é lançada ao fogo, outra parte consumida pelos oficiantes. As ofertas são: leite, sob diversas formas, manteiga derretida, bolos de arroz e de cevada.

O soma, cuja oblação caracteriza o culto védico, é o sumo extraído dos talos de uma planta, ainda não identificada, o cânhamo, segundo Chandra Ray, o ruibarbo selvagem, na opinião de Aurel Stein. Os talos são embebidos em água e por maceração obtém-se o suco, recolhido em cubas e misturado ainda com água, também leite, às vezes mel. o fogo é o veículo da oferta, o intermediário entre o sacerdote e a divindade. O sacrifício - kannan - celebra-se com um, três ou, às vezes, cinco fogos acesos, quando se trata de sacrifício do soma. Um dos três fogos é o do "dono da casa", do qual se tira a chama para se acenderem os outros.

A extração do suco é operação demorada, dividida em três fases, pela manhã, ao meio dia, à tarde, quando se tratar de um Agnistoma ou louvor ao deus Agni, personificação do fogo, e portador da essência do soma para ser absorvida pelo deus ou deus. As variedades desse sacrifício distinguem-se pelo número de versículos de hinos a serem cantados e recitados, durante a maceração dos talos.

O Agnistoma é celebrado anualmente na primavera, demorando três dias, desde as operações preliminares: escolha de oficiantes, compra dos talos da planta, medição da sua quantidade, construção dos altares, procissão. Durante a maceração dos talos da planta, filtragem do suco, preparo das outras ofertas, entoam-se cinco cânticos e cinco recitativos. O ápice desse cerimonial é a maceração feita ao meio dia, com recitativos, cânticos e oblação de leite coalhado aquecido. Distribuem-se então os honorários. Quem financia o sacrifício dá 7, 21, 60 ou 1.000 vacas, incluindo-se nesses honorários esposas ou até filhas, uma das quais se casa com um dos oficiantes.

A maceração à tarde faz-se durante dois cânticos e dois recitativos, o último dos quais é o "louvor de Agni". Afinal à noite, depois de ritos expiatórios, saudação ao sol no ocaso, imola-se uma vaca estéril, a qual pode ser substituída por onze animais.

No Agnistoma há um simpósio de divindades; Indra é honrado e com ele os Maruts, durante a maceração feita ao meio dia. Os Ribus são louvados à tarde, quando Agni é pouco invocado. Relativamente ao valor ou significado do Agnistoma, segundo Oldenberg, trata-se de um encantamento com o objetivo da queda das águas do céu. Hillebrandt opina que esse kannan é um ato mágico, que há de levar aos deuses o néctar da lua, simbolizado no suco do soma. Para Hubert e Mauss, o rito descreve o nascimento e a morte do deus. No entanto, observam os orientalistas franceses, Renou, Filliozat, Meile, Esnoul e Silbum, que é evidente o caráter de rito primaveril no conjunto do cerimonial.

Há outros sacrifícios que duram um dia. São: 1 - o gosava com práticas estranhas, executadas pelo dono do sacrifício, tais como montar uma vaca, copular com uma parenta, mãe, irmã, prima; 2 - o vratyastoma com a finalidade de admitir no convívio dos brâmanes pessoas que não pertençam à casta bramânica, sob a condição desses estranhos renunciarem aos seus costumes.

Realizam-se também sacrifícios com duração de mais de um dia. São os ahina, que se estendem de 2 a 12 dias e os upasad, que se prolongam por um mês. Um desses sacrifícios complexos e prolongados é o paundarika, no qual a pessoa que o encomendou, depois de fazer uma oblação de leite azedo e mel à deusa Sabali dirige-se à floresta próxima e três vezes grita "Sabali". Se ouvir a voz de um animal, que não seja o burro ou o cachorro, o sacrifício terá sido eficaz.

Além destes prolongados sacrifícios, realizam-se reuniões sattras, algumas das quais também se prolongam pelo menos por muitos dias, às vezes até por um ano. O tipo do sattras anual é o gavâmayana - "a marcha das doze vacas", ou seja, o percurso do sol pelos doze signos zodiacais. No gavâmayana, não há honorários, não se aceita leigo para custeá-lo porquanto se trata

de uma, entre outras práticas adstritas à vida sacerdotal. Estende-se por dois períodos separados pelo solstício, dia em que há uma cerimônia especial.

Nessa cerimônia especial - mahavrata (grande observância) -, rufam tambores, tigem-se instrumentos de corda, o hotri balança-se em um trapézio, ouve-se um diálogo entre figurantes que usam de vocabulário pornográfico, e presencia-se uma cópula ritual. Um ária e um sudra disputam a posse de um disco branco, há um bailado executado por um grupo de moças, e uma cena teatral em que os atores discorrem sobre o alimento e a respiração. O mahavrata incluía também as procissões, que terminavam por um banho em um rio, às vezes o Sarasvati, quando o cerimonial ocorria nas proximidades desse curso de água.

Outras cerimônias agregadas ao ritual do soma são as seguintes: 1 - o vajapeya - bebida da vitória -, rito de fecundidade, cujo período de duração pode estender-se de 17 dias a um ano; 2 - o rajasuya - "consagração real", em que há o investimento de um príncipe na função de monarca soberano em um dos muitos Estados em que se dividia o território indiano; 3 - o açvamedha - "sacrifício do cavalo" - o mais famoso dos ritos védicos, festejo real e popular com a finalidade de se obter dos deuses prosperidade para o reino e para cada um dos seus habitantes. Durava três dias, mas os preparativos se processavam por um ou dois anos.

O ritual védico, sem dúvida, adaptou-se às condições de existência da Índia moderna. Mas ainda está vivo o culto doméstico do fogo. Diz-nos a senhora Madalena Biardeau: "O fogo, o puro por excelência, é objeto de culto sob a tríplice forma do sol, da chama do sacrifício e do altar doméstico, que se correspondem reciprocamente como símbolo. Um brâmane não pode dispensar as oblações de cada dia ao fogo, as quais asseguram a permanência da ordem cósmica - rita - e a prosperidade da sua família." "Não há culto sem fogo: a pequena lâmpada de barro, ao lado do altar, a grande lâmpada suspensa por uma longa corrente, na qual estão acesas várias mechas, a chama de cânfora, que se move lentamente em torno da imagem de um deus, são exemplos da potência divina do fogo. Este tem a

virtude de eliminar barreiras intransponíveis. Um hindu de alta casta não receberia, sob nenhum pretexto, alimento preparado por um cozinheiro de casta inferior, mas receberá desse mesmo cozinheiro arroz cru que a prova do fogo tornou consumível".

"Hoje, - informa Luís Renou - é difícil presenciar uma cerimônia védica. Aqueles vastos ofícios, que às vezes se prolongavam durante dias inteiros são muito dispendiosos. Além disso, será necessário longo treinamento do pessoal qualificado". E continua o afamado indianista francês: "Os honorários prometidos aos sacerdotes, embora não sejam mais presentes fabulosos como os de outrora, exigem no entanto, um desembolso somente acessível a reis e grão-senhores, bastante interessados nas velhas tradições para assumirem a posição de "senhor do sacrifício", custeando a cerimônia.

Entretanto, Luís Renou pôde presenciar a execução de um sacrifício de tipo modesto, sem cânticos, sem oblação de soma, sem imolação de animal. Exigia apenas seis sacerdotes e durava somente quatro horas. "Mas, - observa Renou - havia ali um conjunto de gestos, de movimentos, bastante amplos para que se percebesse o que fora um grande ritual religioso, no mais longínquo passado da Índia Ariana".

Na qualidade de escritura sagrada, de fundamento literário da cultura hindu, os Vedas permanecem válidos, vivos, pois não faltam no território indiano "salas de recitativos" de trechos daqueles livros milenários. Renou refere-se à sua audição no "Colégio Vivekananda", de Madrasta, de um recitativo da Narayana-sukta por quinhentos jovens, sendo impecável a dicção daquela multidão de rapazes, sentados sobre um estrado baixo, pernas cruzadas, vestidos de túnica de larga franja de cor amarela ou vermelha. São necessários anos de trabalho paciente para se recitar de cor um texto como o do Rigveda com 160.000 palavras.

O Rigveda é o mais antigo texto ritualístico de importância para a antropologia cultural. Essa coleção de hinos litúrgicos, provinda de uma época na qual os Arias permaneciam ainda submetidos às condições da economia coletiva de tipo agro-pastoril, assumiu forma estilizada, em período posterior à antiga sedimentação das invasões da Índia, na região noroeste da península.

Admite-se que os Arias sejam procedentes do norte da Ásia. Penetraram na Índia pelo Kábul e vales do Kabir, fixando-se no Pendjab - "Terra dos cinco rios" -, de onde depois desciriam para a bacia do Ganges. Prosseguindo na descida para o sul, encontraram os Dravidianos e muitos outros povos primitivos, hoje classificados como australóides.

Sabendo-se agora do valor da linguagem, nos planos da antropologia e da cultura, assume inegável importância o teor do Rigveda. A língua védica apresenta particularidades, segundo a posição cronológica dos textos e a posição geográfica da sua redação. Excetuando-se talvez alguns documentos hititas, o Rig apresenta-se como a mais antiga literatura redigida em idioma indo-europeu. Sem dúvida, há nessa coleção de hinos uma estratificação linguística. Admite-se que a parte mais antiga é a dos "livros de família" com os nomes dos respectivos richís. De qualquer modo, a classificação cronológica dos hinos denuncia haver muitos afastados uns dos outros, quanto à época da elaboração, segundo a maior frequência do nome de uma divindade em um grupo de hinos.

Embora não seja possível a indicação de datas exatas, é inegável a intervenção dos brâmanes na reformulação linguística e na disposição formal dos textos. A reformulação linguística, estilística e estrutural, feita pelos brâmanes ocorreu em período extenso, porquanto há textos com teor linguístico arcaizante, enquanto em outros predomina um sânscrito que seria moderno para a época dessa redação.

Quanto aos richís, aos quais a tradição atribui a autoria ou "visão" de textos, deve-se considerar a possibilidade de ter sido o nome desse richí sugerido por uma ou outra palavra, que se acha no texto. Renou é de opinião que se fundem os ciclos de elaboração dos textos do Rig: o ciclo das famílias, com os nomes de richís e dos redatores bramânicos.

Passando do estágio tribal ao de sociedade politicamente organizada no regime de castas, teria sido atribuída às famílias de brâmanes a função poética, hereditária. Talvez funcionasse alguma corporação de sacerdotes-poetas, os bahvrica -

"portadores de muitas estrofes" - adidos à corte de um rajá. Assim, o Rig resultaria da reformulação linguística de textos arcaicos e da redação de textos novos, uns e outros reunidos em uma espécie de antologia. A samhita do Rig veio sendo ampliada no decurso dos tempos. Muitas composições ,teriam sido decoradas, vindas da época das famílias dos Arias pastores e agricultores, praticantes de um culto a divindades personificadoras de forças naturais. Nela incluem-se louvores e agradecimentos ao príncipe por um donativo. Talvez tenham sido tais panegíricos, modelos dos hinos em que se louvam e agradecem aos deuses pelas graças concedidas aos homens.

Também considerados os hinos sob o ponto de vista sócio-cultural, a compilação do Rig atende a intenções literárias, a objetivos tradicionalistas. Por isso afirma Luís Renou em sua obra "L'Inde Classique": "Podemos dizer sem muito paradoxo que a obra está fora da religião védica. Como outros, não apresenta o caráter de manual prático. O hino tem redação cuidada, muitas vezes apurada, com prelúdio sob a forma de exortação enfática, no final de um estribilho: um pedido, uma frase a sublinhar a transição entre o rito oral e o rito da operação manual”.

O corpo do hino consiste no elogio da divindade, sob a forma de preces, implorações, imprecções, mas sobretudo nos episódios míticos, narrados de maneira alusiva, restos de uma imensa literatura legendária, que devia preexistir sob forma oral. Com uma frequência muito variável, os hinos dirigem-se a diversas divindades, primeiro a Indra (250 hinos), depois a Agni (200), eventualmente a objetos ou noções divinizadas”.

Quanto às outras samhitas, há nelas evidentes e numerosos empréstimos aos hinos do Rig. No lajur, encontram-se séries estróficas, literalmente transcritas do Rig. No Sama, a maioria dos versículos é tomada de empréstimo ao texto do Rig, explicando-se as divergências de caráter linguístico pelas exigências da adaptação da música às palavras. No Atarva, são também numerosos os versos e os vocábulos transcritos do Rig. Enfim, os textos de uma e de outra das duas samhitas foram objeto de nova formulação linguística feita pelos brâmanes, no decurso dos séculos, até à adoção da escrita na Índia, o que se verificou em

época relativamente recente, seis ou sete séculos antes da era cristã.

Esses textos manuscritos têm sido o pretexto para os acadêmicos e intelectuais no Ocidente, imbuídos de preconceitos bíblico-cristãos, negarem a grande antiguidade do conteúdo dos Vedas, sobretudo dos Rig e Atarva, conteúdo profundamente enraizado no complexo cultural ariano e pré-ariano, autotônico, com um curso que se poderia traçar até à época de transição do neolítico para a idade do bronze. Durante quantos milênios se veio processando a expressão linguística das vivências dos povos autóctones da península hindostânica? Sem dúvida, chineses e egípcios, 4.000 anos antes de Cristo, estavam à frente dos Arias, do ponto de vista político. Mas isso não impede que os invasores da Índia tivessem trazido consigo para os vales do Indo e do Ganges um lastro de crenças e de ritos, os quais por fim acabaram por absorver o que havia milenarmente no solo indiano. Daí opinar J. Talboys Wheeler: "Os hinos védicos não são o produto apenas de uma época. Sua elaboração ocorreu no decurso de muitos séculos e portanto referem-se a várias fases do progresso da civilização. Alguns pertencem a um período de cultura pastoril ou agrícola, quando os homens meio-selvagens viviam em aldeias distantes umas das outras, atacados por inimigos ferozes, ladrões de gado, assaltantes noturnos. Outros hinos se elaboraram quando os homens residiam em cidades fortificadas, quando mercadores provindos de terras longínquas negociavam com jóias e sedas, os rajás moravam em palácios, guiavam eles mesmos os seus carros e viviam em poligamia.

Os hinos também representam diferentes fases da evolução religiosa. Alguns exprimem piedade natural, de cunho infantil, outras são expressão de ensaios de tendências espirituais e intelectuais, para a concepção de um deus, até quando todas as divindades se fundem em um ser espiritual, Plenitude Divina, "Alma Suprema, que penetra e governa o Universo".

Os Vedas exemplificam as vicissitudes de um processo cultural, prolongado no tempo, profundo nas esferas da psicologia individual e gregária. O tipo da poesia védica não é exclusivo dos Arias, pois os egípcios e babilônios, como os iranianos, deixaram documentos religiosos, ritualísticos. A importância dos Vedas,

sobretudo do Rig, está em que as coleções dos hinos são o mais copioso documentário de cânticos religiosos primitivos. Ainda mais: o texto prende-se a elementos orais e culturais muito anteriores à época da elaboração da redação conhecida.

O estudo dos Vedas, no mundo ocidental, abriu largas perspectivas às hipóteses do Evolucionismo. Os primeiros dados precisos a respeito da literatura védica foram apresentados pelo inglês Henrique Tomás Colebrooke, no ensaio "On the Vedas or Sacred Writings of the Hindus", publicado em 1805 nos "Asiatic Researches" de Calcutá. Residente na Índia, pôde Colebrooke consultar uma cópia completa dos Vedas. Foi ele o primeiro europeu professor de sânscrito no "Fort William College", de Calcutá.

Depois de Colebrooke, tomou-se afamado Emílio Burnouf, inaugurando no Colégio de França uma cadeira de estudos védicos sob o ponto de vista filológico, tendo sido assim o pioneiro do fecundo movimento intelectual europeu, que desenvolveu a filosofia aplicada aos textos orientais. Não tardaria o alemão Max Müller, naturalizado inglês, em tratar da sua grande edição dos manuscritos da samhita do Rig, iniciada em 1846, cujo primeiro tomo foi publicado em Londres em 1849.

No triênio 1848/51, Langlois publicava uma tradução do Rigveda, enquanto os ingleses Wilson, Benfey, depois de Max Müller, contribuíam para suscitar na Europa o interesse na literatura indiana. Os alemães Guilherme Schlegel, Rodolfo Roth, Albrecht Weber, aplicaram-se a traduções e comentários filológicos dos textos védicos.

Nos estudos sobre os Vedas, afirma Renou, durante muito tempo, coube parte preponderante aos alemães. Supôs-se que esse interesse, demonstrado por alguns alemães, decorresse da satisfação de encontrarem nos Vedas uma espécie de Bíblia ariana, que eles pudessem, legitimamente, opor à Bíblia semita. Além disso, havia nos textos védicos uma riqueza de formas de linguagem suficiente para estimular os fundadores da Gramática Comparada, da qual foi criador o grande indianista, também alemão, Franz Bopp.

O Romantismo contribuía para realçar o significado das Vedas. A imaginação romântica fugia para os tempos da Humanidade primitiva, dedicada ao culto da Natureza, adorando o sol, as águas, o fogo a aurora. Um alemão naturalizado inglês, o já mencionado Max Müller, contribuiu para o prestígio dos Vedas, nos círculos românticos, embora fosse ele técnico linguista e filólogo acurado. A tese de Max Müller era a de que os Vedas são um documento primitivo e por assim dizer espontâneo. Posteriormente, declarou Max Müller: "Sustento que o nome Veda não é somente o título de um texto ou de vários textos, mas que foi originariamente concebido com um significado muito mais extenso".

Na própria Alemanha, houve reação oposta a essa interpretação sentimental, dela participando Weber, Pischel, Hillebrandt, Oldenberg. Na França, Bergaigne também discordou de Max Müller. Segundo Bergaigne os hinos védicos continham concepções abstrusas, sendo exemplo de uma escolástica ritualística.

Em verdade, a filologia mostrou-se instrumento inadequado à clarificação do sentido dos textos védicos. Isso pela simples razão de os indianistas, filólogos, antropólogos, colocarem-se em posição pouco simpática a um material escriturário, em que não faltam traços de primitivismo mental, de condicionamento político-social de superstições, de lendas, mitos. E sobretudo por viverem em uma esfera cultural dominada pelos pressupostos da religião do mundo ocidental, o cristianismo, fundado nos primeiros capítulos do Gênesis bíblico. As mais fortes razões dos cientistas, em sua lide com os Vedas, estavam no inconsciente deles.

Por isso mesmo, um linguista do vulto de Franz Bopp revelou-se quase genial no trato do problema linguístico e cultural dos Vedas. A sua originalidade não está em descobrir analogias formais nas famílias linguísticas. Foi inovador ao mostrar que "há uma história das línguas, que pode ser estudada nela mesma, e que como a outra possui seus ensinamentos e sua filosofia".

O critério adotado por Bopp iria contrariar preconceitos religiosos enraizados. Observa Renou: "A Europa dos teólogos e

dos filósofos queria que tivesse havido apenas transformação descendente, degradação da linguagem. Sucedendo ao hebraico de alguns, ao idioma natural de outros, o sânscrito só poderia ser um dado primitivo, que se abastardara e complicara. Bopp demonstrou que o estado mais antigo dos idiomas é o mais complexo".

Mas, depois de Bopp, verificou-se que o sânscrito védico não era uniforme, havendo textos com redação recente e textos antigos em que não se tinham eliminado os traços do idioma dos richís. Ademais, a redação bramânica apresentando linguagem metafórica, rica de artifícios estilísticos, lidando com um material lendário e mítico, teria, naturalmente, de oferecer inúmeras dificuldades aos intérpretes do contexto dos hinos. Confirmava-se a tese de Bopp. Em vez de degenerescência, ocorrera uma evolução.

Em todo caso, permanecia o preconceito dos racionalistas, dos filiados ao positivismo científico anti-religioso, sem dúvida aliados aos fiéis da revelação bíblica, veículo da única e verdadeira verdade. As religiões primitivas careciam de qualquer valor, além do de testemunho da fase inicial do pensamento humano, pensamento de cunho infantil, pensamento mítico.

Agora, o problema do mito está sendo considerado segundo critérios objetivos, realmente positivos. Mythos, estória, narrativa, é estrutura vocabular relacionada com um evento ocorrido ou não.

Prevaleceu, entretanto, o significado restritivo do termo, cujo conteúdo pode ser considerado:

- a) - sem relação com nenhum fato, realmente ocorrido, sendo o relato exclusivo da fantasia do narrador;
- b) - evento ocorrido em época remota;
- c) - interpretação fantasista de fatos e eventos, recentes ou remotos, relacionados com um indivíduo ou uma coletividade.

Além dessas características, o conteúdo do mito está sempre condicionado à estrutura ideológica, em função da qual procede uma sociedade. Em se tratando de acontecimentos remotos, reais ou imaginários, essa estrutura ideológica tem colorido religioso, oriundo da crença em seres invisíveis e poderosos, deuses, anjos, demônios, espíritos, almas humanas, seres que intervêm na vida cotidiana, que atendem ou negam atenção aos pedidos e prescrevem normas para a existência gregária. Nessa classe de mito, inclui-se a narrativa bíblica da outorga da parte de Jeová das tábuas da lei a Moisés, como também a narrativa do nascimento da Gautama o Buda, que saiu de um dos flancos do corpo da sua mãe, a rainha Maila.

Um acontecimento ocorrido em época remota seria, por exemplo, a viagem de Enéias, fugitivo da Tróia incendiada pelos gregos. Depois, o patriarca dos romanos, fuga e viagem motivos do poema de Virgílio, a "Eneida". Também adquiriria as características de mito o caso da fundação de Roma. Rômulo e Remo teriam sido amamentados por uma loba. Segundo os estudiosos da História Romana, Lupa (loba) seria o nome de uma prostituta ou, em melhor hipótese, de uma camponesa. A fundação de Roma, iniciada como reduto ou valhacouto de bandidos, tem todas as aparências de fato real, remoto, mitificado.

O etnólogo francês Marcel Mauss, filiando-se a uma das modernas escolas de mitologia afirma que "o mito, propriamente dito, é uma estória simples, que naturalmente implica em ritos". E acrescenta: "O mito faz parte dos sistemas obrigatórios de representações religiosas, por se impor a crença no mito".

Sem dúvida, os textos védicos, os do Rig e do Sama sobretudo - observa Jorge Misch -, estão arrançados de acordo com um sistema, de modo que formam uma espécie de seqüência dependente de uma relação tonais ou menos estreita com o ritual do sacrifício.

Ora, entre os Vedas poéticos e os Upanichadas, dialéticos, discursivos, especulativos, estão os Bramanas, que continuam o teor litúrgico dos Vedas, em que predomina a preocupação com

o cerimonial como, se nesse complicado aparato do sacrifício estivesse o mundo inteiro.

Assim externando seu ponto de vista, Jorge Misch alude à seguinte observação de Hillebrandt, a respeito dos Vedas: "Eles começam com o ritual e terminam no ritual, aludindo a tudo mais somente sob este critério".

Outro indianista alemão, Jacobi, acentua a importância dada ao ritual no culto védico. "O sacrifício não se dirige a um deus, para homenageá-lo, para obter sua atenção, para agradecer-lhe. O sacrifício está acima do poderio dos deuses, é magia sublimada, extremamente complexa, na forma, e todas as manifestações, palavras, encantamentos, têm significado mais profundo". Para Misch, esse simbolismo é compreensível até certo ponto:

"Os poderes divinos de que cogitava a velha fé, como operantes no mundo, no homem, na luz, no ar, nos olhos, na respiração, estão reduzidos a partes integrantes da cerimônia sacrificial. Até as especulações cosmogônicas revelam o estreito horizonte mental dos sacerdotes, que extraíram suas categorias universitárias do meio litúrgico onde viviam."

O inegável que no Rig o mito se acha entrelaçado com o ritual. Mas, pergunto, não será o mito que explicará o rito, em vez deste dar razão àquele?

De fato, para o professor francês Vitor Larock "a noção de mito ultrapassa os limites do "sagrado". Por meio de mil laços, ela une-se às mais constantes e mais altas formas da vida social, formas morais, jurídicas, institucionais, especulativas e não apenas religiosas."

Larock enumera os elementos do mito. Este não se reduz à simples narrativa, à evocação de deuses ou de heróis; por mais impregnado que esteja de religião, esta não é o seu único objetivo. Também não é obra individual. Em suas representações o mito envolve todo o universo, visível e invisível, toda a atividade social. Constantemente, dirige um apelo ao sobrenatural. É o produto de uma criação coletiva, o objeto de uma ciência coletiva. Ela tem todas as marcas da inspiração irracional, indiferente à

experiência, inspiração mística e profundamente afetiva. Enfim, o valor essencial do mito está em sua força coesiva, que induz os membros de uma coletividade a comungarem das mesmas emoções, dos mesmos sentimentos de esperança e de temor, da mesma fé e da mesma vontade.

Por Raul Xavier
(1972)

Os Vedas – Fragmentos

HINOS DO RIG VEDA

(Anuvaca 1, Suta 1)

Composto pelo richí Madachhandas, filho de Visvamita.

1 - Glorifico Agni, o grão sacerdote, o adivinho, o oficiante riquíssimo-, que leva aos deuses a oferta do sacrifício.

2 - Possas trazer os deuses aqui, Agni, digno dos louvores dos sábios de todos os tempos.

3 - Agni concede ao seu devoto a abundância, que aumenta a cada dia, princípio da boa fama e do aumento da raça humana.

4 - Agni, o sacrifício sem empecilhos, que protegei com tuas chamas, vai até aos deuses.

5 - Venha com os deuses aqui o mensageiro das ofertas, Agni, sábio, afamado, fiel, divino.

6 - Concede, Agni, a quem oferece o sacrifício, todo o bem que te for possível. Esse bem voltará para ti, Angiras.

7 - Quando te veneramos em pensamento pela manhã e à noite, nós nos aproximamos de ti, Agni.

8 - És o radiante, o protetor dos sacrifícios, sempre iluminas a verdade. Cresces em tua própria morada.

9 - Agni, aproxima-te de nós como o pai chega mais perto dos filhos. Permanece conosco.

(1, 3) Composto pelo mesmo richí

1 - Asvins, que tendes os braços longos e apreciáis os atos piedosos, aceitai os alimentos que vos oferecemos neste sacrifício, e vos apresentamos com nossas mãos estendidas.

2 - Asvins, poderosos, corajosos, guia da nossa piedade, ouvi atentos os nossos louvores.

3 - Asvins, limpos de falsidade, destruidores dos inimigos, que andais à frente dos heróis, aproximai-vos das ofertas expostas sobre a erva sagrada.

4 - Indra, esplendor admirável, vem aqui também. Desejam-te estas libações feitas pelos dedos dos sacerdotes.

5 - Indra, inteligente, estimado dos sacerdotes, aproxima-te, aceita a prece do oficiante ao derramar a libação.

6 - Indra, rápido em corcéis celestiais, acorre às preces do oficiante e nesta libação aceita o alimento que te oferecemos.

7 - Deuses universais, protetores e sustentáculos dos homens, vós que distribuis as recompensas, vinde às libações, oferecidas por aqueles que vos adoram.

8 - Venham às nossas libações os deuses universais, ligeiros como os raios solares, vindo com o nascer do dia.

9 - Aceitem o sacrifício os deuses universais, sempiternos, sem malícia, distribuidores de riquezas.

10 - Sarasvati, purificadora do coração, distribuidora de alimentos, doadora de opulência, recompensando o culto que lhe prestam, venha às nossas cerimônias, chamada pelas ofertas que vos dedicamos.

11 - Sarasvati, inspiradora daqueles que amam a verdade e que instrui o homem de espírito reto, aceitou o nosso sacrifício.

12 - Sarasvati, pelos seus atos, manifesta um rio caudaloso e ilumina todas as inteligências.

(2, 1)

(Composto pelo mesmo richi e oferecido a Indra)

1 - Cada dia, invocamos aquele que nos protege com suas boas ações. Nós o chamamos assim como o pastor chama a boa vaca para lhe tirar o leite.

2 - Tu, que bebes o suco do soma, vem aos nossos sacrifícios participar das libações. Distribuis as riquezas e, em verdade, és tu que aumentas os nossos rebanhos.

3 - Reconhecemos seres um dos justos, mais próximos de nós. Vem até onde estamos. Não nos desprezes para te mostrares a outros.

4 - Fiel, dirige-te ao sábio e poderoso Indra, que aos seus amigos concede as melhores bênçãos. Consulta-o a respeito da ciência do oficiante, que receita seus louvores.

5 - Ao celebrarem seus ritos, exclamem nossos oficiantes: “Ímpios, afastai-vos daqui e de onde ele é adorado”.

6 - Destruidor dos inimigos, digam nossos adversários que nós somos felizes. Sejam elogiados de todos. Possamos gozar da felicidade, que vem dos favores de Indra.

7 - Ofereci a Indra o suco preparado para o sacrifício, honra do sacrifício, e que alegra os mortais. É preferido por Indra, que concede felicidade a quem lhe apresenta oferendas.

8 - Oh Satakrata, quando bebas o suco do soma, combates Vrita e o mata, saindo triunfante desse combate.

9 - Satakrata, poderoso nas batalhas, nós te oferecemos alimentos em sacrifício, a fim de que nos dispenses riquezas.

(2, 2)

Composto pelo richí Madhchhandas e dirigido a Indra.

1 - Apressai-vos, amigos, em vir aqui, oferecendo louvores. Sentai-vos e repeti os louvores a Indra.

2 - Quando se derramar a libação louvai todos, Indra, vencedor de todos os inimigos, distribuidor de muitos benefícios.

3 - Conceda-nos ele o que desejamos, faça-nos adquirir riquezas, ajude-nos a alcançar saber, e venha até nós trazendo-nos alimentos.

4 - Cantai, Indra. Os seus inimigos não esperam pelos corcéis atrelados ao seu carro.

5 - Estes puros sucos de soma derramam-se para a satisfação daquela que bebe as libações.

6 - Indra, autor de boas obras, sorvendo a libação, adquiriste de repente maior vigor, permanecendo o maior entre os deuses.

7 - Indra, que louvamos, sejam absorvidos por ti os sucos do soma, que levam à posse de inteligência superior.

8 - Já te glorificaram nos cânticos e hinos, Satacrata. Nossos louvores glorifiquem-te sempre.

9 - Indra, protetor sem rival, goza das nossas ofertas. Nelas estão todas as virtudes fortes.

10 - Indra, a quem louvamos, não permiti que sejamos ofendidos. És poderoso, defende-nos da violência.

(2, 4)

1 - Os chantres do Samaveda festejam Indra em seus cânticos. Os que recitam o Rig celebram-nos em seus hinos. Os leitores do lajur glorificam-no ao recitarem seus textos.

- 2 - Aí vem Indra, protetor de todas as coisas. Aí vem com seus corcéis, por sua ordem atrelados com os ricos ornamentos. Aí vem Indra que maneja o raio.
- 3 - Para fazer todas as coisas visíveis, Indra ergueu o sol no céu e encheu as nuvens de água abundante.
- 4 - Indra invencível, protegi-nos nas batalhas em que há despojos abundantes. Dá-nos uma defesa insuperável.
- 5 - Invocamos Indra para dispormos de muitos bens, para que nos faça ricos. É nosso aliado e dispara o raio contra os nossos inimigos.
- 6 - Abre as nuvens, tu que derramas as chuvas. Atende aos nossos desejos. Satisfaz sempre os nossos pedidos.
- 7 - Todos os altos louvores aos outros deuses são também devidos a Indra, que possui o trovão. Não sei de louvor igual à sua grandeza.
- 8 - Aquele que derrama a chuva, o senhor poderoso, sempre favorável aos nossos pedidos, defende os homens com a sua força assim como um touro protege o rebanho.
- 9 - Indra só reina sobre as criaturas humanas, dispõe das riquezas e governa as cinco classes de habitantes da Terra (1).
- 10 - Invocamos Indra em nosso favor, Indra que está por toda parte entre os homens. Que ele nos pertença, seja somente nosso.

(3, 1)

(Pelo mesmo richí)

- 1 - Indra, que és fonte da vitória, que humilhas os nossos inimigos, para nossa segurança, dá-nos abundantes riquezas.
- 2 - A fim de com elas podermos rechaçar nossos adversários, nos combates a cavalo ou a pé. Protege-nos, sempre.
- 3 - Indra, tua proteção é arma temível. Com ela podemos aniquilar nossos inimigos.
- 4 - Sendo tu nosso aliado, Indra, com o auxílio dos soldados flecheiros, podemos vencer as tropas inimigas, no campo de batalha.
- 5 - Indra é poderoso e supremo. Ao senhor do raio pertence a grandeza. Seus fortes exércitos se estendem por todo o céu.
- 6 - Os sábios desejosos de sabedoria, os homens que querem filhos, os guerreiros que recorrem a Indra, nas batalhas, alcançam o que pedem, todas as vezes que invocam Indra.

7 - Como as montanhas regadas pelas torrentes, Indra, está sempre fresco teu ventre, que cresce como o oceano, ao sorveres em abundância o suco do soma.

8 - Em verdade, são sinceras e dignas de respeito as palavras de Indra, a quem o adora. São como o galho carregado de frutos. Elas nos trazem as vacas.

9 - Indra, verdadeiramente, em todo tempo, tuas glórias protegem a quem te adora.

10 - Em verdade, devemos de cantar e recitar os louvores a Indra, para que ele possa sorver o suco do soma.

(3, 4)

(composto pelo richi Setri, filho de Madhachhandra)

1 - Com nossos louvores glorifiquemos Indra, vasto como o oceano, o mais valente dos guerreiros, que combatem em seus carros, senhor do alimento, protetor dos homens virtuosos.

2 - Apoiados em tua amizade, poderoso Indra, nada temos que temer e te glorificamos, vencedor invencível.

3 - Aos que oferecem alimentos e muitas vítimas, aos que entoam hinos, não faltarão a antiga generosidade e a proteção de Indra.

4 - Nasceu Indra para conquistar as cidades. Sempre jovem, sempre sábio, possui força infinita. Protege todas as ações piedosas, recebe inúmeros louvores e maneja o raio.

5 - Senhor do raio, és tu que abres a caverna, onde Vala ocultava os rebanhos. Não mais o temeram os deuses oprimidos, quando obtiveram tua amizade.

6 - Atraído por tua liberalidade, venho a ti, herói. Celebro tua munificência, derramando esta libação. Aproximam-se de ti os que realizam esta cerimônia, pois eles sabem que és dadivoso.

7 - Com os teus ardis, Indra, mataste Sachina . Os sábios conheceram tua grandeza. Concede-lhes alimentos em abundância.

8 - Com todo o coração, louvam a Indra, senhor do mundo, cujos benefícios se contam por milhares e até mais.

HINOS DO SAMA VEDA

(Prapatata 1, Dasati 2)

1 - Ahi - Agni divino, louvam-te estes homens a fim de adquirirem força. Destrói seus inimigos, cura-os das duas doenças.

- 2 - Vamadeva - Imploro-te com as minhas preces. Es o mensageiro dos deuses, o possuidor de toda riqueza, o portador das ofertas, o imortal, o grande sacrificador.
- 3 - Em tua presença colocam-se as irmãs, devoradoras do sacrifício. Elas concedem riqueza e andam por todos os lugares.
- 4 - Maduchhanda - Agni, que desfazes as trevas, nós nos aproximamos de ti, todos os dias, com nossa mente esclarecida, prosternando-nos.
- 5 - Sunassepa - Agni, conheces a maneira de se louvarem os deuses, sabes qual o gênero de louvores com que se obtêm os favores de Rudra, que aperfeiçoa todo sacrifício feito na moradia dos homens.
- 6 - Medatiti - És convidado ao excelente sacrifício. Bebe o sumo da planta da lua. Vem, Agni, acompanhado dos Maruts.
- 7 - Sunassepa - Desejo adorar-te com os ritos sagrados, tu que és como um cavalo de guerra e que brilhas acima dos sacrifícios.
- 8 - Assim como te chamaram Aurva e Bhrigu, assim te chamas Agni o puro, residente no oceano.
- 9 - Que o homem esclarecido por Agni execute o sacrifício sem distrair-se. Sou o homem que acende Agni com as ofertas que dissipam as trevas.
- 10 - Vatsa - Agora, os homens olham a luz admirável, outrora unida às águas e hoje no firmamento.

(1, 10)

- 1 - Namadeva - Nós nos refugiamos ao lado do rei Soma, Varuna, Agni, Aditia, Visnú, Suria, Brahma e Vriaspatis.
- 2 - Os conquistadores da terra elevam-se do mundo inferior às altas regiões do céu, tal como subiram ao paraíso os descendentes de Angiras.
- 3 - Nós te acendemos, Agni, a fim de nos concederes grandes riquezas. Tu que fazes chover as bênçãos, aprova nossos manjares excelentes, próprios para os sacrifícios, produto do Céu e da Terra.
- 4 - Gritsamada - Tudo quanto dizemos é expressão sincera do nosso pensamento. Agni sabe onde se servem as ofertas dos sacrifícios. Assim como o céu envolve o horizonte, assim Agni inspira os nossos cânticos.
- 5 - Paiú - Agni, destrói em toda parte o funesto esplendor dos nossos inimigos. Destrói o poderio e a força dos gigantes Iatudanas.

6 - Prascanva - Agni, prepara aqui um excelente sacrifício para os Vasús, os Rudras, os Aditias, e para os outros deuses, descendentes de Manú, para as divindades que trazem a chuva.

(2, 5)

1 - Canva - O estalido do chicote que eles empunham ouve-se até aqui assim como também o ruído dos seus carros, pintados de muitas cores.

2 - Trisoca - Indra, que estás. bebendo o sumo da planta da lua, os teus amigos aqui presentes olham-te com a afeição de um dono de rebanho a olhar para o seu gado.

3 - Vatsa - Todos os sacrificantes tratam de aclamar Indra e lhe rendem homenagem, assim como os rios homenageiam o mar.

4 - Cusidina - Pedimos aos deuses que façam cair a chuva, que nos protejam, a fim de estarmos bem amparados.

5 - Medatiti - Ó senhor do alimento, faz por mim, chantage no banquete da planta da lua, o que fizeste por Cacsivan, o filho de Usija.

6 - Sucacsa - Traz-me a ciência, matador de Vrita. Ouve-me, poderoso Indra, possuidor de muitas excelentes qualidades.

7 - Concede-nos, divino Savita, abundantes riquezas e muitos descendentes. Afasta de nós o causador do fatal sono da morte.

8 - Pragata - Onde quer que esteja residindo aquele que envia a chuva, sempre jovem, que envolve tudo, invencível, é lá que o oficiante executa o seu trabalho.

9 - Vatsa - É lá, na região das nuvens, onde se juntam as grandes águas, que o sábio Indra foi gerado pela inteligência.

10 - Irimiri - Elevai a voz para louvar Indra, o rei dos homens, digno de todo louvor, distribuidor de dons, superior aos heróis.

(5, 17)

1 - Agni, que oferece o sacrifício, conhece todas as coisas. Ele é, verdadeiramente, o carro da sabedoria.

2 - Agni, és para nós o chefe dos deuses, nosso salvador, aquele que desperta a felicidade, o motivo dos nossos mais vivos louvores.

3 - Agni, tal como o sol de várias cores, possuis as jóias de todos os príncipes da Terra.

4 - Desde o começo do mundo, tens sido louvado por toda gente e sem dúvida continuas ainda louvado.

S - A deusa da manhã, nobre por sua origem, trata a noite louvada como se fosse sua irmã.

6 - Onde colocarmos os elementos do sacrifício, aí estarão presentes Indra e todos os deuses.

7 - Assim como as veredas se juntam à grande estrada, assim também todas as riquezas se reúnem em ti.

8 - Nós, pais de filhos heróis, que viverão cem invernos, obtivemos o alimento que os deuses trouxeram aqui. Por isso estamos alegres.

9 - A deusa das águas, Mitra e Varuna, fazem germinar a semente. Indra, envia-nos bom alimento.

10 - No mundo inteiro, Indra mostra-se glorioso.

HINOS DO ATARVA VEDA

IV-9

Prece recitada durante o preparo de um unguento preservativo de males e doenças

Vem como protetor de vida! És o olho da montanha, foste concedido por todos os deuses como escudo defensor da vida. e.s salvaguarda para os homens, para as vacas, cavalos, corcéis.

És a salvaguarda que estrangula os feiticeiros. Ungüento, conheces também a origem da imortalidade. És alimento vital, remédio para a icterícia.

Ungüento, quando penetras no corpo, de um membro a outro membro, de uma articulação a outra articulação, expulsas a tísica, como se fosses um rei sentado entre adversários.

A maldição não atinge a pessoa que faz uso de ti, unguento, nem a magia, nem o sofrimento, nem a doença.

Mau conselho, mau sonho, ação má, mau coração, mau olhado, protege-nos de tudo isso, unguento.

Sabedor disso, direi a verdade, não a mentira, unguento! Quero ganhar um cavalo, uma vaca, e a tua própria vida, homem!

O unguento possui três escravas: a febre, a inchação e a serpente. e. teu pai, unguento, a mais alta montanha, a montanha dos três cumes, o Trikakud.

O unguento nasceu na montanha das neves. Que ele estrangule todos os feiticeiros e feiticeiras. Sejas oriundo do Trikakud ou te chames unguento do rio Iamuna, estes dois nomes são propícios e por eles protege-nos, unguento!

V - 21

Ao tambor

Leão que vai dominar e vencer o inimigo, brada contra eles o tambor de guerra, feito da árvore da floresta e do couro das vacas vermelhas.

O tambor de madeira, amarrado em cordas, rugiu como leão, mugiu como touro atrás de novilha. És touro e os teus inimigos são animais castrados. Quando abates os adversários, o teu ardor é o de Indra.

Com tua força apareces como touro no meio do rebanho. Urra aos inimigos, vencedor na luta e possuidor dos despojos do combate. Fere e queima o coração dos adversários. Aterrorizados, fujam os inimigos das suas cidades.

Tu, vencedor de batalhas, possuidor de despojos, onde estiveres, sê atento, mugindo para o céu. Tambor serviçal, sê tu um eco da palavra divina. Traz-nos a riqueza do inimigo.

Ao ouvir o som longínquo do tambor, a mulher desperta e corre suplicante para o seu filho, a quem agarra pela mão, ela, nossa inimiga, temendo as armas da morte na confusão do combate.

Tua voz será a primeira a ouvir-se. Fala, resplandecente no dorso da Terra. Pasma o inimigo, sejam teus sons palavras brilhantes e viris.

Ouçã-se um estrondo entre as duas cúpulas do mundo, rápidos propaguem-se os sons. Urra, troveja, ameaçador. Repete o som da vitória dos nossos amigos, sê bom companheiro.

Feito por nossas orações, ouça toda gente a tua voz. Faz que se levantem alegres as armas dos nossos combatentes. Convoca os nossos guerreiros. Indra é teu aliado.

Arauto altissonante, arma ousada, orador, ressoante de cidade em cidade, amante da glória, sabedor dos meios de alcançá-la, distribui a muitos a fama, nesta guerra dos dois reis.

Facho de glória, conquistador de riquezas, poderoso vencedor de exércitos, esta benção te exalta. Como a pedra a esmagar a erva do soma, dança, tambor, sobre o despojo que conquistares.

V - 22

Para curar a febre

Agni, expulsa a febre daqui. Expulsem-na Soma, a Pedra do pilão, Varuna de pensamentos puros, o Altar, o Tapete de folhagens, as Achas de lenha, acesas. Anulem-se as inimizades.

Queimas como o fogo, amareleces todos aqueles que consumes.
Pois bem, Febre, perde o teu vigor, foge para longe, para longe.
Erva, com a tua virtude, abate, expulsa a Febre, enrugada,
avermelhada, da cor do ocre.
Eu expulso a febre para longe, depois das minhas homenagens.
Volte para os Mahavrissas a causa das diarréias.
Ela mora com os Mahavrissas, com os Mujavats. Desde o teu
nascimento, Febre, resides entre os Balicas.
Febre amarelenta, manchada, dolorida, vai para longe, vai
procurar a prostituta, bárbara, errante, e atira o teu raio sobre ela.
Febre, vai para os Mujavats ou para mais longe ainda. Vai
procurar a escrava lúbrica. Agita-a bem. Vai para os teus pais, os
Mahavrissas, os Mujavats. Devora-os. São essas a terra que
indicamos à Febre. Estas aqui não lhe pertencem.

VI - 8/9

Para obter o amor de uma mulher
Deseja meu corpo, meus pés, meus olhos! Deseja minhas coxas!
Teus olhos, teus cabelos, amorosa, sofram de paixão por mim!
Faço que te agarres ao meu braço, apegando-te ao meu coração.
Estejas submissa à minha vontade e sob o meu domínio.
Vacas, mães da manteiga sagrada, cuidadosas dos vossos bezerros,
fazei que esta mulher me ame!
Como o cipó enrola-se na árvore, assim não te afastes de mim, sê
minha amante!
Como a águia ao levantar vô toca no chão com as asas, assim eu
toco em teu coração. Sê minha amante e não te afastes de mim!
Como o sol envolve a Terra na mesma luz, assim eu envolvo o teu
coração. Sê minha amante e não te afastes de mim!

HINOS DO YAJUR VEDA

Hino a Brama

O senhor soberano é o senhor de todos os mundos! Mais rápido
que o pensamento, único, eterno!
Nenhum outro deus pode criá-lo, Bramã precedeu-os na criação.
Mais rápido que o vento, excede todos os seres! Basta sua vontade
para mover todo o universo.
Sua vontade vai além das fronteiras do mundo. Aqueles que não
conhecem o Senhor dos deuses são cegos que caminham na

escuridão. Aqueles que conhecem os preceitos do Senhor dos deuses e fingem ignorá-los são duas vezes culpados.

Meu corpo, vil matéria, será desfeito ao vento. Minha alma será salva por Bramã, sabedor de todos os meus atos, de todas as minhas intenções.

Ó Bramã, indica-nos o caminho da felicidade eterna! A fim de sermos dignos de morar em teu império, lava-nos, Bramã, das impurezas dos pecados que comemos.

Nessa taça, estou vendo a verdade oculta no soma do sacrifício!

Hino a Rudra

Tuas formas são benevolentes, Indra, sem crueldade, sem maldade. Tu que tens sido visto andando nas montanhas, olha complacente para nós.

As flechas que empunhas, tu que andas pelas montanhas, faz que ela nos seja favorável. Rudra, não sejas violento para com os homens e para com todas as criaturas vivas.

Nós te dirigimos palavras suplicantes, Rudra, a ti que andas pelas montanhas. Sejam-nos favoráveis todas as coisas vivas.

Falou por nós o advogado, o primeiro médico dos deuses, que esmaga todas as serpentes, abate e expulsa todas as feiticeiras.

Ele é da cor do cobre, vermelho escuro, o deus auspicioso. Esconjuramos os milhares de Rudras, que vivem nos quarteirões próximos de nós. Esconjuramos o seu ódio.

Aquele ser rasteiro e de pescoço azul e escarlate, viram-no os pastores, as carregadoras de água. Todas as pessoas que o viram, tenham piedade de nós.

Poupe-nos a arma de Rudra, passe por cima de nós o desprezo do temível malfeitor. Não alveje os nossos benfeitores. Ó clemente, tem piedade dos nossos filhos, da nossa descendência!

Gracioso, benevolente, sê de boa vontade para conosco, Siva! Pendurando tua arma no mais alto galho de uma árvore, vestido de pele, vem empunhando o teu bastão.

Sagitário vermelho, sejas abençoado, ó Bem aventurado! Que as tuas mil flechas firam outros, não nós.

Mil vezes mil são as tuas flechas. És o Senhor, ó Bemaventurado! Afaste-se de nós a tua face.

São inumeráveis os Rudras, há milhares de Rudras na Terra, mas nós fecharemos os seus arcos no espaço de mil léguas.

Os Bavas no grande oceano, entre os dois mundos; os Rudras de pescoço azul e peito negro, que andam pela Terra; os amarelos-vermelhos, nas florestas, os pescoços azuis, os vermelhos, os que nos fazem mal em nossos alimentos, em nossas bebidas, os vultos dos fantasmas, os de perucas, os de cachos, os vigias do caminhos, os barulhentos, os valentões, que atravessam rios usando capacetes, empunhando lanças, aqueles outros muitos, os Rudras, que estão nas alturas, nós detemos os seus arcos no espaço de mil léguas.

Os Upanichadas

Introdução

Que são os Upanichadas? Escritos em que se leem especulações filosóficas sobre postulados implícitos nos Vedas herdados da tradição hindu pré-ariana. Teriam sido redigidos, entre os sexto e quinto séculos anteriores à era cristã, segundo René Grousset, ou em período compreendido entre 300 e 1.000 anos anteriores à nossa era, segundo Radhakrisna. Max Müller indica a possibilidade de se haver iniciado a sua elaboração, mais ou menos 700 anos antes de Cristo.

Quanto ao número, se Radhakrisna o limita em 108, Louis Renou eleva a quase 300 o dos Upanichadas post-védicos, reduzindo a poucos os antigos, anteriores à elaboração da Vedanta.

Seriam estes os seguintes: Brihadaranyaka, Chandogya, Taittiriya, Kausitaki, Kena (parcialmente em prosa); redigidos em verso: Iça, Katha, Mundaka e Svetasvatara; em prosa clássica: Prasna e Maitrayani, Se acrescentarmos o Mahanavayana e o Mandukya, obtém-se 13 Upanichadas, propriamente védicos, que são a base sobre a qual se levantou o edifício do Vedanta.

A redação de alguns tem a forma de diálogo, a forma a que Platão submeteu a exposição de sua filosofia.

Voltando à questão de datas, observa Louis Renou que, sem se admitir reciprocidade de influência entre a doutrina dos primeiros Upanichadas e a do Budismo primitivo, é lícito supor que ambas se tenham desenvolvido paralelamente, e se originaram de um fundo comum, que não é apenas ário. Em todo caso, é mais arcaico o pensamento dos Upanichadas. O mesmo indianista aceita a possibilidade de terem sido compostos, os mais antigos, cerca de 500 anos antes de Cristo.

Acrescentarei, no entanto, que a possível data de redação não exclui a hipótese de terem tido os Upanichadas, pelo menos os primeiros, mais remotos, elaboração mais longa, que tenham até sofrido alterações ou acréscimos no decurso dessa elaboração,

visto que o uso da escrita na Índia era de data relativamente recente.

Não há ousadia em dizer-se que a escrita, entre os hindus, era novidade de um ou dois séculos antes de Buda.

Os Upanichadas expõem considerações de cunho filosófico em torno dos princípios implícitos nos hinos védicos e cujo texto se devia à "revelação" divina, sendo assim tidos e aceitos pelos brâmanes. O conhecimento dessa literatura revelada e sagrada portanto constituía privilégio da casta bramânica.

Teria sido redigido o ensino dos Upanichadas com o propósito de "laicizar" aquele conhecimento, laicização que acarretaria necessariamente a crítica e a inclusão de pontos de vista heterodoxos, na sua exposição?

Haja vista o título genérico da coleção dos textos: Upanichada. Pelos seus elementos componentes, alude a palavra à "reunião de pessoas sentadas em roda" ou "ao lado". Por conseguinte, expõe o texto, em diálogo ou não, em prosa ou verso, o ensino ministrado por um guru aos seus alunos ou amigos em aulas, reuniões ou tertúlias, talvez animadas pelas discussões.

Com base em diferentes definições apresentadas por indianistas europeus, eu diria que Upanichada significa "comentário" ou "glosa confidencial".

Com efeito, todos quantos tenham leituras dos dois sistemas de filosofia hindu, o Vedanta e o Sâmkhya, perceberão que a aparentemente simples contextura dos mais antigos Upanichadas esconde uma engenhosa dialética entre os pressupostos do Vedismo e os do Sâmkhya.

O Vedismo era um ritualismo propiciatório como todos os ritualismos, cujas práticas teriam sido elaboradas empiricamente. Do ponto de vista filosófico teria, naturalmente, de conduzir ao dualismo do Sâmkhya, mas a verdade é que dentro dele foi-se processando uma teoria mística, a da interiorização humana do ritual e dos seus efeitos, nos planos sutis da natureza. O sacrifício deixaria de ser apenas uma prática material, externa, e se

transformaria em método de ascese, de subida da alma do homem até à divindade, para obter a graça da imortalidade, a respeito da qual eram ainda duvidosos os tantos ricos compositores de hinos.

Nos "Upanichadas", o problema do Ser e conseqüentemente, o Destino do homem, estão considerados ao mesmo tempo sob dois pontos de vista: um racional _ e outro, místico. Além disso, sob a tese monista, 'explícita, há outra implícita, a dualista.

A monista acabou por ser o fundamento da filosofia Vedanta, ou seja, da "Conclusão dos Vedas", Dizer como se deu a passagem do naturalismo dualista dos Vedas para o espiritualismo monista do Vedanta exigiria longa digressão em torno da expansão dos árias na Índia, expansão de cunho imperialista e por isso mesmo avassaladora nos planos econômico, social e espiritual.

Os autóctones dispunham já de cultura milenar, técnicas agrícola, curativa, mágica, cultos fetichistas, mitos, tradições e rudimentares sistemas de interpretação filosófica do mundo e da existência. Estariam já organizados em nações que, à mão armada, resistiriam aos invasores e de cuja resistência seriam ecos as epopeias do "Mahabharata" e do "Ramayana".

Dispusessem os Árias de superioridade de armas, teriam, sem dúvida, destruído totalmente a civilização dos aborígenes da Índia, assim como os Espanhóis fizeram com as dos Maias, Toltecas, Aztecas e Quíchuas, e os Portugueses com os Tupis e Tapuias.

Não puderam pois os Árias exercer pleno domínio político e religioso por toda a península indústânica. Em muitas regiões, a resistência dos autóctones conseguiu moderar a sujeição. No Nordeste e no Sul da Índia, foi possível menor aspereza nas relações, em vez da destruição das tradições pré-arianas, de modo que séculos mais tarde, do Nordeste saíam o Budismo e o Jainismo, duas formas avançadas do sincretismo filosófico-religioso hindu, uma muito afim com o Tantrismo realista e mágico, outra com o Ioga subjetivista. Antes do Budismo e do Jainismo, o Sânkhya se apresentaria como outra forma racionalista de sincretismo dos pressupostos do dualismo

naturalista dos Vedas, do magismo do Tantra e do misticismo do Ioga.

As teses da legítima filosofia Vedanta são as seguintes: 1- monismo; 2 - caráter ilusório da nossa percepção do mundo e ideação; 3 - temporalidade e, por conseguinte, insubsistência do mundo; 4 - a divindade suprema é transcendente em sua essência, sendo inefável o nosso conhecimento a seu respeito.

Monismo

Os Vedas pressupõem o dualismo entre o homem e os seres que governam o mundo. Entretanto, a meditação e a prática do Ioga revelaram à consciência uma realidade interna, sutil, que no ser humano assume a forma de "eu" de algum modo estranho ao mundo fenomênico, embora necessite dos dados sensoriais para adquirir noção da contradição entre a sua própria realidade e aquele mundo.

Distinguem-se, no entanto, o Sânkhya e o Vedanta. O Ioga do Sânkhya tem por finalidade subtrair a alma ao império do mundo sensorial, que é de ordem diversa. O do Vedanta se aplica a absorver na alma tudo quanto lhe oferece o mundo dos sentidos, mediante o entendimento da identidade de natureza entre a alma do homem e as de todos os seres, da identidade de substância da divindade, do homem, dos animais, vegetais e minerais.

Para o Sânkhya são irredutíveis Purucha - espírito - e Prakriti - matéria. Segundo a Vedanta, não há essa irredutibilidade. Alma e Natureza têm uma única substância fundamental, a de Brahma. E por sua vez, Brahma é a primeira limitação da essência absoluta e universal.

A unidade fundamental, a identidade universal de substância, exprime-se no postulado Tat twam asi - "Tu és Aquilo" -, podendo ser aquilo uma pedra, uma árvore, um animal, um outro homem, um deus, um astro, ou o próprio Criador - Iswara, uma das hipóstases de Brahma.

Não se trata bem de panteísmo, como de começo supuseram os indianistas europeus, e sim de panpsiquismo. Em outras palavras,

trata-se no Vedanta da versão místico-racional das antigas crenças animistas dos autóctones da Índia. Essa versão foi o resultado da auto-análise da vida interna do homem, autoanálise subordinada a rigoroso método de investigação dialética, segundo o Ioga.

Caráter ilusório da nossa percepção do mundo e ideação

Somente agora adquirimos noção do sentido que, no Vedanta, se atribui à palavra Maya - ilusão. O Vedanta não postula a irrealidade do mundo fenomênico, mas afirma, tal como Platão, ser ilusório nosso conhecimento desse mundo.

A individualização da alma de natureza divina implica em subordinação da consciência individual às condições de Tempo e de Espaço, de modo que nessa consciência, como em espelho embaciado ou coberto de pó, se deformam as imagens do mundo.

Acresce ainda que a esfera exterior do ente, o corpo - chariras, por sua instabilidade é obstáculo à percepção da substância divina no íntimo do homem e no interior das coisas. Cabe pois à vontade anular essa instabilidade, de modo que o intelecto dê à consciência interna imagens puras dos processos fenomênicos. Para isso, o intelecto se submeterá a uma disciplina áspera e sutil. Essa disciplina se compõe de métodos de análise rigorosa de todos os dados, externos e íntimos. Um desses métodos é lógico, ou melhor, dialético e se acha exposto no NYAYA. Outro é psicanalítico e de teor moral. Um e outro, porém, se fundem no Ioga vedantino, cujo princípio fundamental foi assim formulado por Patânjali: "Ioga é a cessação das perturbações do espírito".

Cabe no entanto, ainda, esclarecer algo a respeito do conceito hindu de realidade. Os hindus não distinguem entre verdade e realidade, que para eles são dois conceitos sinônimos. O fundamento da realidade está na permanência, e assim o que for permanente será real, o que é real será verdadeiro. Conceituam, pois, a verdade, a realidade, a permanência, de um modo só, um modo ontológico, em vez de lógico tal como fazemos no Ocidente. O Universo, em si mesmo, é portanto real. Ilusória

será nossa percepção das coisas do Universo, do mesmo Universo.

Temporalidade e, por conseguinte, insubsistência do mundo

Falando de temporalidade, cumpre observar que o hindu não concebe o tempo à nossa maneira. Em face dos acontecimentos sucessivos, sua primeira atitude é a de menosprezo. Esses acontecimentos são transitórios e portanto carecem de valor em relação à eternidade da vida divina.

Somente a eternidade é real e verdadeira. O mundo com as suas transformações incessantes, a sua instabilidade fenomênica, não tem sentido próprio. O universo é um divertimento de Brahma. A realidade do mundo está somente em sua limitada participação da natureza divina.

O universo é Brahma a limitar-se, espontaneamente, livremente. Em Brahma não há tempo, mas o limite que a divindade estabelece à sua forma adquire, perante a nossa sensibilidade e inteligência, o aspecto de Universo. Aquilo que nos parece Tempo e temporalidade nada mais é do que a maneira segundo a qual concebemos o impulso da vida de Brahma, circunscrita a uma seção do infinito espaço que é também Brahma.

Nem por isso deixa o Universo de ser real. Mas se supusermos que essa realidade se acha nos fatos e acontecimentos sucessivos, essa suposição é Maya - ilusão, pois em verdade o fenômeno apenas é exterioridade.

Destarte, segundo o Vedanta, carece de sentido a noção de tempo como sucessão e como condição de "vir-a-ser". O que se poderia denominar de tempo sena o intervalo entre o início e o término do percurso de atma - alma pelos diversos planos fenomênicos do espaço, pelo Universo. Em toda sua extensão, esse percurso descreve um movimento pendular.

Ao desprender-se de Paramatma - Alma universal Brahma - atma adormece até o mais baixo limite extremo dos planos fenomênicos, sendo esse o primeiro movimento. Aí se processa o

movimento pendular de retorno e a alma vai despertando, à medida que volta a se aproximar de Brahma.

A existência de tudo se acharia pois submetida a duplo ritmo fenomênico: um centrífugo, outro centrípeto, expiração e inspiração de essências. Em suma, não há sucessão de fatos, nem de Coisas, nem de seres. Reduz-se a sucessão a mera notação subjetiva em ahamkara, qualidade do eu condicionado à limitação da consciência no plano material. Desfeita essa limitação, no decurso do segundo movimento pendular, o de retorno de atma à intimidade de consciência com a de Brahma, não se dará mais a ilusão de tempo, nem consideraremos o universo como algo sem fim, indefinido, corrente sem começo e sem fim, onde coisa nenhuma nasce, coisa nenhuma morre, mas onde tudo se transforma.

Assim considera o Universo o Vedanta ortodoxo, a Escola Advaita. Iludimo-nos ao supormos que as coisas e seres se sucedem. O Universo nasce, cresce e morre. Seu nascimento está em um gesto de Brahma; seu crescimento em um movimento centrífugo da natureza de Brahma: sua morte em outro movimento, este centrípeto da mesma natureza de Brahma. Evolução, involução, , passado, presente, futuro, são representações ilusórias formadas em nossa consciência individual, limitada, condicionada em uma forma corporal. Portanto, o Universo não subsiste como algo distinto de Brahma e sua realidade decorre da realidade de Brahma.

A divindade suprema é transcendente em sua essência, sendo inefável o nosso conhecimento a seu respeito

Qual seja a relação, primeira e última, entre a Realidade ou Ser Supremo, o Universo e o Homem, eis o problema crucial que o Vedanta cuidou de solucionar com o monismo da Escola Advaita. Cabe, no entanto, observar a sutileza dos conceitos da Advaita, no que diz respeito à unidade substancial da Divindade e do Mundo, sobretudo porque tais conceitos não resultam somente de elucubração racional, mas também se apoiam em vivências psicológicas do praticante do Ioga.

Daí assumirem eles a forma de axiomas. Não direi que se trata de pontos de fé, pura e simples, mas esses conceitos supõem um modo de elaboração, incompatível com o da exclusiva lógica formal.

Estabelece a Escola Advaita ortodoxa a identidade substancial, portanto, a unidade de essência entre o Universo e Brahma, ensinando, porém, que a consciência de tal unidade excede o poder de expressão da inteligência discursiva, de modo que estará prejudicada, pela contradição nos termos, qualquer proposição afirmativa ou negativa, a respeito da divindade absoluta.

Net, Net, Net - Não, Não Não - é o que de mais seguro se pode formular, quanto ao Inominado. Basta-nos, pois, a consolação da fórmula ontológica:

Tat Twam Asi - Tu és Aquilo.

As teses fundamentais do Vedanta poderiam levar-nos à suposição de que se trata de sistema uniforme, íntegro, fechado. Essa filosofia é mais conjunto de doutrinas do que síntese. Tais doutrinas, aliás, mostram suficientemente a reelaboração bramânica de crenças e de pontos de vista sem relação com o naturalismo dos Vedas. Melhor seria dizermos que o Vedanta resulta do esforço dos brâmanes em demonstrarem que nos Vedas se achavam implícitos os princípios explícitos dos Upanichadas. Nem por isso, entretanto, na Índia, jamais deixou de ser o Vedanta a mais influente e prestigiada filosofia. Segundo Renato Grousset, esse darçana é "o mais fiel representante do pensamento hindu, o legítimo herdeiro dos Upanichadas, o intérprete oficial da ortodoxia bramânica",

O vedantismo se expõe em cinco escolas maiores:

Kevaladvaita - monismo idealista e radical - Sankaracharya;

Vicistadvaita - monismo relativo - Ramanuja;

Dvaitadvaita - sincretismo do monismo e do dualismo - Nimbarka;

Dvaita - dualismo - Madhva;

Suddhadvaita - monismo realista e radical - Vallabha,

Propõem-se estas cinco escolas à interpretação dos Brahma-Sutras - "Sentenças de Brahma" - cuja autoria se atribui a Badarayana, brâmane que teria existido cerca de 500 anos antes de Cristo. Todas se iniciaram em um período que se estende por 700 anos, desde Sankaracharya (788 - 820) até Vallabha (1479).

O brâmane Sankaracharya teria existido de 788 a 820, tendo pois morrido ainda moço, aos 32 anos de idade. Seu mestre fora discípulo de Gaudapada, autor de um comentário - Mandukya-Karika - sobre o Mandukya Upanichada, constante deste volume. A Escola de Sankaracharya apoia-se em uma ontologia que nos lembra Parmênides. Que é o ser? Unidade absoluta, identidade fundamental da causa e efeito. Por sua unidade, o ser nem nasce, nem evolui, nem morre. Somente ele é verdadeiramente. Aquilo que aparece, ' o fenômeno, se reduz à superfície ilusória e instável, sob a qual está o ser. "Em verdade, o ser, livre e quieto, sem forma, não pode conceber-se unido às coisas. Devido à nossa visão limitada é que atribuímos cor azul ao céu".

Pela simplicidade, pela inalterável identidade, a essência de Sat - Ser - é espírito. De outro modo, seria ele divisível, mutável.

Apliquemos essa noção de ser aos três seguintes problemas: Alma - Universo - Deus. Para Sankaracharya, como para Descartes e Kant, no conceito do "eu" é que se apoia a demonstração da possibilidade ou impossibilidade de conhecimento, Não é possível objeto cognoscível sem o sujeito que conhece ou desconhece.

Descartes e Kant, porém, formularam a relação entre sujeito e objeto de conhecimento em termos de lógica. Ao modo de Parmênides, Sankaracharya estabelece relações existenciais entre mundo, eu e ser. O eu se reduz a mera categoria psicológica. Do ponto de vista do ser, consiste o eu do agregado dos fenômenos da existência, tal como se dão em uma criatura humana. O eu será também fenômeno. Aliás, o eu psicológico, fenomênico, é a condição da manifestação de outra espécie de eu; de Atma, expressão individual de Paramatma, de Brahma.

Paramatma será Atma, no interior da criatura, alma da alma. Sendo impessoal, indivisível, indeterminado, infinito, como o Ser

em si mesmo, o legítimo eu, o Super-Eu; não será objeto e sim sujeito do conhecimento. Ele é quem conhece.

O eu inferior ou psicológico reduz-se pois a um feixe de upadhis, ou seja, das condições determinantes da existência das criaturas. São eles: Manas - sensibilidade interna; Indriyani - órgãos sensoriais; Karmenindriyas - órgãos de ação; Prana - energia vital e outros, no total de dez.

Destarte, o eu psicológico, inferior, careceria de realidade ontológica e sua existência, portanto, seria também um upadhi, em relação à alma, sendo ilusório o seu conhecimento, uma vez que a sua própria insubsistência impede-nos de adquirirmos consciência da realidade, oculta sob o véu do mundo fenomênico.

A vidya - "não-ciência" - é a designação genérica para todos os processos de relação da consciência do eu em face da existência, seja exterior como interior. O eu toma por verdadeira ou real a sua representação do mundo externo ou interno, visto que ignora intervirem nessa representação os processos da sua sensibilidade externa e os da interna.

Mas haverá realidade externa? Será o mundo real? Nega-o Sankaracharya. E por negá-lo estabelece a impossibilidade de ciência da natureza e suas leis, tal como pretendem os ocidentais, ou melhor, segundo o critério científico.

Ora, se o mundo é irreal, como se pode dar a consciência desse mundo? Em rigor, não há possibilidade de consciência do irreal, do inexistente.

Sankaracharya, entretanto, não se embaraça com essa *contradictio in re* - não se incomoda com a contradição implícita em sua negativa. Socorre-se do apriorístico conceito de Maya. Maya seria a condição universal de todo o existente, do universo e de nós. Maya não é essência, não é substância, e sim maneira de ser das coisas e seres. Maya é impermanência, insubsistência. Maya é a maneira como está o ser relacionado com o tempo e o espaço.

Apenas o Ser - Sat - se acha imune de Maya, de ilusão, porque não se move, não se transforma (Parmênides), nem nasce, nem envelhece, nem morre. Sat é o Incondicionado, o Ilimitado. É e não existe, de modo que Maya será a natureza do não-ser, do efêmero, do limitado, do composto, do orgânico e até de tudo quanto for substância.

Maya há de ser inessência e, portanto, categoria universal da existência. A ilusão qualifica tudo quanto não for o ser.

No que diz respeito ao conhecimento, Sankaracharya postula o problema em termos ainda mais radicais do que Berkeley, para quem tudo pode ser visto em Deus. Para o mestre hindu, com o seu monismo integral, se virmos Deus, nada mais veremos. Com efeito, em Brahma só há o real. Se Maya for a natureza de todo o universo, em Brahma não há possibilidade de ilusão. Por conseguinte, sendo Brahma o Ser, a Realidade, nele não subsistirá Maya, ilusão.

Com efeito, não se admitindo contradição no Ser, este, por si mesmo, excluirá o não-ser, a inessência de Maya. O efêmero não se achará no eterno, o ilusório no real. Em Brahma, em Deus, vemos só realidade. Por isso serão irrealis os Arquétipos de Platão, as Ideias, as Formas, os Números, e até Iswara, o deus pessoal, demiurgo e senhor dos mundos, epifânia ou manifestação de Brahma.

Em verdade, se levarmos os princípios de Sankaracharya às últimas consequências lógicas, seremos forçados a nos atirmos no agnosticismo radical. O ser absoluto, incognoscível, que para nós seria como um não-ser, está além das possibilidades do raciocínio, ainda o dialético, e nos é dado somente em um ato de pura intuição, indefinível, que se realizaria graças a uma ataraxia, resultante do esforço da alma para voltar à sua origem extra-temporal e extra-espacial.

Em suma, Sankaracharya ensina:

- a) o ser é único, infinito, radicalmente simples;
- b) atma, também simples, é esse ser;
- c) Brahma é esse atma e esse ser.

Qual o tipo do racionalismo hindu? Dialético, responderá qualquer universitário ou estudante de filosofia. Nem por ser assim parecerá estranho aos que se familiarizaram com a história do pensamento filosófico. No que diz respeito aos problemas, estes são os mesmos que constituem o objeto da nossa metafísica. Qualitativamente, não o tenho na conta nem de melhor, nem de pior do que o dos ocidentais. É um pensamento muito humano, pela angústia que nos tem levado a urdir sistemas de defesa para o espírito consciente da morte e que não se conforma com o seu aniquilamento.

Para o homem dotado de espírito filosófico, tudo há de ser objeto para a sua reflexão. O legítimo filósofo não levantará barreiras ao pensamento, não desvalorizará o trabalho do espírito aplicado às realidades imensuráveis, às coisas qualitativas.

É-nos lícito, sim, interpretar os tipos de pensamento, relacioná-los com as épocas, o meio físico, a organização das sociedades, a técnica de produção de bens, a etnia, mas não devemos subestimá-los. Considerem-se as criações do espírito com um critério em que se contrabalancem o ceticismo, no que diz respeito à verdade dos sistemas, e a fé no homem do futuro, que será criação de todos quantos foram e são, na atualidade, inteligentes e bons.

Não posso dizer se a Índia estacionou, se o Ocidente está prosseguindo. O que asseguro é não haver diferença fundamental entre a sua e a nossa resposta ao enigma que a Esfinge, de garras dilaceradoras e olhar sereno, propõe ao homem, dia e noite; desde que Prometeu nos trouxe o fogo do espírito. Resposta que mais cedo ou mais tarde reduzirá a cinzas a nossa angústia e o ódio que tantas formas assumem no coração humano, a religiosa, a política, a filosófica, a econômica, a racial, o ódio, expressão de algo que rebaixa a espécie humana à condição de sub-animal porque os animais não odeiam.

Raul S. Xavier
1972

Upanichadas - Fragmentos

KATHA UPANICHADA

CAPITULO I

1o Valli

1 - Desejoso de alcançar o céu, o filho de Vajasrava (Gotuma) deu tudo quanto possuía. Tinha ele um filho de nome Nachiketas.

2 - Enquanto o pai distribuiu a seus bens, o rapaz estava apreensivo a respeito do futuro bem-estar de seu progenitor.

3 - E pensava consigo: "Certamente, irá para os mundos da desgraça o sacrificador que dá as vacas, que comeram a relva, beberam água, produziram leite e são estéreis."

4 - Então perguntou ao seu pai: "A quem me darás?" Por três vezes, repetiu a pergunta. Furioso, respondeu-lhe o pai: "Eu te darei à Morte."

5 - Pensou Nachiketas: "Entre muitos filhos, sou o primeiro. Entre muitos outros sou medíocre, mas não estou entre os ruins. Será que Yama [deus da morte] pretende hoje fazer alguma coisa por meu intermédio?"

6 - "Lembra-te de como procediam nossos antepassados. Considera as ações dos homens de bem do nosso tempo. As criaturas nascem e amadurecem como o trigo".

7 - O Brâmane entra em uma casa como Vaisvanara. Por seu intermédio, o homem de bem faz uma oferta agradável. Toma água, filho de Vivasvat.

8 - As esperanças, as boas amizades, as palavras amáveis, os sacrifícios, as ofertas piedosas, os filhos, o gado, tudo isso é perdido pelo homem pouco sensato, em casa de quem não se servem alimentos ao brâmane.

9 - Disse Yama: "Brâmane, uma vez que sendo tu pessoa venerável, estiveste em minha casa três noites sem te alimentares, eu te saúdo, e nenhum mal te sobrevenha. Para recompensar-te pelas três noites que estiveste em minha casa, sem o tratamento devido, serão satisfeitos três pedidos teus".

10 - Nachiketas: "Morte, acalme-se o espírito de Gotama, aquiete-se a sua cólera, dissipe-se a sua irritação contra mim. Quando me houveres restituído a liberdade, ele me cumprimente, lembrando-se de que sou seu filho. Este é o meu primeiro pedido".

11 - Y ama: "Graças à minha boa vontade. Andalaka, filho de Aruna, voltará a pensar em ti, amorosamente, Dormirá sossegado, durante a noite, como antes. Calmo ele te verá regressar, quando não estiveres mais preso pela morte."

12 - Nachiketas: "Nenhum temor no céu, nenhum temor de que aconteça algum mal no céu. Estejam sempre alegres todos os habitantes do céu, livres da fome, da sede e sem risco de tristezas".

13 - "Morte, não esqueceste o fogo celeste, Ensina-me a conhecê-lo. Este é o meu segundo desejo."

14 - Yama: "Ouve bem minhas palavras, Conheço o fogo celeste, Nachiketas. Sabe que o fogo é a causa de mundos infinitos, a base do universo, e está oculto na cavidade do coração".

15 - Deu-lhe explicações sobre o fogo primordial, sobre os tijolos e seu número, como executar o culto desse fogo. Repetiu Nachiketas o que lhe havia sido explicado. Satisfeito, o deus da morte retomou a palavra.

16 - Disse-lhe ainda o magnânimo deus: "Dou-te ainda um presente. Esse fogo terá o teu nome. Toma este colar de várias cores".

17 - "Quem fizer três vezes o sacrifício do fogo, Nachiketas, depois de ouvir as instruções dos seus três mestres e depois cumprir as três boas ações, dominará o nascimento e a morte. Obtém a paz sem fim, quem conhece e ama o fogo, saído de Brahma, o fogo onde está a sabedoria, o fogo divino e louvável."

18 - "Quem apresentar três oferendas ao pé do fogo, Nachiketas, quando conhecer sua tríplice natureza, estará livre das cadeias da morte, antes de morrer o corpo e, livre da tristeza, alegrar-se-á na morada celestial".

19 - "Este é o fogo celeste que escolheste, Nachiketas, como objeto do teu segundo pedido. De agora em diante, esse fogo terá o teu nome. Escolhe, pois, a terceira coisa que desejas, Nachiketas".

20 - Nachiketas: "Há única dúvida: alguns "afirmam que a alma existe, depois de morrer o homem, outros o negam. Ao mesmo tempo que recebo tuas instruções, eu gostaria de saber da verdade. Este é o meu terceiro pedido".

21 - Yama: "Quanto a esta pergunta, os próprios deuses já a fizeram, pois a questão é sutil e, portanto, de difícil entendimento. Formula outro pedido, Nachiketas. Não me obrigues a te satisfazer, neste particular. Dispensa-me de minha promessa".

22 - Nachiketas: "Apesar dos próprios deuses já te haverem feito essa pergunta de difícil resposta, como dizes, não tenho outro pedido. Ninguém existe como tu, capaz de falar sobre isso".

23 - Yama: "Pede filhos e netos que vivam cem anos. Pede rebanhos, dinheiro, elefantes, cavalos. Pede a terra inteira, que vivas pelo tempo que desejares."

24 - "Faz-me outro pedido. Queres reinar sobre todas as nações? Eu te satisfarei todos os outros desejos".

25 - "Pede tudo quanto for difícil de obter-se: a convivência com as deusas, em seus carros, com as jovens divinas a tocarem seus instrumentos musicais, criaturas inacessíveis aos desejos dos homens e que, no entanto eu farei que te acompanhem. Dar-te-ei o que pedires: mas não indagues da condição das almas depois da morte".

26 - Nachiketas: "Todos esses prazeres duram apenas um dia. São efêmeros, satisfazem somente os sentidos. A vida é breve e tu, rei da morte, acabas com as danças, os cantos e todos os prazeres".

27 - "A posse de riquezas não tranquiliza nem satisfaz ao homem. Ainda que possuíssemos incalculáveis riquezas, estaríamos sob a tua lei e breve seria a posse dos nossos tesouros. Já fiz o meu pedido".

28 - "Quem, neste mundo inferior, há de alegrar-se com uma longa existência, se souber que depois da velhice e da morte, irá para a companhia dos deuses e que então alcançará a felicidade suprema?"

29 - "Explica, Morte, o grande segredo do outro mundo, responde-me à pergunta, que também te dirigiram os próprios deuses. De ti, Nachiketas exige apenas saber o que diz respeito à alma. aquilo que os mortais ignoram."

2º Valli

1 - Yama: "Uma coisa é o bom, outra o agradável. Um e outro escravizam o homem, um e outro tendem para fins diversos. Feliz o mortal que dos dois prefere o melhor. Quem escolhe o agradável não alcança o fim para o qual devem propender todos os mortais".

2 - "O bom e o agradável apoderam-se do homem. O sábio que os compreende distingue a natureza de ambos; escolhe o que é bom, por exceder ao agradável, mas o néscio escolhe o agradável."

3 - "Nachiketas, desprezaste as coisas que o homem deseja, ou porque satisfazem as suas tendências, como um filho, ou porque sejam de aparência sedutora como a das ninfas celestes. Não escolheste o caminho das riquezas, no percurso do qual perecem tantos homens".

4 - "São muito diferentes, uma da outra, a ciência e a ignorância e conduzem a fins diversos, Vejo-te, Nachiketas, ávido de ciência, por não te seduzirem os objetos que excitam os desejos humanos",

5 - "Aqueles que vivem na ignorância e, no entanto, se supõem sábios e instruídos, andam de um lado para outro, em passos incertos como os de um cego, guiado por outro cego."

6 - "O jovem insensato, perturbado pelas ilusões da opulência, não sabe a maneira de caminhar para chegar ao mundo celeste. Apegando-se a existência mundana, ele esquece a outra e assim permanece sob o meu poder".

7 - "Muitos homens não possuem a alma, da qual ninguém lhes fala. Outros a ignoram, apesar de já terem ouvido falar sobre ela. É admirável quem discorre sobre a alma, inteligente o ouvinte que a entende, superior quem a conhece. quando todos recebem o ensino de mestre que sabe".

8 - "Se o homem inferior discorre sobre a alma, é difícil sabermos o que ela seja. A respeito do que ele diz, teremos de pensar de muitas maneiras!" Mas nenhuma dúvida haverá, quando o ensino é dado por um mestre, que não vê diferença. Além disso. sendo a alma ainda mais sutil do que aquilo que é sutil, não pode ser percebida mediante a discussão.

9 - "Pela argumentação, não se pode obter o conhecimento que me pediste, Nachiketas, meu amigo. Entretanto, é fácil obtê-lo, quando o expõe um mestre, que não vê diferença. És perseverante na pesquisa da verdade. Quem dera existisse outro mortal assim como tu, desejoso de instruir-se!"

10 - "Sei que é transitória a felicidade neste mundo. O que é firme não se pode obter com o instável. Por isso, Nachiketas, utilizando-me de elementos percíveis, eu criei o fogo, com o qual obtive a firme residência de Yama".

11 - "Nachiketas, embora tenhas te apercebido do futuro do sacrifício, o lugar eterno onde se satisfazem todos os desejos, onde cessa qualquer temor, a mansão louvável de extensão infinita, a moradia da alma, tu a deixaste, tu que adquiriste saber, graças à tua constância."

12 - "O sábio não cuida nem de tristezas, nem de prazeres, e sim da união da alma com a inteligência, meditando sobre aquilo que é difícil de ser percebido, inacessível, oculto, e se acha na cavidade (do coração), em sua moradia impenetrável que existe desde os tempos mais remotos".

13 - "Alegra-se o mortal, quando se lhe explica a natureza de Brahma, quando a compreendeu, ao distinguir do corpo a alma, dotada de várias qualidades, ao alcançá-la em sua natureza sutil. Então, há para ele justo motivo de alegria. Nachiketas, vejo-te como a casa de portas abertas a Brahma".

14 - Nachiketas: "Dá-me então, agora, conhecer o ente, que sabes ser diferente da virtude, do vício, do conjunto das causas e efeitos, diferente do passado, do futuro, do presente".

15 - Yama: "A palavra a que se referem todos os Vedas, a palavra de todos os atos de penitência, que todos os brâmanes estudiosos desejam compreender, eu t'a direi, é OM".

16 - "Esta sílaba significa Brahma, o Supremo. Quem souber do seu significado obtém tudo quanto desejar".

17 - "Tem ela um significado supremo e de inigualável excelência. Será adorado no céu quem o conhecer".

18 - "A alma dotada de ciência não nasceu e não morrerá. Não foi produzida. Não morre com o corpo. E eterna e livre de quaisquer vicissitudes."

19 - "Engana-se o homicida, se supõe matar; ilude-se o assassinado, se pensa estar morto. Não se pode matar a alma".

20 - "A alma é mais sutil do que as coisas sutis, maior do que as coisas grandes, está sentada no interior do ser vivo. Quem se libertar do desejo e da tristeza, na tranquilidade dos sentidos contempla a majestade da alma".

21 - "Estando a alma tranquila, iremos longe. Adormecidos, vamos a todos os lugares. Com exceção de mim, quem será capaz de compreender a divindade, que nem alegra, nem entristece?"

22 - "O sábio liberta-se de todo desejo, ao ver a alma incorpórea nos corpos, permanente nas formas instáveis, grande e existente em tudo?"

23 - "A alma não se alcança, nem pelo conhecimento, nem pelo entendimento, nem por uma vasta ciência e sim pela alma que a deseja. Revela a sua verdade à alma de quem conhecer sua própria verdade",

24 - "Quem não renunciou aos maus caminhos, não subjugou seus sentidos, não concentrou sua inteligência, não dominou sua

vontade, jamais alcançará a verdadeira alma, ainda que possua o conhecimento de Brahma".

25 - "Quem, portanto, se achará em condições de, neste mundo, conhecer essa alma, que se alimenta do Brâmane e do Kchattra, e cujo conhecimento é a morte?"

3o Valli

1 - "Fruindo da justa recompensa de suas ações, neste mundo, entram as almas elevadas e inferiores na caverna, na mais alta moradia da alma suprema. Os conhecedores de Brahma, os que acendem cinco vezes o fogo sacrificial, os que sacrificam aos três fogos, Nachiketas, esses chamam-nas de sombra e luz do sol".

2 - "Estamos habilitados à compreensão do fogo, Nachiketas, a ponte pela qual passam todos os sacrificadores, na travessia do infortúnio para a compreensão do indestrutível Brahma, o refúgio onde se desfaz todo temor, o abrigo dos que desejam atravessar o oceano do mundo".

3 - "Vede a alma, que anima o corpo, assim como alguém que esteja em um carro, sendo este o corpo. O entendimento será o guia, a inteligência empunhará as rédeas".

4 - "Os sentidos serão os cavalos, as coisas que se desejam obter serão as estradas. Dotada de corpo, de sentidos e de inteligência, a alma goza do mundo exterior, Assim falam os sábios",

5 - "Como cavalos impetuosos a puxarem um carro, os sentidos não dominados arrastam o insensato, que não se utiliza das rédeas".

6 - "O sábio, porém, com seu espírito atento governa os sentidos, que para ele são animais dóceis".

7 - "Quem não dispuser de sabedoria. quem não é vigilante, e sempre for impuro. não atingirá sua meti! e voltará ao mundo".

8 - "Ao contrário, o sábio, o vigilante e puro, alcançará o seu fim e não renascerá?"

9 - "Chegará ao fim, no extremo do caminho, à mais alta morada de Visnu, quem estiver em carro guiado por um cocheiro hábil no manejo das rédeas".

10 - "Seus objetivos estão mais altos do que os sentidos. O espírito é mais elevado do que os objetivos, a inteligência é superior ao espírito, a grande alma está muito acima da inteligência".

11 - "A alma não manifesta é mais elevada do que a grande (alma). A alma - Purucha - é superior a não manifesta. O Nada, que está mais acima é o último limite, o fim mais alto".

12 - "Não se manifesta Purucha, estando sua natureza oculta a todos os seres. Mas percebe-o a inteligência atenta dos homens dotados de visão sutil".

13 - "Com o espírito domine o sábio suas palavras; domine o espírito com o conhecimento adquirido pela inteligência; dirija seu conhecimento para a grande alma e esta se tranquilize na alma inefável".

14 - "Erguei-vos, despertai, ide ter com os grandes mestres e escutai-os! Diz o sábio que a estrada a percorrer é tão difícil de ser palmilhada que parece estar calçada de afiadas lâminas de navalhas".

15 - "Não será presa da morte, quem houver compreendido a natureza de Brahma, sem forma, sem tato, sem gosto e sem dor, que não diminui, firme, sem começo nem fim, superior à grande inteligência, eterno".

16 - Há de ser venerado, em nome de Brahma, o sábio que ouve e transmite o ensino de Yama a Nachiketas.

17 - Se for puro de espírito, quem, na assembleia dos brâmanes, no tempo do Sraddha ou em qualquer outra ocasião, explicar o profundo sentido deste ensinamento, há de obter recompensa infinita.

CAPITULO II

4º Valli

1 - "Quem existe por si mesmo, domina os sentidos voltados para as coisas exteriores. O homem dá atenção a essas coisas exteriores, não às internas, mas o sábio, desviando do mundo exterior seu olhar. Desejando a natureza imortal, contemplará a alma absoluta".

2 - "Os moços descuidosos seguem os desejos dos objetos exteriores e são colhidos na rede estendida pela Morte. O sábio nada espera das coisas efêmeras, porque está sempre cuidando da natureza imortal".

3 - "De tudo adquire consciência a alma, pela qual cada um se apercebe das formas, dos odores, dos sons e dos corpos sólidos. Eis o que perguntaste".

- 4 - "O sábio não se entrega à aflição. Ele não ignora que a alma com que se apercebem as imagens do sonho e as da vigília é a mesma grande alma, que penetra tudo".
- 5 - "Quem sabe que a alma consome o seu fruto, carrega o fardo da existência sempre está entre os mortais, domina o passado, o presente o futuro, não se esforça por ocultá-la".
- 6 - "Contemplará Brahma, quem, ao entrar na caverna e aí estiver morando, vir o primogênito da penitência de Brahma. Esse verá Brahma, a respeito do qual me consultaste".
- 7 - "Aditi, a natureza de todos os deuses?" projetou-se através da vida de Brahma Supremo e nasceu quando se originaram todos os seres, quando entrou na caverna onde ela reside. Quem vê Aditi, contempla esse Brahma a respeito do qual me consultaste".
- 8 - "Como o fogo se esconde nos dois pedaços de madeira, como o embrião se acha no ventre materno, assim está o fogo, que é Brahma, a cujo respeito me consultaste, o fogo que diariamente deve ser louvado pelos homens. quando despertam e vão trabalhar".
- 9 - "É de Brahma que sai o sol, ao levantar. É nele também que entra o sai, ao deitar. Nele se abrigam todos os deuses. Nenhum se separa de Brahma".
- 10 - "O que está aqui, igualmente lá se encontra. O que lá está, igualmente aqui se encontra. Anda de morte em morte quem vê diferença em Brahma. 11 - Alcança-se Brahma pelo espírito, porque nenhuma diferença existe entre ambos. Anda de morte em morte, quem vê diferença em Brahma.
- 12 - A alma do tamanho de um polegar habita o centro do corpo, domina o passado, o presente e o futuro. Porque possui a ciência disto, o sábio não deseja ocultar a alma.
- 13 - A alma, luz sem fumaça, domina o passado, o presente e o futuro. Existe hoje, existirá amanhã.
- 14 - Assim como a água da chuva, ao cair, escorre nos vales, assim a ilusão persegue quem vê atributos diversos na alma.
- 15 - Assim como se conserva limpa a água, derramada em um terreno limpo, assim, Gotama, é pura a alma do pensador, que sabe ser a sua alma una com o Brahma Supremo.

5o Valli

1 - O corpo é como cidade com as onze portas da alma, sem nascimento e de inteligência reta. Adorando o Mestre Supremo, não se aflige o sábio; desvencilha-se da ignorância e se torna livre.

2 - Tal como Hansa, reside a alma nos céus; como Vasú, habita a atmosfera; como Agni, que invoca os deuses, ela mora no interior da terra; Soma, ela se acha no vaso cheio do líquido. Ela está no homem, na verdade, no éter. Nasceu na água, como os animais aquáticos; nasceu na terra, como o arroz e as plantas; nasceu no sacrifício, nas montanhas. Ela é a verdade, o ser, uno, imenso, infinito.

3 - O anão, sentado no meio do éter do coração, que expira do coração o ar vital, que ascende, e que inspira o ar vital, que desce, é Aquele a quem todos os deuses adoram.

4 - Quando a alma se afasta do corpo onde ela reside, que resta?

5 - Nenhum mortal se sustenta do ar vital que ascende, ou do ar vital que desce. Todos se sustentam de um outro princípio, em que se apoiam esses dois alentos e os sentidos.

6 - Far-te-ei conhecer Brahma eterno, que está oculto. Ouve, Gotama, e aprende como o seu conhecimento extingue qualquer interesse pelo mundo e também porque, não o conhecendo, ao encontrar a morte, adquire o ignorante outro corpo.

7 - Alguns, logo depois de morrerem, voltam ao seio de uma mulher e se revestem de novo corpo. Outros, segundo suas ações ou seu conhecimento, vão entrar em um tronco de árvore.

8 - Purucha, o ser perfeito, inspirador de incessantes desejos, está desperto durante o sono, e se denomina de Brahma, o imortal. Alicerce dos mundos, nada é diferente dele.

9 - Assim como ao entrar no mundo, o fogo único está de acordo com toda natureza, assim também a alma única é a alma interna de todos os seres, mesmo sem os quais, entretanto, ela se acha na sua própria natureza.

10 - Assim como ao entrar no mundo, o ar único está de acordo com toda a natureza, assim também a alma única, é a alma interna de todos os seres, mesmo sem os quais, entretanto, ela se acha na sua própria natureza.

11 - Assim como o único sol, o olhar do mundo inteiro, não padece dos defeitos do olho ou das coisas externas, do mesmo modo a alma, como também a alma interna de todos os seres, não se enodoa com infelicidade do mundo.

12 - É um só o dominador, a alma interna de todos os seres, a manifestar sua própria natureza múltipla. Alcançam eterna felicidade os sábios, que a veem habitando neles próprios. Os demais não gozam dessa ventura.

13 - Alcançam felicidade eterna os sábios, que contemplam a alma, eterna entre as coisas transitórias, inteligente no meio dos inteligentes e que, apesar de uma só, satisfaz os desejos de muitos homens, que a veem habitando neles próprios. Estes alcançam felicidade eterna, os outros, não.

14 - A opinião dos sábios é ser inexprimível e suprema felicidade essa alma individual. De que modo a conhecereis? Manifesta-se ela ou não se manifesta?

15 - Aqui não se manifestam nem o sol, nem a lua, nem as estrelas, nem os relâmpagos. Como se mostraria esse fogo? Em se mostrando, tudo aparece depois. Por sua manifestação é que surgiu o mundo inteiro.

6o Valli

1- O mundo é como eterna e santa figueira cuja raiz está suspensa no alto e cujos ramos penetram na terra. A raiz é pura, é Brahma que tudo contém, é imortal, e nela se apoiam todos os mundos. Nada se diferencia.

2 - O universo inteiro vibra, no seio da vida: Brahma. Emissão de Brahma, move-se o universo em Brahma, que é o grande terror, tal como o raio. Tornam-se imortais os que o conhecem.

3 - Pelo temor a Ele, acende-se o fogo. Porque o temem, correm Indra, Vayú e a Morte.

4 - Estará livre da escravidão do corpo quem, nesta existência, antes de morrer, for capaz de entendê-lo. Quem não for capaz, tomará outro corpo.

5 - Assim como o rosto se reflete no espelho, assim se reflete a alma no corpo. Assim como a alma se reflete nos sonhos, do mesmo modo ela aparece no mundo dos antepassados. Assim Como a alma se espelha na água, assim está no mundo dos Gandharvas. Assim como a alma se exprime em um quadro e à luz do sol, assim ela se reflete no mundo de Brahma.

6 - Não se aflige o sábio, ao considerar as alterações dos sentidos, sua plenitude e sua decadência.

7 - O espírito é superior aos sentidos; a inteligência é melhor do que o espírito; acima da inteligência se acha a grande alma; ainda

assim, a alma não manifesta é mais excelente do que a grande alma.

8 - Entretanto, por cima da alma não manifesta, estende-se Purucha, que se acha em toda parte e não tem causa, Está emancipado e ganha a imortalidade o homem que sabe disso,

9 - A essência da alma não está nas coisas visíveis, Ninguém a vê com os olhos e sim com o coração, e no pensamento que ela se manifesta. São imortais os que sabem disso.

10 - Diz-se que é o mais alto fim, o estado de repouso dos cinco órgãos sensoriais, quando se unem ao espírito.

11 - Esta concentração tem o nome de Yoga, que é a firme sujeição dos sentidos. Nessa ocasião, o homem é zeloso, pois a concentração tem seus estímulos, como seus obstáculos.

12 - Não se alcança a alma, nem com as palavras, nem com o espírito, nem com o olhar. Como poderia ser percebida por alguém, que não seja o próprio que afirma a existência dela?

13 - Será percebida através da noção de existência; será percebida através da sua verdadeira noção, ou seja, por ambas, porquanto a legítima natureza da alma se manifesta quando foi percebida pela noção de existência.

14 - Quando houverem cessado todos os desejos caros ao nosso coração, aqui mesmo Brahma se realiza, o mortal se torna imortal.

15 - Quando nesta existência estiverem desfeitos todos os laços do coração, o mortal será imortal. Nisto se resume todo o ensino dos Vedas.

16 - Das cento e uma artérias do coração, uma vai ao coração. Subindo-se por ela, no momento da morte, obtém-se a imortalidade. Os que não sobem por essa veia seguem outros diversos caminhos.

17 - Está sempre no coração humano o espírito, a alma interior, do tamanho do polegar. Que ele seja separado do coração, com firmeza, assim como o pintor arranca uma fibra do seu pincel. Conheça o homem o que é puro e imortal.

18 - Havendo assim Nachiketas obtido a ciência, exposta pela Morte e também toda a regra da concentração, obteve Brahma e tornou-se sem paixão e imortal. Qualquer outra pessoa, que obtiver o mesmo conhecimento da alma imortal, alcançará Brahma.

19 - Que o Ser Supremo nos proteja e nos ampare a ambos, discípulo e mestre. Possamos um e outro ser perseverantes no esforço e seja excelente a nossa leitura. Não exista ódio entre nós. OM. Paz! Paz! Paz!

MANDUKYA – UPANICHADA

1 - OM é a imortalidade. Sua explicação compreende todas as coisas, o que era, o que é, o que será. A palavra OM, verdadeiramente, é todas as coisas. Tudo quanto se acha além do tempo tríplice é a palavra OM.

2 - Brahma, que todas as coisas, representa-se por OM. Esta alma é Brahma. E tem quatro condições.

3 - A primeira condição é Vaisvanara cuja morada é o estado de vigília, cujo conhecimento compreende os objetos externos, que tem sete membros, dezenove bocas e goza dos objetos materiais.

4 - A segunda condição é Taijasa, que mora no estado de sonho, cujo conhecimento compreende os objetos internos, que tem sete membros, dezenove bocas e goza dos objetos sutis.

5 - Quando o homem adormecido não tem nenhum desejo, não sonha e então o sono é profundo. A terceira condição é Prajna, com seu conhecimento todo uniforme, cuja natureza é semelhante à felicidade. Sua boca é a ciência.

6 - Prajna é o senhor de toda ciência, Vê tudo. É o dominador interno, a fonte de todas as coisas, a origem e a destruição de todos os seres.

7 - Considera-se como quarta condição o estado daquele cujo conhecimento não se origina das coisas internas, nem das externas, que não possui conhecimento uniforme. Sem inteligência, não deixa de ser inteligente, invisível, imperceptível, inapreensível, improvável, além do pensamento, indefinível, cuja única prova é a crença da alma, na qual se esvaneceram todas as esferas, tranquilo, bem-aventurado e sem dualidade.

8 - Esta alma está unida à palavra OM, unida às suas partes. As condições da alma são partes de OM, as letras A U M.

9 - Vaisvanara, que mora no estado de vigília, é a letra A. É a primeira parte por ser a letra A a primeira do alfabeto, entrando em todas as palavras. Vaisvanara executa todos os trabalhos, sendo o primeiro a possuir esse conhecimento.

10 - Taijasa, que reside no estado do sonho, é a letra U, por ser a mais alta ou por estar no meio. Em verdade, Taijasa enobrece a aplicação na ciência. É o mesmo para os seus amigos como para os seus inimigos. Nenhum dos seus descendentes se acha na ignorância a respeito de Brahma.

11 - Prajna, que está em sono profundo é a letra M, a terceira parte, ou porque seja a medida ou porque seja de uma só e mesma natureza. Quem sabe disto, mede verdadeiramente todas as coisas divinas e adquire a mesma natureza do autor do mundo.

12 - OM sem partes é a quarta condição (a de Brahma), imperceptível, na qual se esvaneceram todas as esferas, feliz, sem dualidade. OM, que assim medita, é a alma somente. Quem sabe disto, entra com sua alma na alma universal.

AITAREYA-UPANICHADA

Capítulo I SEC. Ia

1 - Salve, Ser Supremo! Hari! OM.

Antes da criação do mundo, havia a alma somente, não existia nenhum objeto, ativo ou passivo. Ele pensou e disse: "Criem-se os mundos!"

2 - Ele criou os mundos, a esfera da água, dos raios do sol, da morte. A esfera das águas está por cima dos céus, que a sustentam. A dos raios do sol é a atmosfera. A terra é o mundo da morte. Os mundos que estão abaixo da terra são a esfera das águas.

3 - Ele refletiu - "Os mundos se acham feitos. Vou criar os protetores dos mundos". Retirando da água um ser de forma humana, ele o modelou com o calor da sua meditação. Depois de aquecido, a boca saiu como um ovo de Pássaro; da boca saiu a palavra. Abriram-se as narinas; das narinas saiu a respiração, da respiração saiu o vento.

Abriram-se os olhos; dos olhos saiu a visão; da visão, o sol.

Formaram-se as orelhas; das orelhas saiu a audição e desta, saltam as diversas regiões sonoras.

Mostrou-se a epiderme; da epiderme saíram os pelos e destes nasceram as plantas e as árvores.

Formou-se o coração; do coração saiu o espírito, deste surgiu a lua.

Mostrou-se o umbigo; do umbigo saiu o ar vital, que desce. Do ar vital, que desce, saiu a morte.

Mostraram-se os órgãos genitais; destes saiu o sêmen. Do sêmen saíram as águas.

SEC, 2a

1 - Tendo sido criados, esses deuses mergulharam no grande oceano.

A alma suprema afligiu o homem com a fome e a sede. Os deuses, então, pediram ao Ser Supremo: "Arranja-nos uma esfera aprazível, onde possamos residir e alimentar-nos".

2 - Trouxe-lhes a vaca, depois de formá-la, tirando-a da água. Disseram: "Em verdade, não basta para nós". Trouxe-lhes o cavalo. Disseram: "Em verdade, não é suficiente para nós".

3 - Apresentou-lhes o homem. Disseram os deuses: "Em verdade, está bom. Só o homem está bem formado". Disse-lhes, pois, a alma suprema: "Entrem nele, cada um em sua esfera".

4 - Transformando-se em palavra, o fogo entrou na boca. Tornando-se em respiração, o vento penetrou pelas narinas. Veio o sol para os olhos, como visão. Abrigaram-se os sons nos ouvidos. Transformando-se em pelos, as ervas e plantas entraram na pele. Transformando-se em espírito, entrou a lua no coração. Tornando-se em alento vital, que desce, a morte entrou no

umbigo. Transformando-se no sêmen, entraram as águas nos órgãos genitais.

5 - Disseram a fome e a sede: "Arranja-nos lugares". Responderam-lhes: "Eu vos darei uma parte no que é dessas divindades. Participareis do que lhes pertencer". Por isso, quando se oferece manteiga a essas divindades, a fome e a sede tem sua parte.

CAPITULO II

SEC. 3ª

1 - Ele refletiu: "Foram criados os mundos e seus protetores. Faça-se agora o seu alimento".

2 - Pelo calor do seu pensamento, aqueceu a água. Das águas aquecidas, saiu um ser de forma orgânica. Na verdade, essa forma é o alimento.

3 - Em sendo formada, ela gritou aterrorizada e tentou fugir. O primogênito do homem quis apanhá-la com a palavra. Se isso tivesse sido possível, todas as necessidades da nutrição se satisfariam, quando se pronunciasse o nome do alimento.

4 - Quis segurá-la com a respiração, o que não foi possível. Se assim tivesse sido, todas as necessidades da nutrição se satisfariam com o cheiro do alimento.

5 - Quis tê-la com o olhar. Não pôde. Se assim tivesse sido, todas as necessidades da nutrição se satisfariam pelos olhos.

6 - Quis obtê-la com o ouvido. Não foi possível. Se a tivesse possuído assim, todas as necessidades da nutrição teriam sido satisfeitas ao se ouvir o alimento.

7 - Quis segurá-la com o tato. Não pôde. Se a obtivesse com o tato, bastaria tocar no alimento para que se satisfizessem todas as necessidades da alimentação.

8 - Quis alcançá-la com o espírito. Não foi possível. Se o tivesse sido, bastaria que pensássemos no alimento para que se satisfizessem todas as necessidades da alimentação.

9 - Quis tê-la com o ar vital, que desce. Obteve-a. É portanto o ar vital que apanha o alimento e o consome.

10 - Ele pensou: "Corno poderia existir esse corpo sem mim?" Refletiu ainda: "Por onde entrarei nesse corpo?" Pensou também: "Se os olhos veem sem mim, se o ouvido ouve, se o espírito pensa, se todos os órgãos podem funcionar, que sou então?"

11 - Abrindo um orifício, no ponto em que se dividem os cabelos da cabeça, entrou por ai. Chama-se o orifício porta da divisão. E a porta da alegria, por ser a estrada que leva ao Brahma supremo. Estando no corpo, a alma individual possui três residências, três estados semelhantes ao sonho. Uma é o olho direito, outra o espírito interior, sendo a terceira o éter do coração.?'

12 - Quando nasceu, a alma individual pensou nos elementos. Como poderia desejar dizer algo diferente dela própria? Viu Brahma, que reside no corpo, que se acha dentro de tudo, e refletiu assim: "Vi Brahma como sendo eu na natureza".

13 - O nome da alma suprema é Idandra. Este é o seu nome verdadeiro. Os que conhecem Brahma designam-no com um nome inadequado (em seu legítimo significado), o de Indra, embora o verdadeiro Seja Idandra, devido a que os deuses não gostam de ser conhecidos pelo seu nome exato.

CAPÍTULO III

SEC. 4a

1 - No homem a alma individual começa por estar como um feto, no sêmen. O sêmen, substância do ser, é o produto de todas as partes do corpo. Tem esse feto em seu próprio corpo e o produz, quando a mulher concebe. Dá-se aí o primeiro nascimento da alma individual na forma da ciência.

2 - Sob esta forma, a alma individual obtém a mesma natureza da mulher, como se fosse membro da mulher. O feto não causa dano à mulher, que nutre no ventre a imagem do marido.

3 - Aquela que nutre deve ser nutrida pelo esposo. A mulher abriga o feto. O pai nutre o filho, antes e depois do nascimento. Alimentando o filho, antes e depois do nascimento, nutre o pai a sua própria individualidade, para que os mundos continuem, por ser assim que os mundos prosseguem. É o segundo nascimento.

4 - Essa individualidade do pai é feita para substituí-lo, nos deveres sacros. Depois de transmitir ao filho a obrigação dos deveres para com as divindades, os Richis, e os antepassados, deixa o pai este mundo, em idade avançada. Saindo do mundo, ele renasce. Este é o seu terceiro nascimento. Assim falou o Richi:

5 - "No seio de minha mãe, conheço bem todos os nascimentos dos deuses. Prendiam-me centenas de corpos, rígidos como o ferro. Olhando para baixo, como um falcão, parti veloz", são estas as palavras de Vamadeva, quando no seio materno.

6 - Graças ao conhecimento destas coisas, quando for destruído o seu corpo, Vamadeva subirá muito acima deste mundo e, tendo realizado todos os seus desejos, torna-se imortal.

SEC. 5a

1 - De que natureza é a alma, que adoramos com palavras? Qual das duas é a alma? A universal ou a individual? Será aquela pela qual a alma vê a forma, ouve o som, percebe os odores, emite a voz, distingue as coisas saborosas das que não o são?

2 - O coração e o espírito, o conhecimento de si próprio, o conhecimento da sua força, a ciência, a moral, o entendimento, a percepção, o pensamento, a independência de espírito, a sensibilidade, a memória, a disposição, a perseverança, o desejo, a submissão, tudo isso e suas alterações são nomes, que designam atributos da alma em suas modificações, como sendo a vida, criação de Brahma inferior, não atributos de Brahma Supremo, que não tem nenhuma forma.

3 - Esta alma, com forma de ciência, é Brahma inferior, Indra, o soberano dos deuses, Prajapati, o homem primogênito, todos os deuses, que são os órgãos de Prajapati, os cinco grandes elementos, a saber: a. terra, o ar, o éter, a água, a luz, como também todos os últimos seres, unidos as partes ainda menores de outros seres; é a causa de uma e de outra espécie, o que nasce de ovos, o que nasce do ventre da mulher, o que provém do calor. Ela é a origem dos cavalos, das vacas, dos elefantes, dos homens, de tudo quanto possui asas ou pés, de tudo quanto é imóvel. A tudo isso a ciência transmite vida, tudo isso se apoia na ciência

que dá vida ao mundo. De tudo isso é base a ciência. Brahma é a ciência.

4 - Tendo deixado o mundo, pelo efeito desta ciência, tendo o que ele desejava, na morada celeste, Vamadeva tornou-se imortal.

TALAVAKARA - UPANICHADA SEC. 1a

1 - Pergunta o discípulo: "Quem dá ordens, quem orienta o espírito em seu trabalho? Quem regula o curso da primeira vida? Quem preside à maneira como se diz a palavra?"

2 - Responde o mestre: "Aquele que é ouvido do ouvido, o espírito do espírito, a palavra da palavra, é verdadeiramente, a vida da vida, o olho do olho. Ao sair deste mundo, torna-se imortal o sábio que deixou as existências individuais".

3 - Ele não se aproxima do olhar, da palavra ou do espírito. Não conceituamos o Supremo como objeto da percepção sensorial, e por isso não podemos explicar sua natureza. É diferente do cognoscível, superior ao incognoscível. Foi isso o que nos ensinaram nossos antigos mestres.

4 - Pensai naquilo que não se manifesta pela palavra, naquilo que serve para exteriorizar a palavra, não naquilo que se adora como se fosse Ele.

5 - Conheci aquele que pensa sem o espírito e que, segundo dizem, serve de meio para que o espírito pense. Conheci-o como sendo Brahma e não o que se adora como se fosse Brahma.

6 - Conheci o que enxerga sem os olhos, aquele por meio do qual os olhos vêem, Conheci-o como sendo Brahma e não o que se adora como se fosse Brahma.

7 - Conheci o que ouve sem ouvidos, pois é aquele por meio de quem os ouvidos ouvem. Conheci-o como sendo Brahma e não o que se adora como se fosse Brahma.

8 - Conhecei aquele cujo alento não é respiração, mas por meio de quem se faz a respiração. Conhecei-o como sendo Brahma e não o que se adora como se fosse Brahma.

SEC. 2a

1 - Se supões conhecer bem a Brahma, dir-te-ei que, em verdade, é muito pouco o teu saber, quanto à natureza de Brahma. É diminuto o teu saber, em relação aos deuses.

Por conseguinte, Brahma deve ser o objeto de tua meditação.

O discípulo: - Penso que é meu dever conhecê-lo. Não tenho a pretensão de conhecê-lo bem, mas não sei que o ignoro.

Conhece Brahma qualquer um de nós que sabe desta frase: "Não sei que o ignoro".

2 - Brahma é compreendido pela pessoa que sabe ser Ele incompreensível. Não conhece Brahma quem supõe compreendê-lo.

Brahma é desconhecido daqueles que supõem conhecê-lo. É conhecido daqueles que sabem não conhecê-lo.

3 - Será conhecido, se reconhecermos nele a natureza de todo pensamento. Conhecendo-o, alcançamos a imortalidade. Pela alma, obtemos o poder, pelo conhecimento ganhamos a imortalidade.

4 - Se ainda neste mundo, alguém conhece a alma, então se alcança o verdadeiro fim de toda a inspiração do homem. Sobrevirão calamidades, se neste mundo, não se conhecer a alma. Saindo do mundo, torna-se imortal o sábio que discerne, em todas as coisas, a natureza una de Brahma.

SEC. 3a

1 - Outrora, em defesa das divindades, Brahma foi vitorioso, Pela vitória de Brahma, os deuses obtiveram a majestade. Pensaram: "Pertence-nos esta vitória, pertence-nos esta majestade".

2 - Ele viu a ilusão dos deuses e mostrou-se a eles, que não o reconheceram e perguntaram uns aos outros: "Merece adoração este ser?"

3 - Disseram a Agni: "Jataveda, verifica se este ser merece adoração", Respondeu Agni: "Farei o que ordenais" ,

4 - Aproximou-se de Brahma, que lhes perguntou: "Quem és?" Respondeu Agni: "Em verdade, sou Agni. Em verdade, sou Jataveda".

5 - Perguntou-lhe ainda Brahma: "Qual o teu poder?" Respondeu Agni: "Posso queimar tudo quanto existe na terra",

6 - Mostrou-lhe Brahma um fio de palha e disse: "Queima-o". Investiu Agni com toda sua força e, no entanto não pode queimá-lo, Afastou-se, dizendo: "Não pude saber se ele merece adoração".

7 - Disseram a Vayú: "Verifica se este ser merece adoração". Disse Vayú: "Farei o que ordenais".

8 - Aproximou-se de Brahma, que lhe perguntou: "Quem és?" Respondeu: "Em verdade sou Vayü, Em verdade, sou Matariswa".

9 - Indagou Brahma: "Qual o teu poder'?" Respondeu Vayú: "Posso varrer tudo".

10 - Mostrou-lhe Brahma um fio de palha e disse: "Varre!" Vayú soprou com toda violência, mas não moveu o fio de palha. Afastou-se, dizendo: "Não pude saber se ele merece adoração".

11 - Disseram os deuses a Indra: "Verifica, Maghavan, se este ser merece adoração". Respondeu: "Satisfarei vosso desejo". Correu para Brahma, que desapareceu no éter.

12 - Indra encontrou-se no éter, com uma mulher ornada de enfeites preciosos, Uma, filha de Hemavat, e perguntou-lhe: "É digno de adoração este ser?"

SEC.4a

1 - Disse ela: "É Brahma. Com esta vitória de Brahma, obtiveste a majestade". Foi assim que, pela palavra de Uma, Indra conheceu a Brahma.

2 - Os deuses, Agni, Vayú e Indra, tornaram-se superiores aos demais, porque foram os que mais se aproximaram de Brahma, os primeiros que o conheceram.

3 - Indra sobre-excedeu a todos os outros deuses, por ter sido o que mais se aproximou de Brahma e o primeiro a conhecê-lo.

4 - Uma frase que sirva para uma analogia: "Ele brilhou com o fulgor do relâmpago, desapareceu como um movimento de pálpebras. Assim, é comparado Brahma com os outros deuses."

5 - Agora, a sua comparação com a alma. O espírito se aproxima de Brahma, para assim dizermos. É pelo espírito que nos lembramos dele, que novamente nos certificamos dele.

6 - Em verdade, Brahma deve de ser adorado pela alma individual. Deve ser adorado, pelo nome do adorável. Todos os seres dirigem suas preces a quem assim conhece Brahma.

7 - Roga o discípulo: "Venerável sábio, explica o Upanichada". Responde o mestre: "O Upanichada te foi explicado. Nós te demos a conhecer o Upanichada relativo à Brahma".

8 - Os meios de obter o conhecimento secreto são: o domínio dos sentidos e o esforço. Com as suas partes, os Vedas são a base. Sua moradia é a verdade.

9 - Quem deste modo conhecer o Upanichada, depois de estar livre de todo pecado, mora no glorioso e eterno sol, reside no céu.

ADVAYA TARAKA - UPANICHADA

Ele é o Todo e o Universo é o Todo. O Todo nasceu do Todo. Se do Todo se extrai o Todo, o resto é nada. Sejam minhas a paz corporal, a paz espiritual e a paz da Alma.

1 - Aproxima-se o Barqueiro, que conduz além da dualidade, onde só entram os ascetas que, domando os sentidos, possuem as seis virtudes.

2 - Olhos fechados ou pálpebras semi-cerradas, meditando na frase "eu sou a mesma Consciência", ele contempla, acima do centro situado entre as sobrancelhas, a forma resplandecente do Princípio inefável, que é Realidade, Consciência e Alegria, e perde-se nele.

3 - Quem guia o feto, a criança, o velho, o moribundo, através deste pavoroso mundo, chama-se Taraka - o Barqueiro -. Denomina-se de "Princípio sem dualidade", aquilo que permanece quando se compreende que os conceitos de "Homem" e de "Deus" são apenas ilusões, aparências sem realidade.

4 - O conhecimento se apoia nos três modos de experiência,

5 - No centro do corpo está Suschuma, a via principal, brilhante como o sol, fresco como o luar, Semelhante à haste do loto, bem enrolada e luminosa, no meio de Suschuma, está Kundalini, a energia toda-poderosa.

Quando a percebe o olhar interior, o homem se limpa de todos seus erros e atinge a Liberação. Alcança a realização quem, mediante o olhar interior, com o auxílio do Ioga do Barqueiro, constantemente vê brilhar uma luz acima da testa, onde nascem os cabelos.

Com os dedos cerra os ouvidos e ouve então estranho ruído. Atento ao ruído, fixa o olhar onde aparece uma luz azul entre as sobrancelhas e enche-se o espírito de prodigiosa sensação de gozo. Pode-se ver, imediatamente, o interior da caverna do coração.

Dedicam-se à prática da experiência interna os que procuram a libertação.

6 - Agora, a experiência externa. Torna-se iogue aquele que pode ver, à distância de quatro dedos, depois de seis, depois de oito, de dez, de doze, e assim sucessivamente, à sua frente, à altura do nariz, uma luz azul com um círculo sombreado, com reflexos amarelos e movimentos ondulatórios vermelhos.

Aparecem raios luminosos à vista daquele cujo olhar inquieto mergulha no seio do vácuo. Contemplando-os, o homem se torna iogue. Seu olhar se imobiliza, quando vê, ao seu lado ou para baixo, raios brilhantes como ouro fundido. Adquire a imortalidade daquele que enxerga, acima de si, à altura de doze dedos. Torna-se um iogue quem fixa seu olhar no espaço, acima de si.

7 - Agora, a experiência intermediária. Ao surgir da aurora, ele contempla; o disco invisível e multicolor do sol, ou o movimento de uma chama, ou o espaço, e identifica sua própria forma com a de tudo isso.

Pela contemplação, ele identifica-se ao Éter, ao Vazio Absoluto. Torna-se o "Espaço Superior", que é o Barqueiro brilhante como a noite profunda. Torna-se, depois, o "Grande Espaço", resplandecente como as chamas do Tempo. Torna-se, depois, o "Princípio do Espaço", que cintila sobre tudo como luz sublime. Torna-se, depois, o "Espaço Solar", brilhante como milhares de sóis gloriosos.

Percorrendo a estrada do Barqueiro, ele atravessa, em si próprio e fora de si, as cinco espécies de espaço. Por essa contemplação, ele liberta-se do fruto e dissolve-se no espaço da sua visão.

A experiência do Barqueiro dá seus frutos, que a inteligência não pode compreender.

8 - Há dois barqueiros: o da primeira passagem e o da segunda passagem. O da segunda passagem está além do alcance do pensamento.

Eis como se definem. O Ioga é de duas espécies, tem um primeiro estágio e um estágio ulterior. O primeiro estágio se chama o Barqueiro. O segundo confunde a inteligência.

9 - Nos olhos, no interior das pupilas, refletem-se o sol e a lua. Os conhecedores do Barqueiro veem, neles mesmos, no espaço interior do crânio, a esfera da Lua e a do Sol, semelhantes à do grande Universo.

Tendo compreendido que o Sol e a Lua existem em dois mundos distintos, contempla-os quem se dedica ao Barqueiro. Percebe a identidade dos dois mundos e medita, dominando a inquietação do seu pensamento. Jamais findará a ilusão dos sentidos, se não houver a aproximação.

Eis porque, voltando seus olhares para o mundo interior, o adepto procura o Barqueiro.

10 - O Barqueiro se apresenta com imagem e sem imagem. Tudo quanto se origina de uma percepção sensorial pode tornar-se imagem. A forma sem imagem está situada além do meio das sobrancelhas.

É indispensável o uso das faculdades mentais, em toda meditação sobre as formas, ainda que se revistam de imagem.

Com o auxílio do olhar interior, unido ao pensamento, os praticantes da disciplina do Barqueiro percebem a Realidade, a Causa Primordial, sob a forma de Ser, Consciência e Alegria.

A Causa Primordial surge como puríssima luz branca e pode ser contemplada pelo olhar interior e pelo pensamento.

Agora, o Barqueiro sem imagem.

Somente o olhar do pensamento pode entrar na caverna do coração. Como a percepção das formas depende do olhar do espírito, o Homem só adquire consciência dos mundos externos e internos, quando se unem alma, pensamento e percepção. Por isso, a percepção interna deve unir-se ao pensamento para que apareça o Barqueiro.

11 - O iogue concentra seu olhar no orifício sutil da sua fronte, pelo qual penetra a luz do alto. Unindo a essa luz, com enorme esforço, suas faculdades mentais e o Barqueiro, o iogue, cautelosamente, levanta as sobrancelhas.

Esta é a primeira parte do Barqueiro. A outra parte é sem percepção, sem imagem mental.

Na base do palato, aparece poderoso raio de luz.

Contemplando-o, o iogue adquire vários poderes, como o de tornar-se minúsculo ou imenso.

12 - É gesto "Daquele que dá a Felicidade", a fixidez do olhar, concentrado em um objeto, interno ou externo, sem pestanejar. Basta a presença de quem conseguiu fazer esse gesto para que se purifiquem os mundos. Está santificado o lugar onde ele mora. Pode estar certo de atingir a libertação quem tiver a ventura de aproximar-se de tal iogue.

13 - A luz do olhar interior, o adepto identifica-se com a sua irradiação. Obedecendo às instruções do grande mestre, seu olhar interior atinge primeiro, a roda luminosa de mil raios cintilantes, depois a Luz do Consciente, que reside na cavidade do coração, depois o plano transcendental da Consciência, que se acha além da Plenitude, além da décima sexta morada.

14 - O mestre é aquele que conhece a Sabedoria Eterna, que adora o Onipresente, sem orgulho, hábil no método e na prática do Ioga, que se identifica com o roga, e cuja vida é pura.

15 - Dedicado aos seus mestres, tendo contemplado o Ser Supremo, ele está habilitado a receber o nome de Guru.

16 - A sílaba GU representa a obscuridade. A sílaba RU quer dizer "Aquele que dissipa", pois desfaz a obscuridade quem se chama Guru.

17 - O Guru é fonte de todo desenvolvimento.

O Guru é instrumento de toda realização. O Guru é símbolo do Conhecimento Transcendental. O Guru é Supremo Refúgio.

18 - O Guru é porta dos mundos superiores. O Guru é a única verdadeira riqueza, porque mostra o caminho do Conhecimento Supremo. O Guru é o maior.

19 - Liberta-se das cadeias quem pronuncia as palavras da Sabedoria. Em um instante, anulam-se as faltas cometidas nas existências sucessivas, realizam-se seus desejos, alcança-se a finalidade da vida. Por haver compreendido, ele percebe a essência das coisas. Assim é a mais próxima aproximação do Inexprimível.

Kama Sutra

Introdução

Quem foi Vatsyayana, o escriba hindu a quem se atribui a autoria dos KAMA SUTRA? Supõe-se que tenha vivido no decurso do século IV da nossa Era, nos tempos do Império dos Guptas, quando refloresceram na Índia a arte e a literatura profanas em seus aspectos.

Admite-se que Vatsyayana tenha sido um letrado experiente na arte literária, participando de concursos em que se exibiam literatos e poetas, perante monarcas e nobres, em seus palácios. Em sua residência não faltariam pinturas, estátuas, para o agrado da vista dos seus convidados às reuniões em que se ouviria canto (gita), execução de instrumentos musicais (vadya) e dança (nritya).

No livro, há indícios de ter ele existido nos começos do domínio político dos Guptas, Além disso, o poeta Subandhu, que teria vivido no século V, refere-se ao livro de Vatsyayana. No PANCATANTRA, compilado no século VI, há menção do seu nome. Mas o seu livro só teria sido publicado tempos depois. Há nele trechos que teriam sido incluídos, quando Vatsyayana já estava morto.

De acordo com a tradição cultural indiana, eram três as espécies de literatura profana: arthashastra - economia e ciência política; dharmashastra - ciência dos deveres religiosos, morais e sociais; e kamashastra - ciência dos prazeres eróticos.

Antes de Vatsyayana, não faltaram autores de livros que tratassem da arte de amar, Vatsyayana menciona-os. A mais antiga autoridade no assunto era Nandi, que teria sido o autor de um trabalho com 1.000 capítulos. Svetaketu, filho de Uddalaka, reduziu a 500 capítulos o texto de Nandi. Afinal, Vabhravya Panchala apresentou uma versão reduzida a 150 capítulos.

Sabe-se hoje que Nandi nunca existiu e que o nome de Svetaketu é mencionado no MAHABHARATA como tendo sido o primeiro homem que disciplinou o exercício da função sexual, extirpando

dos grupos humanos a promiscuidade dos indivíduos de sexo diferente.

Quanto a Vabharavya (ou Babhravya) teria sido autor de um texto reduzido em comparação com os anteriores.

Vatsyayana refere-se a outros autores. Dattaka escreveu sobre a prostituição, a pedido das mulheres públicas de Pataliputra. Charayana tratou de generalidades. Ghotakamuka e Gonardiya escreveram sobre as noivas, jovens e viúvas. Gonikaputra redigiu compêndios a respeito das amantes, Suvarnanabha tratou da técnica do ato genital e Kuchumara redigiu instruções secretas a respeito das práticas eróticas.

Dos autores referidos por Vatsyayana, há três conhecidos, sendo Charayana e Ghotakamukha mencionados como antigas autoridades em ciência política. Gonardiya é outro nome de Patanjali, autor do MAHABASHYA.

O gênero erótico, um de cujos ramos era o aupanishadkam, instruções secretas, não deixava de ser literatura reservada. Tanto assim que Vatsyayana diz que aprendeu "de um amigo confidencial e em segredo" os princípios que devem regular a técnica do amor.

Mas, nem por isso, silenciavam os livros canônicos a respeito do amor, que, do ponto de vista da metafísica religiosa indiana, era uma expressão da potencialidade de Brahma. Não havia assim preconceitos morais, quanto à prática sexual.

Admite-se que o livro de Vatsyayana tenha sido acrescido de trechos, no decurso dos tempos. Mas isso não diminui o seu valor documental, no que diz respeito à sociedade indiana, que vivia na região ocidental da península indostânica, mormente nos reinos e principados da costa ocidental. É de supor, aliás, que, durante a dinastia dos Guptas, foi um centro de atividades literárias.

Ujjai era uma cidade cosmopolita, situada à margem de uma estrada com tráfego comercial entre regiões distantes. Os seus habitantes, ricos, ociosos, entregavam-se a toda espécie de divertimentos e prazeres, entre os quais se incluíam os amorosos.

Nos KAMA SUTRA estão mencionados os costumes da gente da cidade, que realizava suas festas em parques - udayatra - praticava esportes, mantinha clubes de reuniões elegantes. O escritor não esquece a "boa vida" dos aristocratas e burgueses. Havia não somente indivíduos aplicados aos seus negócios, mas também homens endinheirados e ociosos, sedutores de mulheres casadas e cortesãs, estimadas, até honradas pelos rajás, além dos novos ricos, imitadores dos hábitos de nobres da sociedade.

Do ponto de vista sociológico e do antropológico o valor documental dos KAMA-SUTRA adquire um 'significado particular. É o documento expressivo do hedonismo de uma classe ociosa, despreocupada dos objetivos da vida humana, segundo a concebiam os ascetas, os saniassins, os brahmacarins, um dos quais teria sido o próprio Vatsyayana.

Como literatura, os KAMA-SUTRA comprovam a fecundidade intelectual do povo hindu e oferecem aos antropólogos um material copioso para a elaboração de teorias realistas em torno da vida social dos povos em sua evolução. Aquela Índia feudal, hedonista, religiosa, não era diferente de Atenas no século de Péricles, de Alexandria na época dos Ptolomeus, de Roma no tempo dos imperadores da estirpe Julia, da Itália e da França no período do Renascimento, da França enquanto reinaram Luiz XIV e Luiz XV, e das metrópoles do nosso tempo.

Os KAMA-SUTRA, quando foram traduzidos ao inglês, considerava-se literatura pornográfica, tendo sido proibida a sua divulgação na Inglaterra vitoriana. O texto do livro não deixaria de impressionar milhares de leitores incapazes de apreender o seu significado. Atualmente, parece inócua, talvez angélico o seu teor, redigido por um intelectual que talvez tivesse pretendido um objetivo diferente daquele que atribuem às páginas do livro, aliás sem dúvida, prejudicadas pelas interpolações de escritores menos conscienciosos e levados pela atração do prestígio entre os libertinos.

A leitura atenta do livro de Vatsyayana deixa uma impressão forte. Nesse livro há mais do que frases, receitas e advertências.

Sente-se aí a presença de um espírito, não de um homem, propriamente, mas do Homem que busca ir além dele mesmo.

Raul Xavier
1976

Kama Sutra - Fragmentos

CAPITULO II DA Aquisição DE DHARMA, ARTHA E KAMA

A existência do homem dura cem anos. Por esse motivo, ele deve praticar o Dharma, o Artha e Kama, em épocas diferentes, de modo que possam harmonizar-se sem o menor desacordo. Ele deve adquirir instrução, quando menino. Chegando à juventude e à idade madura, vai ocupar-se de Artha e de Kama. Na velhice, voltará a dedicar-se ao Dharma, a fim de alcançar Moksha (a libertação) e assim estará isento de mais outra transmigração. Sendo incerto o curso da existência, ele poderá praticá-los nas épocas indicadas. Mas note-se que o homem deve ter uma vida de estudante religioso, até findar a sua educação.

Dharma é obediência ao mandamento dos Shastra - a escritura sagrada dos hindus -, para que se executem certos atos tais como os sacrifícios, os quais, geralmente, não se celebra porque, pertencendo a outro mundo, não produzem efeito visível. Também os Shastra mandam que não se faça outras coisas, como alimentar-se de carne, o que se faz frequentemente, pois isso é deste mundo e tem efeitos visíveis.

Dharma é ensinado pela Çrutí (Escritura sagrada) e por aqueles que a explicam.

Artha é a aprendizagem das artes, a aquisição de terra, ouro, gado, muitas posses, carruagens, amigos. É a proteção de tudo quanto se adquiriu e o aumento do que está protegido.

Artha é ensinado pelos oficiais do rei e pelos negociantes que têm experiência das práticas do comércio.

Kama é o gozo dos objetos acessíveis a cada um dos cinco sentidos - ouvido, tato, vista, paladar, olfato -, dirigidos pelo intelecto, inseparavelmente unido ao Ego (alma). O objetivo de Kama é o prazer. Mas o significado especial da palavra kama está denotado pelo forte desejo, nos homens e mulheres, de um

contato especial, que produz o máximo prazer, seguido de outros prazeres menores, que são como as sombras do prazer maior.

Kama é ensinado nos Kama Sutra (Aforismas sobre o amor) nas recepções e reuniões de cavalheiros experientes na arte de amar.

Quando se praticam os três, Dharma, Artha e Kama, o anterior é melhor do que o posterior, ou seja, Dharma é melhor do que Artha e Artha melhor do que Kama, Por exemplo; a satisfação do desejo erótico está subordinada à aquisição de riqueza. Esta, por sua vez, subordina-se ao mérito religioso, o mais importante entre os demais objetivos da existência.

Mas isto não se aplica a todas as pessoas, porquanto para um monarca a riqueza é mais importante, uma vez que a sua maneira de viver depende do dinheiro. Quanto às mulheres públicas, entregues ao Kama, devem ocupar-se disto, de preferência às demais artes.

Estes dois casos são exceções à regra geral, à maior importância de Dharma:

Primeira objeção

Alguns sábios dizem que Dharma refere-se a coisas que não são deste mundo. Assim pode ser bem exposto em um livro. Também Artha, embora sua prática somente seja possível mediante a aplicação de certos processos, pode ser adquirida na leitura e no estudo de livros. Mas Kama existe em todas as criaturas, não somente nos seres humanos como nos animais e portanto não se necessita de nenhum livro para ensinar a sua prática.

Resposta

Isso não é exato. A união sexual depende do homem e da mulher e por isso requer a aplicação de certos meios, ensinados nos Kama Shastra. Os animais não se utilizam desses meios porque só praticam o coito no tempo do cio, e instigados pelo instinto de procriação, sem nenhuma parcela de raciocínio.

Segunda objeção

Dizem os Lokayatikas: "Os mandamentos religiosos não devem ser observados porque prometem benefícios futuros; assim;

quem será bastante ingênuo para esperar algum benefício que ainda esteja por se realizar, se é que irá mesmo realizar-se? Quem será bastante tolo para deixar cair nas mãos dos outros, aquilo que já está em suas próprias mãos? É melhor possuir um pombo hoje do que um pavão amanhã. Uma moeda de cobre que recebemos deve valer mais para nós do que uma moeda de ouro cujo recebimento ainda é duvidoso".

Resposta

Não é exato.

1º — Não pode haver dúvida quanto à observância dos preceitos da Sagrada Escritura, pois esta é de origem divina.

2º — Os sacrifícios executados para a destruição dos inimigos; para virem as chuvas, ou para a melhoria da situação de alguém, produzem um efeito visível.

3º — O sol, a lua, as estrelas, os planetas, parecem movidos pela intenção de beneficiarem o mundo.

4º — A existência de cada indivíduo, na sociedade, subordina-se ao Várnashrama, às regras referentes às quatro castas e aos respectivos deveres.

5º — Quem semeia grãos na terra espera uma colheita no futuro. por isso, Vatsyayana é de opinião que se deve obedecer aos mandamentos da religião.

Terceira objeção

Dizem outros não haver necessidade de esforços para adquirir-se riqueza. Algumas vezes, todos os trabalhos de um indivíduo para enriquecer são inúteis, enquanto outro indivíduo está nadando em dinheiro, sem ter movido sequer um dedo. Está bem, concorda Vatsyayana, o Destino (Kala) decide da pobreza ou da riqueza de um homem, da vitória ou da derrota, da alegria ou, da tristeza. O destino elevou o demônio Valli ao trono de Indra, no céu, e depois derrubou-o de lá.

E somente o Destino pode fazê-lo subir ao céu outra vez.

Resposta

Este argumento não está correto. A aquisição de qualquer coisa pressupõe algum esforço da parte do homem. A aplicação dos meios convenientes pode ser considerada como a causa das

nossas aquisições. E como é indispensável à aplicação dos meios adequados para adquirirmos algo (mesmo quando um fato deve fatalmente acontecer), conclui-se que não gozará nenhuma felicidade quem nada fizer por alcançá-la.

Quarta objeção

Outros, admitindo que Artha é o principal objetivo a ser alcançado, argumentam: "O gozo dos Fazeres eróticos é prejudicial à prática de Dharna e de Artha, que lhe são superiores. Os prazeres eróticos são condenados pelas pessoas de mérito. Eles arrastam o homem à desgraça, aproximando-o de degenerados, criminosos, Anulam nos indivíduos a capacidade de distinguir os atos bons e os maus, tornando-os indiferentes ao futuro, estimulando-os ao desperdício e à leviandade. Ninguém lhes dá crédito, ninguém os recebe em casa, ninguém os respeita e eles mesmos carecem do senso de decoro pessoal. Toda sente sabe que muitos indivíduos viciados nos prazeres eróticos arruinaram-se, juntamente com suas famílias, e seus amigos. Por exemplo, o rei Dandakya, da dinastia Bhoja, raptou a filha de um brâmane. Depois dessa ação desonesta, perdeu os bens e o reino, arruinando-se com os parentes e amigos. Também foi severamente punido, Indra, rei dos deuses, por ter violado a castidade de Ahalya. O poderoso Kichala, por uma tentativa de sedução de Draupadi, e Ravana, que pretendeu abusar de Sita, foram castigados. Muitos outros tiveram um fim violento, como efeito da luxúria.

Resposta

Esta objeção não tem fundamento, contesta Vatsyayana. A execução do ato genital é tão necessária à existência e ao bem estar corporal quanto o alimento e portanto os prazeres correlatos são igualmente legítimos, sendo tão importantes quanto a prática de Dharma e de Artha. Ademais, convém acalmar a paixão, assim evitando que a sua repressão tenha maus resultados. O importante é a moderação e a prudência. Ninguém deixa de cozinhar seus alimentos porque ha mendigos que virão pedir comida. Ninguém deixará de semear o seu campo porque os animais virão comer o trigo, quando estiver crescido. Portanto, quem praticar Dharma, Artha e Kama será feliz tanto neste mundo como no outro, agora e no futuro. As pessoas, de

bem praticam ações de cujos efeitos não têm receio, no mundo futuro, das quais não resulta nenhum perigo, atualmente. Todo ato praticado segundo Dharma, Artha e Kama, de acordo com dois ou mesmo apenas um desses livros, deve ser executado. Mas deve-se evitar a prática de um ato em que se observasse apenas uma ciência, excluindo-se as outras duas.

CAPÍTULO III DO ESTUDO DAS SESENTA E QUATRO ARTES

O homem deve estudar os Kama Sutra, as artes e ciências correlatas, além das artes e ciências relativas a Dharma e Artha. Até mesmo as adolescentes devem estudar os Kama Sutra, as ciências e artes complementares, antes do casamento e depois, se os maridos consentirem.

Aqui, os sábios observam que as mulheres não devem estudar os Kama Sutra, pois elas não têm permissão para estudarem nenhuma ciência.

Mas, Vatsyayana é de opinião que esse ponto de vista carece de fundamento. Nada impede que as mulheres pratiquem as regras da ciência sexual. Ora, essa prática somente é possível depois de conhecerem a ciência. Portanto, é necessário que elas adquiram esse conhecimento, antes de o praticarem.

Poucas pessoas conhecem bem os Shastras e no entanto toda gente sabe mais ou menos agir em conformidade com os seus princípios. A gramática não tem relação nenhuma com os ritos dos sacrifícios. No entanto, os Yadnikas ou sacrificadores recitam corretamente os mantras, obedecendo assim às regras gramaticais. Também há pessoas que, para realizarem negócios, obedecem à indicação astrológica dos dias propícios, ignorando a astrologia. Do mesmo modo, aqueles que amansam elefantes e amestram cavalos observam apenas a sua prática pessoal no ofício, sem nada conhecerem da equitação ou do treino dos elefantes. Considere-se ainda que os habitantes das mais remotas províncias do reino observam as leis pela prática, só porque há um monarca no governo, sem mais nenhuma outra razão. E nós sabemos que as cortesãs, as princesas, as filhas de ministros, de chefes militares e de banqueiros têm lido os Kama Sutra.

Portanto, a mulheres devem aprender os Kama Shastra ou, pelo menos, uma parte, sendo nessa leitura orientadas por alguma amiga íntima. Devem estudar as sessenta e quatro artes

relacionadas com os Kama Sutra, praticando-as na intimidade. As professoras podem ser: (a) a filha de uma aia, criada em sua companhia e casada; (b) uma amiga, digna de toda confiança; (c) uma tia materna; (d) uma velha aia, que goze das vantagens de uma tia; (e) uma mendiga, que durante anos tenha morado na casa da família; (f) ou uma irmã, em quem ela poderá sempre depositar confiança.

As artes que devem ser estudadas, juntamente com os Kama Sutra, são as seguintes:

- 1 - Canto.
- 2 - Música instrumental.
- 3 - Dança.
- 4 - Canto, música instrumental e dança associadas.
- 5 - Caligrafia e desenho,
- 6 - Tatuagem.
- 7 - Adornamento e enfeite de um ídolo com espigas de arroz e flores.
- 8 - Feitura de colchões de flores nas camas ou no chão.
- 9 - Pintura dos dentes, das vestes, dos cabelos, das unhas, do corpo, de acordo com a cor da epiderme.
- 10 - Enfeite de um soalho com pedras ou lâminas de vidro coloridas.
- 11 - Arrumação de leitos ou de tapetes e almofadas para descanso.
- 12 - Execução de músicas em jarros cheios de água.
- 13 - Acumulação e conservação de água em cisternas, reservatórios, aquedutos.
- 14 - Pintura, adornos, decorações.
- 15 - Confecção de rosários, colares, grinaldas, coroas de flores.
- 16 - Confecção de turbantes, diademas, plumas, ramalhetes de flores.
- 17 - Representações teatrais. Exercícios para representação em palco.
- 18 - Arte de fazer brincos para orelhas.
- 19 - Arte de fazer perfumes e essências.
- 20 - Arte de dispor as joias, os enfeites e os ornamentos no vestuário.
- 21 - Magia ou feitiçaria.
- 22 - Habilidade e destreza das mãos.
- 23 - Arte culinária, ou seja, a de cozinhar e assar.

- 24 - Preparo de limonadas, sorvetes, bebidas ácidas, licores de gosto e cor variados.
- 25 - Costurar, cerzir e consertar vestidos.
- 26 - Fazer papagaios; flores, plumagens, borlas, ramalhetes, botões, cartões, com fios de algodão ou de lã.
- 27 - Solução de enigmas, logogrifos, charadas, quebra-cabeças, e frases sibilinas.
- 28 - Um jogo que se faz do seguinte modo: alguém recita um verso; imediatamente, outra pessoa também diz um verso que se inicia com a última letra do verso recitado antes. Quem deixar de dizer um verso, imediatamente, cuja primeira letra seja a última do anterior, é considerado perdedor e tem de pagar uma multa, que pode ser uma prenda ou algo diverso.
- 29 - A arte da mímica ou da imitação.
- 30 - A leitura, inclusive o canto e a entonação correta das palavras (califasia).
- 31 - O estudo de frases de pronúncia difícil. É um exercício divertido principalmente para as mulheres e os meninos. Quando se repete, rapidamente, uma frase de pronúncia fácil, as palavras são trocadas ou mal pronunciadas, frequentes vezes.
- 32 - Esgrima, manejo de cacete; defesa com um pau, tiro de flechas com um arco.
- 33 - A arte dos raciocínios ou das inferências.
- 34 - Carpintaria ou arte do carpinteiro.
- 35 - Arquitetura ou arte das construções.
- 36 - Conhecimento das moedas de ouro/e de prata, das jóias e pedras preciosas.
- 37 - A química e a mineralogia.
- 38 - Coloração das jóias, pedras preciosas e pérolas.
- 39-Conhecimento de minas e pedreiras.
- 40-Jardinagem. Tratamento das doenças das arvores e plantas, sua nutrição e maneira do conhecer-lhes a idade.
- 41 - A arte da briga de galos, codornizes e carneiros.
- 42 - A arte de ensinar papagaios a falar e também estorninhos.
- 43 -A arte de aplicar óleos perfumados no corpo, pomadas e perfumes nos cabelos e penteá-los, fazendo tranças.
- 44 -A arte de decifrar escritas secretas (criptografia) e de ler palavras grafadas de várias maneiras.
- 45 -A arte de falar, alterando a forma das palavras. Isso se faz de várias maneiras. Algumas pessoas alteram o início e o fim dos

vocábulo. Outras intercalam letras desnecessárias entre cada sílaba de uma palavra.

46 - Conhecimento das línguas e dos dialetos provinciais.

47 - A arte de armar carruagens de flores.

48 - A arte de traçar diagramas ou círculos mágicos, (mandalas), preparar feitiços, encantamentos, e ajustar pulseiras.

49 - A prática de exercícios intelectuais: completar estrofes ou versos dos quais se sabe apenas uma parte. Quando algumas linhas de um ou mais versos são tomadas ao acaso, escrever uma, duas, três ou mais linhas, de modo que apareça um verso com significado completo. Arranjar as palavras de um verso, que estaria escrito irregularmente, ou separando as vogais das consoantes ou não as pronunciando. Traduzir em verso ou prosa, frases representadas por sinais ou símbolos. Há muitos outros exercícios desta espécie.

50 - Composição de poemas.

51 - Conhecimento de dicionários e vocabulários.

52 - A arte de alterar sob disfarces, a aparência das pessoas.

53 - A arte de alterar a forma exterior das coisas, de modo que um tecido de algodão pareça de seda, objetos grosseiros e vulgares pareçam finos e raros.

54 - As várias formas de jogo.

55 - A arte de se apossar da propriedade alheia, mediante mantras ou encantamentos.

56 - A arte da agilidade nos esportes da mocidade.

57 - O conhecimento das regras da vida na boa sociedade e da arte de apresentar a terceiros cumprimentos e felicitações.

58 - A ciência da guerra, dos armamentos, dos exércitos.

59 - A arte da ginástica.

60 - A arte de conhecer o caráter de um indivíduo pelos seus traços fisionômicos.

61 - A arte da medida ou da redação de versos.

62 - As recreações aritméticas.

63 - A confecção de flores artificiais.

64 - A modelagem em barro de figuras e imagens.

A mulher pública, animada de boa disposição, cuja beleza se associa outros atrativos e que também conhece as artes acima referidas, recebe o título de Ganika, mulher pública de alta qualidade. Nas reuniões de homens, dão-lhe um lugar honroso.

Sempre respeitada pelo rei, louvada pelos letrados, e como todos solicitam seus favores, ela se torna um objeto da estima universal. Do mesmo modo, a filha de um rei ou de um ministro se conhecer todas as artes acima referidas, pode ter a certeza da preferência do seu esposo, ainda que este disponha de mil outras mulheres.

Além disso, no caso de uma mulher separar-se do marido e ficar desamparada, poderá ganhar sua vida, facilmente, ainda que vá residir em outro país, graças ao seu conhecimento dessas artes.

Basta este conhecimento para tornar-se uma mulher atraente, embora a sua prática somente seja possível em certas circunstâncias.

Um homem versado nessas artes, que saiba falar bem, praticando a arte do galanteio, conquista depressa os corações femininos, embora seja recente o seu trato com essas mulheres.

CAPITULO IV A VIDA DE UM CIDADÃO

Concluída assim a sua instrução, o homem rico, possuidor de bens que lhe tenham sido doados, caso seja um brâmane, ou conquistados se for um kshatryia (guerreiro), ou herdados dos pais ou avós, ou adquiridos na prática dos negócios quando se trata de um Vaishyia (mercador ou agricultor), ou no exercício de trabalhos pesados, quando é um Sudra (operário), deve adquirir uma residência e viver como um cidadão.

A casa deve estar em uma cidade, em uma aldeia, ou na vizinhança de pessoas de bem, ou então em um local habitado por muita gente. A moradia estará próxima de um curso de água, sendo dividida em vários compartimentos destinados a diferentes préstimos. Estará rodeada de um jardim e terá dois apartamentos, um na ala fronteira, outro na traseira do prédio. O apartamento, na ala traseira, será ocupado pelas mulheres. No apartamento da ala fronteira, todo perfumado, haverá um leito macio, coberto de uma colcha muito alva, menos estofado no centro com duas almofadas, uma na cabeceira, outra para os pés. Haverá por cima do leito, um docel enfeitado de grinaldas e de ramalhetes de flores.

No mesmo apartamento, estará um sofá, que servirá para alguém descansar nele e mais uma mesinha, onde se colocarão os óleos perfumados para a noite, além de flores, de frascos de colírio, e

outras substâncias cheirosas, para se perfumar a boca, como também cascas de limão comum. O sofá servirá para, o ato sexual, a fim de não se poluir o leito.

Também por cima do leito, um cabide na forma do caule da flor de lótus estará fixado em uma parede, como um braço onde se verá suspensa a imagem de um deus. E perto do sofá, coloca-se uma cuspeira, uma caixa de enfeites, um alaúde dependurado de um cabide feito da presa de um elefante, uma prancha para se fazerem desenhos, um vaso de perfume, alguns livros e grinaldas de amarantos amarelos.

Não muito próximo do divã, no soalho, estará um assento redondo, uma caixa com peças de jogo e dados, uma mesinha para o jogo, e um carrinho para serviço de sala. Do lado de fora desse apartamento, estarão penduradas gaiolas de passarinhos e ao lado, uma sala para execução de esculturas de madeira, para fiação e outros passatempos. No jardim, à sombra das árvores, estarão dois balanços, um giratório e outro comum.

Haverá também um caramanchão, recoberto de grama.

De manhã, depois de satisfeitas as necessidades naturais, o dono da casa escovará Os dentes, passará no corpo um pouco de óleo e perfumes, pingará gotas de colírio nas pálpebras e abaixo dos olhos, pintará os lábios com alacktaka e olhará o rosto em um espelho. Depois mastigará algumas folhas de betel e outras substâncias que perfumam a boca, indo então cuidar dos seus afazeres habituais.

Tomará banho todos os dias, fará massagens no corpo, dia sim, dia não, com um líquido espumoso. Raspará a cabeça e a face de quatro em quatro dias como também as outras partes do corpo, inclusive o púbis, de cinco em cinco ou de dez em dez dias.

Tudo isso se fará, pontualmente. Também evitará permanecer à luz do sol, a fim de evitar a transpiração e não deixará de enxugar o suor das axilas. Fará as refeições pela manhã, à tarde, e mais uma vez à noite, conforme prescreve Charayana. Depois da refeição matinal, ele irá distrair-se com os passarinhos ou ensinar os papagaios a falar, indo em seguida ver briga de galos, codornizes e carneiros. Não deixará também de assistir às pantomimas dos Pithamardas, dos Nitas e dos Vidushakas. Então, irá dormir a sesta do meio-dia.

Acordando, penteará os cabelos, vestirá uma boa roupa com os devidos enfeites e irá ver os amigos, à casa de uma cortesã, onde tomará parte em discussões literárias e beberá vinho, ou irá a um

clube para jogar, ou a um parque público, a fim de banhar-se em uma piscina.

À noite, ouvirá canto e música. Em seguida, na sala de recepções, bem decorada e perfumada, em companhia de amigos, aguardará a vinda da Sua amante. Se esta demorar a comparecer à reunião, ele mandará uma aia buscá-la ou ele mesmo, pessoalmente, irá trazê-la à sala.

Quando o dono da casa, acompanhado da amiga, aparecer na sala, os amigos não deixarão de cumprimentá-la e se empenharão em distraí-la com uma boa conversa. No caso de animar-se a amiga, durante as conversas, causando algum desalinho no vestuário, o dono da casa em pessoa irá reajustar as roupas da mulher. Esta é a última ocupação diária. Além disso, há outras festas que lhe incumbe observar:

- Festejos em honra de divindades
- Reuniões sociais de ambos os sexos
- Reuniões para bebidas
- Piqueniques
- Outras diversões sociais

Festejos em honra às divindades — (Ghatanivandhana)

Em dias particularmente auspiciosos, há uma reunião de cidadãos no templo da deusa Sarasvat, onde se exibirão artistas, locais ou estrangeiros, mormente cantores. No dia seguinte, ser-lhes-ão entregues prêmios. Alguns serão também convidados a permanecer na cidade, se tiverem agradado à assistência do festival. Os frequentadores dos festejos deverão proceder de comum acordo, nas suas deliberações, quer em tempo de prosperidade, quer em época de dificuldades, prestando assistência uns aos outros. Incumbe-lhes também dispensar hospitalidade às pessoas que venham de outras cidades assistir os festejos. Trata-se, aliás, de um preceito que se deve observar nos festivais em honra de qualquer outra divindade.

Reuniões sociais (Gosthisamayaya)

Reuniões nas residências das cortesãs, nos cassinos, na casa de um amigo ou de pessoa conhecida, ou nos clubes (Gosthis) onde se ouvem discussões sobre poesia, artes e assuntos filosóficos.

Participam mulheres bonitas e fascinantes, às quais se dispensam elogios e cumprimentos lisonjeiros.

Reuniões para bebidas (Somapanaka)

Os homens e as mulheres realizam essas reuniões em rodízio nas residências de uns e de outros. Bebe-se vinhos doces Madhu —, um vinho fabricado na cidade de Mira — Maireya —, os licores feitos de cascas de algumas árvores, de frutos silvestres, de folhas — Asava —, acompanhados de salgadinhos, frutas, saladas, molhos e temperos. As bebidas são oferecidas antes de provadas pelos homens.

Piqueniques e Reuniões nos parques (Udyanagamana)

A ida aos parques e jardins bem tratados será como a reunião para bebida, ou seja, parques e jardins pertencentes a pessoas da mesma categoria social e segundo a prática do rodízio. Pela manhã, irão os cavalheiros a cavalo, bem vestidos, em companhia de cortesãs, seguidos por seus criados. - Aí passarão o dia em vários divertimentos, em agradáveis distrações, vendo brigas de galos, de codornizes, carneiros. Voltarão às suas residências quando for meio dia, levando ramalhetes de flores. Durante o verão, há os banhos e esportes aquáticos, em lagos e rios onde tenham sido retirados antes os animais perigosos, como jacarés e outros, devendo as margens terem sido protegidas por muros ou lastros de pedra.

Diversões populares (Samasyakrida)

Os cavalheiros devem tomar parte nos festejos populares e municipais. Alguns desses festejos se realizam em todos os Estados. Alguns no entanto são locais. Todas as classes participam de tais festejos e os cavalheiros não podem faltar, pois terão oportunidade de se mostrarem mais fortes e mais hábeis nas exibições individuais, do que os indivíduos de classes inferiores. As exibições esportivas mais importantes executam-se na noite Diwali, na noite de lua cheia que a precede — Kojagar-Purnima —, durante a qual toda a gente deve estar acordada e mostrar-se alegre, como também no décimo terceiro dia após a lua cheia da primavera — Madanatrashya.

Quando um cavalheiro não dispõe de companhia ou não quer estar rodeado de elementos populares, deve arranjar um séquito de pessoas de acordo com a categoria social de um cavalheiro. Quando um cavalheiro é proprietário de um campo ou local, onde se realizam os festejos, a sua companheira será ou a própria esposa ou uma cortesã. Nesse caso, a mulher agirá como se fosse um homem e dará toda a sua atenção a um cavalheiro. Os acompanhantes de cada participante à reunião serão homens para um cavalheiro e mulheres para a dama, esposas ou cortesãs.

Outras diversões sociais

Os outros divertimentos são:

Passar as noites, jogando dados.

Dar passeios ao luar.

Realizar uma festa em honra da primavera.

Colher os brotos e frutas das mangueiras.

Comer fibras de lótus.

Comer espigas tenras de milho verde.

Reuniões nas florestas, quando as árvores têm folhagem nova.

Praticar esportes aquáticos — Udakashvedika.

Enfeitar-se com as flores de certas árvores.

Enfeitarem-se as pessoas, reciprocamente, com as flores da árvore Kadamba.

Há muitas outras diversões, conhecidas em todo o país ou em apenas algumas províncias. São divertimentos praticados sempre pelos cidadãos segundo a preferência de cada um. Haverá cavalheiros que se entregarão a uma dessas diversões, na companhia de uma única mulher. Também uma cortesã pode divertir-se em companhia das suas serviçais ou de algum cidadão. Os companheiros de um cavalheiro de categoria serão:

1 — O Pithamarda, uma espécie de professor de boas maneiras e de todas as artes, sem dinheiro, sem propriedades, solteiro e portanto só com os encargos da própria pessoa.

O Pithan-Kuyla possui somente um tamborete, em forma de T, chamado Mallika. Como tem muito cuidado com o asseio pessoal, tem sempre consigo sabonetes e cosméticos. Dispõe também de uma veste vermelha. É um viajante que percorre

várias províncias, sendo afamado pelos seus conhecimentos que o tornam perito nas sessenta e quatro artes e na ciência sexual. Ganha a vida falando sobre as artes, durante as reuniões sociais, e ensinando às prostitutas as regras da sua conduta profissional.

2 — A segunda classe de acompanhantes de um cavalheiro é o Vita (companheiro profissional). Possui todos os requisitos para usufruir da vida de um homem abastado, mas esbanjou tudo o que possuía, numa vida de prazeres. Tem família para sustentar. Sua experiência confere-lhe autoridade em assuntos relacionados com a vida social, sendo ouvida e acatada nas reuniões de gente qualificada e nas casas das prostitutas, dependendo de uns e das outras para a subsistência pessoal e da sua família.

3 — A terceira categoria, de homens que acompanham um cavalheiro é o Vidushaka, (também chamado Vaihasaka, ou seja, aquela que faz rir). Conhece um tanto de música, sabe falar, sendo um cômico apreciado de toda gente. Quanto a fortuna, ou nada possui ou esbanjou os seus bens. Essas pessoas servem de conselheiros nas desavenças entre amantes, quer se trate de gente bem, quer sejam prostitutas, atuando muitas vezes nas reconciliações. Esta nota aplica-se também às mendigas, às mulheres de cabeça raspada, às adúlteras, às prostitutas velhas, hábeis em todas as artes. Sendo assim, o cidadão, residente em sua cidade ou aldeia, respeitado de toda gente, cultivará relações com todas as pessoas da sua casta, dignas da sua amizade, incentivando-as à prática das boas maneiras e à cordialidade nas suas relações.

Leiam-se os seguintes versos sobre este assunto: "Em uma reunião social — ghosti, um cidadão bem educado não falará, exclusivamente, em sânscrito, nem nos dialetos conhecidos, pois assim será muito estimado, o sábio não deve frequentar grupos suspeitos à gente bem educada, grupos onde não se observam as boas normas e que tratam de destruir os outros. Mas, na qualidade de membro de uma sociedade cujos atos beneficiam o povo, cujo único objetivo é distrair os seus associados, o homem sensato pode obter a amizade dos homens e a afeição das mulheres".

Milinda Panha

Introdução

Nos países asiáticos, onde predomina o budismo com as várias seitas, o Milinda Panha – “Perguntas de Milinda”, é um texto que os monges e fiéis budistas leem e veneram. O autor é desconhecido, mas a senhora Rhys Davids (The Milinda Questions), admite que tenha sido um pandit (bacharel) da casta bramânica. Segundo essa afamada indianista, terminando o pandit o seu curso em alguma escola nas proximidades de Sagala, o moço brâmane, cujo nome deve ter sido Manava, dedicou-se à profissão de redator de trabalhos literários e de cartas particulares, para a assinatura de pessoas das altas castas, e à de professor particular. Nessa qualidade, teria sido Manava admitido no palácio real a serviço do rei Dionísio, sucessor de Milinda.

Milinda é a tradução do nome grego Menandro. Durante a estadia na Índia, Alexandre instituiu rei um dos seus generais, do qual descendia Menandro. O seu antecessor, Demétrio, cerca do ano 175 a.C., transferiu sua capital de Bactriana para o Pendjabe.

Informa Estrabão que esse monarca estendeu suas conquistas até o rio Jamuna, tendo até alcançado o rio Pataliputra, segundo autores hindus. Menandro teria reinado durante a segunda metade do século II a.C. Era um rei que gostava de participar de discussões filosóficas, como também gostavam disso gregos e hindus.

Um dia, supõe ainda a Sra. Rhys Davids, no palácio do rei Dionísio, decidiu-se abrir o armário onde se guardavam as placas metálicas em que o brâmane pandit reproduzira as memoráveis discussões do rei Milinda com um clérigo inteligente e instruído. O texto teria sido copiado em folhas de matéria vegetal, amarradas em rolo. Mas quem teria sido o redator das placas metálicas? Manava?

Ignora-se o nome do autor, que a senhora Rhys Davids assegura ter sido não um monge budista, mas um brâmane que conhecia bem a doutrina do Sáquia-Muni. Aliás, naquela época em que o

budismo se alastrava pela Índia, ameaçando o prestígio da casta bramânica, os brâmanes já estudavam a teoria divulgada pelos adeptos daquela heresia, a fim de rebaterem a palavra dos monges, nas escolas, nos lugares públicos, nas reuniões em palácios reais ou senhoriais.

De qualquer modo, o texto reproduzido por Manava não somente revela liberdade na maneira de dispor da matéria, como também que ele era mais filósofo e mais original pensador do que teria sido o monge Nagasena, se este realmente tivesse existido.

Note-se ainda que admitem os indianistas ter sido o primitivo texto, atribuído a Manava, alterado quanto disposição dos capítulos e talvez quanto ao seu número. Informa Louis Finot que no Tripitaka chinês há dois textos de uma obra intitulada Na-Sien Pi-Kien King (Livro do bikchu Nagasena). Essa obra é tradução do Milinda Panha, feita nos tempos da dinastia dos Tsin (317-420 da Era cristã). A tradução não foi do pali e sim de um original, talvez redigido em um dos idiomas vulgares do Noroeste da Índia. Esse original, na opinião de Louis Finot, é mais arcaico do que o texto levado à ilha de Ceilão.

No livro em chinês, o Milinda Panha reduz-se a três partes, sendo que o teor da terceira, na opinião desse indianista francês, é qualitativamente inferior à segunda. Antes da tradução francesa de Louis Finot (1923), Rhys Davids traduziu as partes I e III, para a coleção Livros Sagrados do Oriente, dirigida por Max Müller.

Ignora-se a data da primeira redação do Milinda Panha. Entretanto, a respeito há uma referência cronológica certa: o ano 420 da nossa Era para a versão chinesa. Em todo caso, é lícito admitir que essa redação tenha sido feita, séculos antes.

Finot admite que a prosa é pessoal, com estilo diferente do que se lê nos Pitakas e em outras escrituras budistas. Acrescenta o mesmo indianista francês: “Estariamos propensos a reconhecer?* nessa forma original e quase insólita, uma influência helênica. Na viela que anima os personagens, na vivacidade do diálogo, na rapidez das respostas, na sobriedade das frases, há qualquer coisa que lembra mais as palestras socráticas da Academia do que as conferências difusas e lentas do Jetavana”.

No Milinda Panha expõe-se a doutrina do Hinayana (pequeno veículo), que é a doutrina professada na Ilha do Ceilão, na Birmânia, nos países da península da Indochina (p-ex, Vietnã), na Tailândia, na área das nações da Insulíndia, no Oceano Pacífico. Essa doutrina bem se pode denominar ortodoxa e é praticada pelos monges que seguem a tradição dos Theravadins.

No ano 624 a.C., segundo a tradição budista, nasceu em Kapilavastu, capital de um pequeno reino no Nepal, Nordeste da Índia, o príncipe Siddharta Gautama. O pai, o rei Suddhodana, pertencia à tribo dos Sakkyas e a mãe chamava-se Maha-Maya, falecida sete dias depois de nascido Gautama.

Diz a lenda de Gautama que um eremita de nome Asita ao ver o recém-nascido, predisse que ele seria um Buda. Daí lhe terem dado os progenitores o nome Siddharta, que significa “aquele que realizou a sua missão”.

O pai mandou construir três palácios, onde viveria o príncipe, na companhia de muitas esposas, em conformidade com a tradição poligâmica oriental, distraído nas frequentes diversões e praticamente prisioneiro naqueles ambientes luxuosos. Isso porque o rajá seu pai pretendia que o filho fosse seu herdeiro, em vez de Buda.

Afinal, casou-se o príncipe, aos 16 anos, com uma jovem da mesma casta, sua prima, a princesa Yasodhara. As núpcias celebraram-se de acordo com o ritual dos Gandharvas. Segundo esse ritual, os noivos sentam-se em uma almofada com tecido de fios de ouro. O braço esquerdo do noivo e o direito da noiva são amarrados um ao outro por fios de seda. Corta-se o bolo nupcial, espalha-se arroz no solo e borrifa-se de perfume a sala, onde se ergue um altar em que arde uma chama. Os noivos dão três voltas, cada uma com sete passos, em torno do altar. No leito, colocam-se duas palhas que simbolizam a união até a morte.

Nasceu-lhes um filho de nome Rahula. Mas não obstante aquela existência feliz, o príncipe Siddharta pensava em conhecer o mundo que se estendia além dos muros dos parques dos três palácios. E um dia, conseguiu sair até a cidade, acompanhado do

fiel serviçal de nome Tchanna. Enquanto passeava, ele viu um ancião decrépito, um doente conduzido por outras pessoas em uma padiola, um cadáver que estava sendo levado para ser incinerado em uma fogueira, e afinal um monge.

Aqueles encontros impressionaram Gautama, que não podia entender o que significavam. O laçao explicou-lhe que todas as criaturas envelhecem, adoecem e morrem. Disse-lhe quem era o homem vestido de monge. Depois daquele passeio, Gautama não mais sentiu prazer nas diversões do palácio.

Resolveu fugir. Uma noite, montado no seu cavalo Kantaka, acompanhado de Tchanna, o príncipe Siddharta, depois de olhar a esposa adormecida e o filhinho, saiu do palácio sem ser visto pelos guardas. Distante da cidade, cortou os cabelos, desfez-se das vestimentas principescas, que entregou ao laçao para que as levasse ao rei.

Dirigiu-se à cidade de Rajagriha, capital do reino de Magadha. De lá afastou-se para viver em companhia de dois brâmanes, que lhe ensinaram a doutrina tradicional, explicando-lhe a doutrina do Karma, o ritual védico, os métodos ascéticos. Não lhe satisfazia, entretanto, o ensino daqueles dois brâmanes. O príncipe Siddharta foi frequentar os templos, visitas que lhe causaram tristeza e aversão pela crueldade dos sacrifícios dos animais. Convenceu-se da ineficácia daqueles sacrifícios, da verbiagem das preces, da inutilidade das fórmulas mágicas. Desenganou-se do valor do culto aos deuses.

Continuando sua peregrinação, chegou ele a um eremitério onde viviam cinco ascetas, na floresta de Uruvila, à margem do rio Nairanjana. Durante cinco anos, conviveu com aqueles eremitas, acompanhando-os em suas práticas ascéticas rigorosas. Chegou ao ponto de ingerir apenas um grão de arroz por dia.

Apesar dessa penitência, Gautama concluiu que os rigores em nada contribuía para a solução do seu problema, que era o do conhecimento da causa do sofrimento, do qual ele tivera um exemplo impressionante no velho, no doente e no cadáver. Verificou que a mortificação não extingue o desejo, que o conhecimento não se obtém com o organismo enfraquecido, que

o sofrimento físico perturba o espírito, assim incapacitado de manter a tranquilidade necessária à meditação.

Afinal, um dia, depois de um banho no rio próximo ao eremitério, voltando para a sua cabana, caiu e ficou estendido no solo como se tivesse morrido, tal a sua fraqueza. Os monges supuseram-no, realmente, morto. Mas a filha de um pastor, chamada Nanda, passava pela estrada, levando a refeição dos pastores. Viu que ele ainda estava vivo e deu-lhe a comer uma tigela de arroz de leite. Gautama aceitou o alimento e não tardou em reanimar-se. Resolveu não continuar com o jejum. Essa resolução escandalizou os outros eremitas, que se afastaram de Gautama. Este saiu à procura de um local, onde pudesse entregar-se às meditações. E na noite da lua cheia de Vesak (data correspondente ao mês de maio do ano de 544 a.C.), sob a copa da árvore Bodh Gaya, em uma clareira na floresta, o príncipe Siddharta atingia a plenitude de consciência que lhe proporcionou a sabedoria, o conhecimento da razão de ser e do sofrimento. Teria sido talvez essa iluminação uma percepção intuitiva, análoga à que ocorreu com Isaac Newton, também sentado perto de uma árvore, que teve a intuição da fórmula da lei de gravitação universal ao ver cair uma das maçãs que pendiam do galho de uma macieira.

Naquela intuição sintetizava-se a percepção da origem do sofrimento, problema que estava sendo trabalhado pelo espírito de Gautama. Agora a sua inteligência iria desenvolver os raciocínios, os argumentos que seriam o suporte da doutrina. Resolveu divulgar a sua descoberta da verdade, assim auxiliando os seres humanos a se libertarem do sofrimento. Dirigiu-se logo aos cinco eremitas, com os quais convivera nos últimos tempos. No caminho, encontrou-se com um antigo conhecido, a quem narrou o que lhe acontecera. O conhecido recusou admitir fosse Gautama um Jina (vencedor). Os companheiros no eremitério receberam-no com frieza. Mas Gautama, agora o iluminado, venceu a indiferença dos cinco eremitas, demonstrando-lhes a verdade do ensino que leva à libertação do sofrimento e à realização do Nirvana. Um deles, o mais velho, declarou: “Tu achaste a Verdade!”

Então rogaram os eremitas que o Mestre lhes desse a ordenação e pronunciaram os três votos de obediência:

“Recorrerei ao Buda com fé!”

“Recorrerei à doutrina com fé!”

“Recorrerei à Congregação com fé!”

Assim ficou instituído o Sangha, a Igreja de Buda, que depois se dirigiu à cidade de Benares, onde proferiu o seu primeiro grande sermão. Os frutos desse sermão foram numerosos conversos à doutrina. Muitos deles fizeram votos de obediência religiosa.

Afastando-se de Benares, hospedou-se Buda em casa do brâmane Kaciapa. Esse brâmane criava uma cobra, que estava sempre perto do altar onde se achava o fogo, que o brâmane mantinha aceso, de acordo com a tradição. Kaciapa receou hospedar Gautama, pois temia que a serpente picasse o Buda. Mas durante a noite, Gautama, na sala onde ficara, repeliu os botes da cobra que morreu de raiva, na opinião dos devotos de Buda. Pela manhã, embora satisfeito por encontrar Buda vivo, Kaciapa sentiu inveja do Mestre. Este, percebendo o pensamento do brâmane, demonstrou-lhe ser pernicioso esse pensamento, que resultava em obstáculo no caminho da santidade. Arrependido, Kaciapa rogou sua admissão no Sangha.

Buda aconselhou-lhe consultar os seus discípulos, que eram Jatilas, adoradores do fogo. Estes não se opuseram a que o brâmane se convertesse à doutrina de Gautama, pois eles também pediram sua admissão no Sangha.

Voltando a Rajagriha, acompanhado de Kaciapa, Gautama converteu o rei Bimbisara. Desde então sucederam-se as conversões. O seu pai enviou-lhe um mensageiro, pedindo a Gautama que fosse vê-lo. Buda aceitou o chamado paterno. E o rei Suddhodana, em companhia dos parentes e de toda a corte foi ao encontro do filho. Este, vendo o pai acabrunhado por ver o filho viver como um monge mendigo, o que implicava em humilhação para o monarca, observou-lhe então: “Os laços de amor que vos ligam ao filho, estendem-se com a mesma bondade

a todos os seres. Estais agora recebendo alguém maior do que Siddharta. Estais recebendo o Mestre da Verdade, o Apóstolo da Justiça! A paz do Nirvana entrará em vosso coração!”

O rei voltou para o palácio e Gautama foi passar a noite na mata próxima. Pela manhã, ele tomou a tigela e foi pedir esmola à porta das casas na cidade. Esse procedimento de Buda escandalizou a Corte e levou o rajá a repreendê-lo.

Buda desculpou-se, dizendo:

— Todos os da minha linhagem procedem assim...

— Como? – perguntou-lhe o pai surpreso. – Os teus antepassados foram reis! Jamais nenhum deles mendigou alimento!

— Grande rei – observou Gautama – o senhor e sua família têm direito a se dizerem descendentes de reis. Mas eu descendo de Budas, desde tempos remotos. Todos viveram mendigando o seu alimento.

Buda também visitou sua esposa, a princesa Yasodhara. Durante sua permanência em Kapilavastu, converteram-se à doutrina, recebendo a ordenação monacal, seu primo irmão, Ananda, seu cunhado Upali, o barbeiro da Corte, o filósofo Anuruddha, também primo do Sáquia-Muni, e por último seu filho Rahula, embora ainda adolescente.

Algum tempo depois, Buda caminhou até Çravasti, para ver o edifício que lhe fora oferecido pelo príncipe Djeta e pelo ricoço Anathapindika. Aceitou a doação e voltou a Kapilavastu. Logo após o seu regresso à cidade natal, Gautama adoeceu. O médico que o tratou recomendou-lhe andar vestido, pois o Mestre cobria-se apenas de andrajos. Foi por esse tempo que faleceu o rei seu pai.

Até então, Siddharta recusara admitir mulheres no Sangha. A esposa Yasodhara já lhe havia solicitado, por três vezes, a admissão na Comunidade. Morto o progenitor, a madrastra de

Buda fez-lhe o mesmo pedido, acompanhada de Yasodhara e de muitas outras mulheres. Afinal, o Bem-aventurado consentiu em admitir monjas no Sangha.

O Tathagata dedicou-se desde então ao apostolado, peregrinando por várias regiões para converter homens, para levá-los ao caminho da libertação. Só deixava de caminhar durante a estação chuvosa.

Foi em uma dessas viagens, quando Gautama já estava com 80 anos de idade, em 460 a.C., que Buda entrou no Nirvana. Em seu caminho teria de passar pela cidade de Pava, onde morava um budista, o ferreiro Cunda, que mandou preparar uma boa refeição para o Mestre e seus monges. Retirando-se para descansar na casa onde se abrigavam os companheiros de Buda, este sentiu-se mal e deitou-se, como era seu costume, sobre o lado direito. Advertiu Ananda de que não tardaria a subir ao Nirvana. O Buda, segundo os discípulos, teria falecido em consequência de intoxicação alimentar.

Em seu livro traduzido ao português por Gustavo Barroso, intitulado Jesus Desconhecido, observa Merejkovsky que, se o Cristo escreveu uma só vez na areia, Buda nem na areia escreveu. Assim a doutrina do Tathagata foi transmitida à posteridade pelos discípulos, logo após o falecimento do Mestre, reunidos em Concílio, na cidade de Rajagriha, sendo presidente o venerável Kassapa. Ananda, primo irmão do Sáqui-Muni, que teria sido uma espécie de João Evangelista, redigiu o texto dos sermões, os Sutras. Kassapa foi redator não somente do Vinaya (Livro das regras monásticas), como também do Abhidhamma (Lei superior), que trata de psicologia e de metafísica.

Um século depois, reuniu-se o segundo Concílio, em Vesali, durante o qual ocorreu a cisão da congregação budista. Um grupo de monges propôs fossem menos rigorosas as regras disciplinares. A maioria dos monges, entretanto, rejeitou a reforma proposta por aqueles que se denominariam Mahasanghikas (adeptos da grande comunidade), os quais seriam os religiosos que instituiriam o Mahayana. Os tradicionalistas, os Sthaviras, também se denominariam Theravadins, fiéis ao ensino dos velhos (theras).

A diferença doutrinária entre os dois ramos do budismo está nos seguintes pontos:

Os adeptos do Mahayana afirmam que a consciência búdica já se acha em estado potencial no ente humano, podendo assim atualizar-se mediante as práticas ascéticas. Os monges do Hinayana ensinam que a consciência búdica é adquirida, sendo efeito da exata observância das normas prescritas no Vinaya.

Um terceiro Concílio realizou-se em Pataliputta, sob a direção do monge Tissa. Patrocinou-o o imperador Assoka, entusiasta adepto do budismo. Teve esse Concílio por finalidade a revisão e a confirmação do cânone e ao mesmo tempo, a rejeição da ideia de reforma disciplinar. Segundo Christmas Humphreys, teria sido convocado por Theravadins.

O imperador Assoka promoveu um movimento missionário, estimulando a ação de apóstolos budistas, que viajaram até a Síria, o Egito, a Macedônia, Cirene, o Épiro e a ilha do Ceilão. A época do monarca, já comparado ao romano Constantino, marcou o período áureo do budismo na Índia. Logo após a morte do imperador, empenharam-se os brâmanes em uma reação tenaz, no combate à nova doutrina. O resultado da reação bramânica foi o recuo do budismo, no território propriamente hindu.

Mas a doutrina do Sáqui-Muni já se divulgara por uma larga e extensa área do continente asiático. O Hinayana enraizara-se no Ceilão, em Burma, na Indochina, no Camboja, na Tailândia, e em outras áreas do sudeste da Ásia. O Mahayana foi ao Tibete, entrou na China, na Coreia e alcançou o Japão, onde, aliás subdividiu-se em 17 seitas uma das quais, o Zen, cindiu-se em três ramos.

Se no tempo do imperador Assoka já se haviam delineado as diferenças entre os monges budistas, as divergências de cunho doutrinário e relativas à pragmática da vida religiosa assumiram feição definitiva no século I antes da era cristã.

Já no segundo Concílio, cem anos depois do falecimento de Gautama, os Sthaviras tinham iniciado a cisão, no plano da aplicação dos preceitos disciplinares, compendiados no Vinayapitaka, suscitando assim o cisma dos Mahasanghikas. Afinal, no século I a.C., já tinham assumido feição definida as discrepâncias, rivalidades e até mesmo atritos. Ainda hoje não se eliminaram os pontos sensíveis na interpretação dada pelos adeptos de uma e de outra das duas maiores igrejas budistas. Ofereço um resumo do complexo doutrinário do Hinayana e do Mahayana.

O Hinayana (pequeno veículo) atém-se aos significados formais e vocabulares da doutrina, considerada segundo critério escolástico, objetivista, racionalístico. Para um adepto do Hinayana, o significado de um texto se acha no teor do próprio texto.

Os hinaianistas defendiam o rigorismo ascético. Afirmavam que não poderia atingir o objetivo da vida budista quem não se dedicasse ao ascetismo, subjugando desejos, afetos, paixões.

O Mahayana (grande veículo) foi instituído pelos monges budistas que rejeitavam o critério dos Theravadins para a interpretação da doutrina. A denominação da escola possibilitava o significado de “ensino com maior alcance”.

Um exemplo da diferença entre as duas escolas pode ser dado pela concepção do Arhat. Segundo o Hinayana, o Arhat é o homem que atingiu a santidade perfeita, estando liberto da necessidade do renascimento. Mas de acordo com os pressupostos da escola, ele não se sente disposto a estender às demais criaturas os benefícios da compaixão, do amor que o Arhat pode dispensar aos entes humanos sofredores. Advertem os mahaianistas que o Arhat, no Nirvana, para beneficiar alguém não vai além do conselho, da exortação à perseverança na prática da virtude. Isso porque o Nirvana depende só do esforço individual. O Arhat é um exemplo do individualismo espiritualista. Quem não se esforçar, praticando o autodomínio dos sentidos, não atingirá a outra margem do oceano da existência. Para essa travessia, o monge contará somente consigo, ninguém o auxiliará.

Segundo os adeptos do Mahayana, esse individualismo não estava de acordo com o pensamento de Buda. Sem dúvida, Gautama obtivera o conhecimento que leva ao Nirvana, depois de vários renascimentos, do esforço perseverante, da prática das seis virtudes. Mas resultou da sua iluminação mais do que benefício apenas individual, houve uma graça extensiva a todos os seres humanos. Sem a participação de outras criaturas nos benefícios da iluminação, esta carece de sentido. O Arhat deve sentir-se unido a todos os seres humanos. O seu amor não exclui ninguém, envolve todas as criaturas.

Para os hinaianistas, a prática das regras ascéticas exigia a extinção dos desejos, a submissão aos exercícios severos, o rompimento dos laços de família. Somente assim, poderia o monge nutrir a esperança de renascer em melhores condições e afinal alcançar o Nirvana.

Os que se filiavam ao Mahayana não admitiam a necessidade de rigorismo para a salvação. Segundo eles, a religião prescinde de exclusivismos. O conhecimento final, que implica em salvação, não decorre da extinção das paixões e dos desejos. A salvação decorrerá da extirpação do egoísmo implícito nos impulsos, nas tendências da personalidade, na vontade exercida em desacordo com os princípios do amor, da tolerância e da compreensão dos motivos dos erros dos nossos semelhantes. Os chefes de família, até os vagabundos, podem obter a iluminação. Para isso lhes bastará admitirem que há uma verdade, que é a verdade da doutrina do Tathagata.

Quanto à concepção da natureza da personalidade do Mestre, o Mahayana admite que Buda seja não somente um ente histórico, mas também um ser espiritual, ilimitado, universal, cuja individualidade se estende além de todas as formas, sendo também capaz de assumir qualquer forma. Para os mahaianistas, este é um dos princípios fundamentais da sua doutrina.

Por isso mesmo, em conformidade com a ideia de expediente útil (upaya), a energia búdica encarna-se em muitas formas, para auxiliar os homens a se livrarem da ignorância e da miséria

morai. Daí a multidão de Iludas e de Bodisatvas, cultuados nas várias igrejas ou seitas budistas, oriundas do Mahayana.

Quaisquer que sejam, entretanto, as escolas e seitas, todas se apoiam em uma doutrina originária, comum. Essa doutrina envolve quatro princípios ou fundamentos teóricos: 1 – O Karma; 2 – As quatro nobres verdades; 3 – O vazio; 4 – O Não-Eu.

O Karma é um processo universal de ação, em virtude do qual tudo produz efeito. Procede, mecanicamente, segundo o maior ou menor grau de energia implícita em um ato.

De acordo com o ensino budista, não há limites no tempo ou no espaço para ocorrer o efeito de um ato. Em se tratando de criaturas humanas, a existência feliz ou infeliz, no mundo físico, a permanência em um céu ou em um inferno, depois da cisão de Nama-Rupa (a morte física), são efeitos de atos bons ou maus, são efeitos cármicos.

As quatro nobres verdades são: a) o sofrimento; b) a causa do sofrimento, o desejo; c) a anulação do desejo; d) os meios de anulação do desejo.

A causa do sofrimento é o desejo, a sede da existência. Bhava é uma força tão potente que arrasta o ente humano à vida terrestre.

O desejo insatisfeito apoia-se na ignorância (avidya), que dá origem às tendências – sâmsaras, às inclinações perversas. É o desejo a energia de onde provém a vida dos sentidos (vedana), a sede de sensações (trishna), a estrutura pessoal, conjunto de elementos físicos e psicológicos (nama-rupa), que exprime o Karma ao qual está condicionada essa estrutura físico-psicológica.

A supressão do sofrimento ocorre quando o homem se liberta dos atributos do ente, ou seja, dos skandas.

Os skandas compreendem: a) qualidades materiais: extensão, solidez, cor; b) sensações; c) percepções, conceitos; d) disposições psicológicas e intelectuais; e) pensamentos.

Os skandas, agentes da tendência ao gozo, suscitam o processo cármico, mediante o qual funciona a lei de causa e efeito. Daí o encadeamento dos 12 Nidanas:

- 1o – Causa da existência;
- 2o – O sofrimento, inerente à condição do ser;
- 3o – A causa do sofrimento, o nascimento;
- 4o – A causa do nascimento, a concepção;
- 5o – A causa da concepção, o desejo;
- 6o – A causa do desejo, a sensação;
- 7o – A causa da sensação: o contato;
- 8o – A causa do contato, que está nos sentidos;
- 9o – A causa dos sentidos: a forma;
- 10o – Expressa pelo termo Nama-Rupa; a causa do Nama é o entendimento;
- 11o – A causa do entendimento vem dos conceitos;
- 12o – Os conceitos decorrem da ignorância (avidya).

Para a libertação dos sofrimentos oriundos de desejos insatisfeitos e de necessidades causadas pela ignorância é indispensável dominar desejos e extinguir necessidades, mediante a anulação de tanha (sede de existir e de sentir). Esse domínio será possível, seguindo-se o Nobre Óctuplo Caminho, em que estão as seguintes oito pistas:

- 1 – A verdadeira crença na lei de causalidade (Karma);

- 2 –O pensamento reto;
- 3 –A linguagem reta;
- 4 –A ação reta;
- 5 –Os meios retos de ganhar a própria subsistência;
- 6 –O esforço reto;
- 7 –A lembrança exata e a disciplina interna;
- 8 –A verdadeira concentração do pensamento.

A prática dessas normas faz que se rompam os laços (upadanas), o que possibilitará o acesso ao Nirvana.

Além das normas do Nobre Óctuplo Caminho, o budismo apresenta cinco regras para o procedimento das pessoas que não vivem na reclusão monacal. São as seguintes:

- 1 –Não matar.
- 2 –Dar e receber livremente.
- 3 –Não prestar falso testemunho, nem mentir, nem caluniar.
- 4 –Não beber líquidos alcoólicos, drogas e outros produtos que perturbem a mente.
- 5 –Não tocar na mulher de outro homem, não cometer atos carnis contrários à lei natural.

Quanto às meditações, há cinco espécies:

- 1 –Sobre o amor que devemos sentir para com todas as criaturas, inclusive os inimigos.
- 2 –Sobre a piedade e a compaixão para em todos aqueles que sofrem.

3 –Sobre a alegria que devemos sentir com a prosperidade das outras criaturas humanas.

4 –Sobre a impureza e as funestas consequências dos pecados.

5 –Sobre a serenidade, condição para alguém colocar-se acima das vicissitudes da existência, considerando cada pessoa, serenamente, a sua própria sorte.

Além dessas cinco espécies de meditação, o monge poderá exercitar-se em outras quatro, que são as de meditação profunda (dhyana) cujos resultados são:

- * Supressão de qualquer prazer libidinoso;
- * Tranquilidade de espírito, alegria plena e satisfação;
- * Atração da inteligência para as coisas espirituais;
- * Pureza e paz interior imperturbável.

Há dois métodos para suprimir-se a paixão e atingir-se o conhecimento, a saber.

1 –Samatha, modo de viver isento de desejos, aplicando-se a vontade, constantemente, ao domínio das funções sensoriais;

2 –Vidarsana, a reflexão metódica para se alcançar o pleno conhecimento das leis da nossa existência, disso advindo a sabedoria.

A prática das meditações e dos métodos de autodomínio possibilita a atualização de faculdades especiais, adormecidas no ente humano, em Nama-Rupa. Denomina-se Abhijna cada uma dessas faculdades, ou Siddhi, que são:

1 –Olho celeste, que possibilita o conhecimento intuitivo de cada objeto ou ser existente no Universo (clarividência);

2 –Ouvido celeste, a capacidade de captar qualquer som (clariaudiência);

3 –A visão de todas as formas do monge em suas existências anteriores e as de qualquer outra criatura;

4 –A capacidade de assumir qualquer outra forma, seja humana, animal ou vegetal (telestesia);

5 –A percepção intuitiva do pensamento alheio;

6 –O conhecimento do passado e do futuro da evolução humana.

Esta exposição dos princípios e normas pragmáticas a serem observadas pelos monges ou fervorosos fiéis budistas não inclui a relação dos fundamentos metafísicos, doutrinários, em que se apoiam os métodos da ética e da ascese do budismo.

Os fundamentos metafísicos do budismo são:

1 –Perpetuidade do Universo.

2 –Impermanência de todas as formas e seres.

3 –Processo universal perpétuo de nascimento, crescimento, morte e renascimento de todos os seres (Sâmsara).

4 –Esse processo universal fenomenológico realiza-se mediante a lei de causalidade, vulgarmente conhecida sob a denominação de Karma.

5 –Ninguém é livre de agir deste ou daquele modo. No entanto, o karma individual possibilita a um indivíduo libertar-se da perpetuidade do Sâmsara, mediante a prática das normas éticas (ascéticas no caso do monge), depois de realizar o conhecimento da razão de ser do Universo e do sofrimento inseparável da existência individual e coletiva.

6 –Ninguém é imortal, nem neste nem nos outros mundos. Segundo o budismo do Hinayana, a vida do ser que alcançou o Nirvana é a ausência de qualquer das vivências características do ente humano e dos seres divinos. Um Buda está além e acima do

Bem e do Mal. Mas, sendo indefinida e infinita, essa beatitude não será eterna.

O Mahayana dá ao Buda Gautama, fundador do budismo, o primado universal e a superioridade ontológica sobre todas as criaturas, deuses, devas, gênios, demônios e homens.

Mas, se do ponto de vista do racionalismo, a doutrina budista vale por um grande avanço intelectual, tem o significado de reação generosa em face de privilégios clericais, apresentando uma concepção igualitária do ente humano, nem por isso muitos dos seus postulados são originais ou novos.

A filosofia Sánquia, os Nastikas e até mesmo os Upanichadas forneceram elementos ao budismo. A perpetuidade do Universo era um dos princípios do Sánquia. A inexistência de alma e a impermanência das criaturas eram teses do materialismo nihilista dos Nastikas. A natureza fenomênica do Universo, das coisas e seres nele existentes é afirmada pela Vedanta. A lei de causa e efeito é postulado comum a todas as filosofias na Índia.

Mas, ainda assim, o budismo apresenta-se como um dos cimos no lento e longo processo do pensamento humano cujo objetivo estará na humanização do homem, na quebra dos grilhões que o prendem aos mais primários impulsos da animalidade, expressos na agressão, na violência, no desrespeito ao direito de cada um afirmar-se e realizar-se.

Raul Xavier
1973

Milinda Panha - Fragmentos

Capítulo 1
Descrição de Sagala

Havia outrora no país dos Ionakas [gregos], uma cidade de nome Sagala com muitas casas comerciais, parques, jardins, bosques, lagos, tanques para os lótus. Estava próxima de montanhas e de rios. Os seus inimigos tinham desistido de atacá-la, pois estava

defendida por muitas fortalezas e torres sólidas. Além de grandes portas e extensas arcadas, a cidadela, no centro da cidade, estava rodeada de fossos profundos.

As ruas e praças eram bem traçadas. Nelas havia lojas, cheias de objetos ricos e variados, casas imponentes como os cimos do Himalaia. Nessas ruas passeavam homens e mulheres e na multidão que passava viam-se nobres, brâmanes, burgueses, gente do povo. E entre os brâmanes e ascetas notavam-se os sábios eminentes.

Havia lá grande abundância de gêneros alimentícios, nada faltando em bebidas, doces, frutas. Nas lojas vendiam-se tecidos vistosos, panos de Kasi e Kotumbara, pedras preciosas, vasos de cobre e de ouro. Era enfim uma cidade tão opulenta quanto Uttarakuru, uma cidade de deuses como Alakamanda.

Capítulo 2 Vidas Anteriores

Aqui nos detemos para contar a estória anterior dos nossos personagens.

Outrora, nos templos da religião do buda Kassapa, nota-se à margem do Ganges um convento com muitos monges. Esses homens virtuosos levantavam-se ao nascer do sol e, pensando nos méritos do Buda, pegavam em vassouras, varriam o pátio e juntavam o lixo.

Certa vez, um religioso observou a um dos noviços:

— Vê lá. Tira isso daqui! – E apontava para alguma coisa no chão.

O noviço pareceu não ouvir. O monge repetiu a advertência e o noviço não atendeu. Irritado, o monge exclamou:

— Este noviço é indisciplinado! – E bateu nele com o cabo da vassoura.

Medroso e com lágrimas nos olhos, o noviço limpou o chão, mas pensou:

— Pelo mérito deste ato, em cada uma das minhas existências futuras, até alcançar o Nirvana possa eu ser forte e brilhante como o sol ao meio-dia.

Finda a sua tarefa, ele foi banhar-se nas águas do Ganges. Vendo as águas espumejantes do rio, formulou ainda um segundo desejo:

— Que eu tenha em minhas futuras existências, até alcançar o Nirvana, o dom da resposta rápida e infalível como estas águas.

Ora, enquanto isso, o monge, depois de guardar a vassoura, veio banhar-se no Ganges e ao entrar na água ouviu as palavras do noviço. E pensou consigo mesmo:

— Ele ousa exigir alguma coisa, só porque agiu por minha ordem. Se é assim, que irei obter?

E pensou:

— Em cada existência minha, até alcançar o Nirvana, desejo ter o dom da resposta certa, como as águas do Ganges, e para resolver habilmente todas as questões que este noviço me propuser!

No intervalo entre a existência do buda anterior, os dois religiosos passaram por várias existências, no mundo das deuses [4] e no dos homens.

Assim como o nosso Bem-aventurado tinha visto o deão Tissa Moggaliputta, viu também aqueles dois monges e disse:

— Eles renascerão quinhentos anos depois do meu Nirvana. E o cânone da Doutrina e da Disciplina que eu ensinei, em linguagem sutil, eles irão esclarecer, interpretar, explicar, mediante perguntas e exemplos!

Capítulo 3 O Rei Milinda

Ora, o noviço afinal veio a ser no Jambudipa, na cidade de Sagala, o rei Milinda, perspicaz, inteligente, habilidoso, cuidadoso, exato cumpridor de todos os atos do ritual, da devoção, relativos ao passado, no futuro, ou ao presente.

Ele estudara todas as matérias do Saber: a Revelação, a Aritmética, a Música, a Medicina, os Vedas, os Encantamentos, a Arte da Guerra, a Poesia, o Cálculo pelos dedos, ao todo dezoito ciências.

Em todo o Jambudipa, o rei Milinda não tinha rival em força e agilidade, coragem e saber. Possuía muitos bens, grandes rendimentos, muitas tropas.

Um dia, o rei Milinda saiu da cidade para a revista das quatro armas do seu exército. Depois do desfile dos regimentos, o rei, que gostava de falar e de conversar com os sofistas, ou casuístas, e outros indivíduos dessa espécie, perguntou aos seus secretários:

— Que faremos, depois de voltarmos à cidade? Existe alguém capaz de resolver minhas dúvidas? Algum letrado, asceta, brâmane, abade, guru, algum adepto do Bem-aventurado Buda para conversar comigo?

Os quinhentos Ionacas responderam:

— Maharajá, existem somente seis mestres: Purana Kassapa, Makkhali Gosala, Nigantha Nataputta, Sangaya Belatthaputta, Ajita Kesakambali e Pakhuda Kaccayana. São abades, fundadores de escolas, conhecidos, afamados, respeitados pelo povo. Sua Majestade deve fazer-lhes perguntas para obter a solução das suas dúvidas.

Então o rei Milinda subiu ao seu carro, puxado por belos animais e foi visitar Purana Kassapa.

Depois de cumprimentá-lo, sentou-se ao seu lado e perguntou-lhe:

— Respeitável Kassapa, quem toma conta dos homens?

— Majestade, a Terra.

— Se é a Terra que toma conta dos homens, por que os danados caem no inferno Avici, atravessando a Terra?

Ouvindo essa resposta, Purana Kassapa ficou engasgado. Nem pôde cuspir. Ficou sem jeito, mudo, cabisbaixo.

Então o rei Milinda foi visitar Makkhali Gosala a quem logo perguntou:

— Respeitável Gosala, há boas e más ações? Há um fruto, um amadurecimento, dos bons e dos maus atos?

— Não, Senhor! Aqueles que neste mundo são nobres, brâmanes, burgueses, gente do povo, párias, continuarão sendo nobres, brâmanes, burgueses, gente do povo, párias. Aqui não se cuida de ações boas ou más.

— Se for assim, Gosala, quem teve as mãos cortadas, neste mundo, irá para o outro com as mãos cortadas? Quem tiver nariz, orelhas, pés cortados, irá para o outro mundo assim mutilado?

Gosala permaneceu mudo.

Então o rei Milinda pensou:

— Este Jambudipa está vazio! Não há ninguém para discutir comigo! Este Jambudipa é um saco de grãos de trigo! Não há ninguém que esclareça as minhas dúvidas, nem brâmane, nem asceta!

E disse aos secretários:

— A noite está clara, verdadeiramente deliciosa. Quem poderíamos visitar, asceta ou brâmane, para fazer-lhe perguntas? Quem pode conversar comigo, resolver minhas dúvidas?

Os secretários nada disseram.

Capítulo 4

Os Arhats Obtém a Encarnação do Deva Mahassena

Naquele tempo, durante doze anos, a cidade de Sa-gala esteve vazia de sábios, brâmanes, burgueses. Quando falavam de um, o rei ia visitá-lo para di-rigir-lhe perguntas. Mas revelaram-se incapazes de satisfazer o rei, nesse jogo de perguntas e respostas. Alguns saíram da cidade, outros não falaram mais.

Naquela época, milhões de Arhats moravam no Himalaia, em Rakkhitatala. O reverendo Assagutta, ouvindo por sua orelha divina as palavras do rei Milinda, reuniu a Confraria, no alto do monte Yogandhara e perguntou:

— Irmãos, há entre os religiosos alguns capazes de discutir com o rei Milinda e resolver os seus problemas?

Nenhum respondeu. Todos ficaram silenciosos, embora o Reverendo Assagutta lhes tenha repetido três vezes a mesma pergunta. Este então lhes disse:

— No mundo dos deuses, a leste do Vejaianta,levanta-se um palácio celestial, onde mora um deus chamado Mahassena. Ele pode discutir com Milinda e resolver os problemas desse rei.

Então os Arhats desapareceram do Yogandhara e apareceram no mundo dos deuses.

Sakka, rei dos deuses, viu-os vindo ao longe. Aproximou-se de Assagutta para saudá-lo e de pé avisou:

— Reverendo, vejo aproximarem-se muitos religiosos. Eu sou um servo da Irmandade. Que devo fazer?

Que é necessário?

Assagutta respondeu:

— No Jambudipa, na cidade de Sagala, mora o rei chamado Milinda, admirável nas discussões. Goza da fama de ser o maior dos doutores. Está sempre importunando a Irmandade com perguntas capciosas.

Replicou o rei dos deuses:

— Esse Milinda caiu do céu para renascer entre os homens. Mas dispomos aqui do deus Mahassena que reside no palácio Katumati. Ele pode discutir com o rei e solucionar os seus problemas. Vamos pedir-lhe que consinta em renascer entre os homens.

Ditas estas palavras, Sakka e a Irmandade foram falar a Mahassena, a quem o monge disse:

— A Irmandade pede-te que renasças entre os homens.

Mahassena observou:

— Senhor, nada tenho para fazer no mundo dos homens, onde os desejos são muitos. Quero ficar aqui no mundo dos deuses, elevando-me sempre até chegar ao Nirvana.

Assagutta replicou a Mahassena.

— Amigo, já andamos pelos mundos dos homens e dos deuses e não encontramos ninguém capaz de vencer a dialética do rei Milinda. Por isso todos nós te rogamos: volta ao mundo dos homens para defender a religião do Buda.

Então concordou Mahassena, dizendo:

— Não há dúvida, eu posso vencer a dialética do rei Milinda.

E alegre assumiu o compromisso de renascer no mundo dos homens.

Capítulo 9 A Atenção Concentrada e a Sabedoria

— Qual é a característica da atenção concentrada e a da sabedoria?

— Uma define-se pela reunião. Outra pela cisão.

— Como é isso? Dá um exemplo.

— Já tens visto os ceifadores, Maharajá?

— Sim.

— Como eles ceifam a cevada?

— Com a mão esquerda agarram um feixe de talos e com a foice na mão direita cortam o feixe.

— Maharajá, mediante a atenção concentrada, o asceta reúne os processos da inteligência e mediante a sabedoria, ele corta as paixões. Por isso, uma é figurada pela reunião e a outra pela cisão.

Capítulo 10 A Virtude

— Falaste, Nagasena, em “outros estados de alma salutareis”. Quais são?

— A virtude, a fé, a energia, a reflexão, o recolhimento.

— Qual é a característica da virtude?

— A virtude define-se como base. Ela é a base de todos os estados de alma salutareis: faculdades, forças, elementos da intuição

suprema, meditações, esforços, condições do poder mágico, êxtases, emancipações, recolhimentos, conquistas espirituais. Baseados na virtude, não se extinguem os estados de alma salutares.

— Dá uma comparação.

— Assim como todas as espécies de plantas nascem, crescem e desenvolvem-se, apoiando-se no solo, assim é com apoio na virtude que o asceta desenvolve as cinco faculdades: fé, energia, reflexão, recolhimento, sabedoria.

— Dá outra comparação.

— Assim como todos os trabalhos que exigem força física executam-se com apoio no solo, assim é com apoio na virtude que o asceta cultiva as cinco faculdades.

— Outra comparação.

— Para construir uma cidade, o arquiteto começa por limpar o terreno. Arranca os tocos de árvores, o capim, aplaina o chão, depois desenha o traçado das ruas e praças. Assim também, apoiando-se na virtude, o asceta cultiva as cinco faculdades.

— Dá-me ainda outra comparação.

— O acrobata manda limpar o chão, antes de exhibir-se ao público, a fim de executar os seus saltos sobre um terreno macio. Assim também procede o asceta para o cultivo das cinco faculdades.

O Bem-aventurado disse, ó rei: “Apoiando-se na virtude, cultivando o pensamento e a sabedoria, o sábio, o monge fervoroso e prudente pode extirpar a erva daninha da existência. Assim como a terra é a base dos seres vivos, esse é o fundamento de todo progresso no bem. Este é o ponto de partida de todo o ensinamento do Buda. Este é o Código das regras do excelente Patimokka.”

Capítulo 11

A Fé

— Venerável, qual é a característica da fé?

— A purificação e o impulso.

— De que modo a purificação é característica da fé?

— A fé elimina os obstáculos, quando se eleva. Quando se afastam os obstáculos, o espírito torna-se límpido e puro. Assim a purificação é característica da fé.

— Dá-me outra comparação.

— Imagina um grande rei com todo o seu exército em marcha. Os elefantes, os cavalos, os carros agitam a água do ribeiro que atravessam, que fica misturada com areia e barro. Depois da passagem do exército, o rei pede que lhe tragam água para beber. Supõe, Maharajá, que os servidores reais atirem na água uma pedra que serve para limpar água. Que acontece? Afastam-se as pedrinhas, as ervas aquáticas, a lama deposita-se no fundo do leito do ribeiro. Então a água torna-se límpida, pura, e os serviçais do rei podem levá-la ao monarca. Ora, a água é o espírito, os serviçais são os monges, e as pedrinhas as ervas, a lama são as paixões. A pedra que purifica o espírito é a fé. Esta elimina os obstáculos e o espírito torna-se límpido e puro. É assim que a purificação é característica da fé.

— E o impulso?

— Vendo outros espíritos libertos, o asceta avança para conquistar o estado de quem entrou no caminho (sopanna); tem apenas mais uma existência terrestre a atravessar (sakadagami); ou não vai mais voltar à terra (anagami); ou ao falecer deve entrar no nirvana absoluto (arhat). O sábio então avança para realizar aquilo que outras realizaram.

— Dá outra comparação.

— Uma grande chuva cai no alto de um monte. A água escorre pelos flancos do monte e depois de encher buracos, valas, bueiros, ela segue por um ribeiro e vai fazer um rio transbordar. Aproxima-se muita gente que deseja atravessar o rio, mas não sabe se ele está muito fundo ou raso e permanece indecisa em uma das margens. Aparece então um homem que consciente da sua força e do seu poder, pula na água para atravessar o rio. Toda aquela gente imita aquele homem e imitando-o entra no leito do rio e nada até chegar à outra margem.

Assim procede o asceta. Vendo outros espíritos se libertarem, ele se esforça por vencer os sucessivos degraus da santidade. Por isso, a fé caracteriza-se pelo impulso.

Diz o Bem-aventurado no Samyuttanikaya: “Pela fé, ele atravessa a corrente; pela fé, ele atravessa o oceano; pela energia, ele vai além do sofrimento; pela sabedoria, ele é purificado.”

Capítulo 12 A Energia

— Nagasena, qual é a característica da energia?

— O apoio. Apoiados nela, os estados de alma salutareis não se abatem.

— Dá-me uma comparação.

Se se apoia uma parede, quase caindo, em uma forte escora de madeira, a parede não vai ao chão. Assim, a energia caracteriza-se pelo seu apoio. Sustentados por ela, não se abatem os estados de alma salutareis.

— Outra comparação, ainda.

— Quando um pequeno exército é obrigado a recuar, diante de um grande exército, se o rei enviar tropas de apoio, o exército inimigo recuará. Portanto, a característica da energia é o apoio. Ensinou o Bem-aventurado: “Religiosos! O discípulo enérgico elimina o que é pernicioso, desenvolve o que é salutar, elimina o

que é censurável, desenvolve o que é irrepreensível e mantém-se puro”.

Capítulo 13 A Reflexão

— Nagasena, qual é a característica da reflexão?

— A enumeração e a admissão.

— A enumeração? Como?

— A reflexão enumera os estados de alma: salutareis ou perniciosos; censuráveis ou irrepreensíveis; vis ou excelentes; negros ou brancos; todos com as suas subdivisões.

Mediante a reflexão, descobrem-se as quatro meditações, os quatro esforços, as quatro bases do poder mágico, as cinco faculdades, os sete elementos de Budhi, o nobre caminho de oito pistas, a tranquilidade, a clarividência, a ciência, a libertação. Em consequência desse exame, o asceta procura os estados de alma que se deve procurar, evita aqueles que importa evitar, pratica os outros que têm de ser praticados, refeita aqueles que devem ser rejeitados. Assim a reflexão tem como característica a enumeração.

— Dá uma comparação.

— O tesoureiro de um monarca, todos os dias, lembra ao rei a sua riqueza, dizendo-lhe: “Sua Majestade possui tantos elefantes, tantos cavalos, tantos carros, tantos infantes, tais e tais bens... Não esqueça, Majestade!” Assim, a reflexão enumera os estados de alma. A característica da reflexão está portanto na enumeração.

— E a admissão?

— Assim como o ministro de um monarca sabe quais são os seus súditos bons ou ruins, aceitando uns a serviço do rei, rejeitando outros, assim funciona a reflexão.

O Bem-aventurado aconselhou: “A reflexão serve para toda gente”.

Capítulo 14 O Recolhimento

— Nagasena, qual é a característica da concentração? — A supremacia. Os estados de alma salutareis subordinam-se à concentração. Esta é o cume do qual esses estados de alma são as encostas, as ladeiras e o sopé.

— Dá uma comparação.

— Quando um monarca mobiliza o seu exército para a guerra, os elefantes, os cavalos, a infantaria, estão sob seu comando, obedecem às suas ordens. Dá-se o mesmo com a concentração.

Recomendou o Bem-aventurado: “Religiosos, cultivai a concentração. O homem, na concentração, vê a realidade”.

Capítulo 15 A Sabedoria

— Nagasena, quais são as características da sabedoria?

— A visão, à qual já me referi, e a iluminação.

— Como?

— A sabedoria dissipa as trevas da ignorância, produz a clareza da ciência, faz brilhar a luz do conhecimento, revela as santas verdades. Por ela o asceta adquire o perfeito entendimento da impermanência, da dor e da impersonalidade.

— Dá uma comparação.

— Se entrarmos em uma casa com uma luz acesa, a luz dissipando as trevas produz a claridade no interior da casa, de

forma que se mostram as coisas que estão lá. Assim procede a sabedoria.

Capítulo 16 Estados da Alma

— Nagasena, esses estados de alma diversos produzem um mesmo resultado? Sim, todos têm por objetivo destruir as paixões.

— Como assim? Dá um exemplo.

— Assim como os diversos elementos de um exército concorrem para um só resultado, a derrota do inimigo, do mesmo modo os diferentes estados de alma têm um único objetivo: a destruição das paixões.

Tagore

Introdução

Rabindranath Thakur, (em inglês Tagore), de ascendência nobre, nasceu em Calcutá, a maior cidade da Província de Bengala, no ano de 1861. Aos dezesseis anos de idade, Rabindranath saiu da terra natal para estudar na Inglaterra, onde recebeu instrução universitária européia, sólida e bem assimilada.

Mas pertencendo ele a uma família vinculada à tradicional cultura indiana, tendo sido um dos seus antepassados o dramaturgo Bhatta-Nārāyana, que viveu no século viii, Rabindranath, ao regressar à Índia, dedicou-se a atividades culturais, orientado pelo ideal de aproximação do Oriente e do Ocidente, que Rudyard Kipling supunha irrealizável.

Para a consecução desse ideal, ele dá à sua palavra poética um tom muito individual, à maneira dos poetas ocidentais. Na literatura bramânica, evitava-se a insistência na menção do "eu". Rabindranath não observou esse escrúpulo de cunho religioso, não obstante a fidelidade da sua palavra poética à metafísica e à religiosidade indianas.

Um exemplo dessa fidelidade espiritual está na sua concepção estética, exposta em um dos capítulos do afamado ensaio intitulado SADHANA (A realização da vida):

"As coisas que não nos dão alegria ou são um fardo para o nosso espírito, das quais temos de nos livrar a qualquer preço; ou são úteis, portanto terminarão como pesadas quando cessar sua utilidade; ou então agem como vagabundos errantes, apenas vistos e afastando-se depois. Uma coisa só nos pertence, inteiramente, quando nos causa alegria."

"A maior parte deste mundo é como se não existisse para nós. Mas, não devemos consentir em que o mundo continue assim, pois desse modo o nosso próprio eu diminui. O mundo inteiro nos é oferecido e todas as nossas faculdades encontram seu significado final quando acreditamos que mediante essas nossas faculdades nós tomamos posse do mundo."

"Mas, qual a função do nosso senso de beleza no processo de extensão da nossa consciência? Essa função consiste em separar a verdade em luz e sombra, apre-sentando-a sob a forma sem compromisso de distinção entre beleza e feiura? Se for assim, teremos de admitir que esse senso de beleza cria uma divisão em nosso universo e levanta um muro de dificuldades, na larga estrada da comunicação entre cada coisa particular e todas as coisas."

"Isso no entanto não pode ser verdadeiro. Enquanto for incompleta a nossa realização, há de haver, necessariamente, uma separação entre coisas conhecidas e coisas desconhecidas, agradáveis e desagradáveis. E apesar da afirmativa de alguns filósofos, o homem não aceita qualquer limite arbitrário e absoluto ao seu mundo cognoscível. Todos os dias, a ciência está penetrando na região até agora marcada no seu mapa como inexplorada ou inexplorável. Do mesmo modo, o nosso senso de beleza está sendo levado a conquistas. A verdade está em toda parte, portanto tudo é objeto do nosso conhecimento. A beleza é onipresente, por conseguinte tudo pode dar-nos prazer."

"Nos primeiros tempos da sua história, o homem considerava tudo como um fenômeno vital. A sua ciência da vida começou por estabelecer uma nítida distinção entre vida e não-vida. Mas, à medida que avança, a linha de demarcação entre o animado e o inanimado torna-se mais tênue. No início de nossa percepção, essas linhas que marcam nitidamente os contrastes auxiliam-nos muito. No entanto, à medida que se esclarece mais a nossa compreensão, elas vão-se esmaecendo."

"Os Upanichadas declararam que todas as coisas são criadas e sustentadas por uma infinita alegria. Para entendermos este princípio da criação temos de começar por uma distinção entre o que é belo e o que não é belo. Então a percepção da beleza há de vir para nós com um sopro vigoroso, para despertar a nossa consciência da sua letargia, e alcançará o seu objeto pela acentuação do contraste. Portanto, o nosso primeiro contato com a beleza fez-se pela sua vestimenta de muitas cores, que nos impressiona com seus enfeites, fitas e plumagens, e mais ainda com suas desfigurações. Entretanto à medida que o nosso

conhecimento amadurece, as discordâncias aparentes resolvem-se em modulações rítmicas. No princípio, destacamos a beleza do seu ambiente, separando-a do restante, para afinal percebermos sua harmonia com tudo. Então a música da beleza não necessita mais de excitar-nos com um ruído forte. Renuncia à violência, apelando ao nosso coração com a verdade de que a brandura é a herdeira da terra."

"Em um estágio do nosso crescimento, em algum período da nossa história, tentamos criar um culto especial de beleza, limitando-o em um círculo estreito de modo que se torne em motivo de orgulho para poucos. Então isso alimenta nos seus adeptos presunções e exageros, como aconteceu com os Brâmanes, no tempo da decadência da Índia, quando cessou a percepção da verdade superior e aumentaram sem limite as superstições."

"Também na história da estética, há um período de emancipação, quando se torna fácil reconhecer-se a beleza nas coisas grandes e pequenas, quando a vemos na simples harmonia dos objetos comuns, mais do que nas coisas surpreendentes pela sua singularidade. Tanto assim é que temos de passar pelos estágios da reação, quando na representação da beleza tratamos de evitar tudo quanto for obviamente agradável, e que tenha sido consagrado por uma convenção. Somos, pois, tentados por desconfiança a exagerar a vulgaridade das coisas vulgares e daí torná-las, agressivamente, invulgares. Para restaurar a harmonia, nós criamos desacordos que são um modo de todas as reações. Em nosso tempo atual, já vimos um sinal dessa reação estética. Isso prova que afinal o homem veio a saber que somente a estreiteza de percepção é que divide o campo da consciência estética em fealdade e beleza. Quando alguém dispõe do poder de ver as coisas distintas do interesse do eu e das insistências constantes da lascívia dos sentidos, somente então ele tem a verdadeira visão da beleza que está em toda parte. Somente então é possível vermos que aquilo que é desagradável para nós não é necessariamente feio, mas tem sua beleza na verdade."

"Quando afirmo que a beleza está em toda parte, não pretendo que a palavra fealdade seja abolida do nosso vocabulário, do mesmo modo como seria absurdo dizer que não há inverdade.

Certamente, há a inverdade no sistema do universo, mas em nossa capacidade de compreensão como seu elemento negativo. Do há fealdade na incorreta expressão da vida e em nossa arte, incorreção que decorre de nossa imperfeita percepção da Verdade. Até um certo ponto, podemos dispor nossa vida, contrariando a lei da verdade, que está em nós, assim como podemos suscitar a fealdade, indo ao contrário da eterna lei da harmonia em toda parte."

"Pela nossa intuição da verdade, nós entendemos que há uma lei na criação e pela nossa intuição da beleza nós compreendemos que há uma harmonia no universo. Quando reconhecemos a lei na natureza, estendemos nosso domínio sobre as forças físicas e ficamos poderosos; quando reconhecemos a lei em nossa natureza moral, atingimos o domínio sobre o eu e ficamos livres. Da mesma maneira, quanto mais compreendemos a harmonia no mundo físico tanto mais nossa vida participará da alegria da criação e nossa expressão de beleza na arte será mais verdadeiramente universal. À medida que formos adquirindo consciência da harmonia de nossa alma, iremos apreendendo a bem-aventurança do espírito do mundo, apreensão universal, e a expressão da beleza em nossa vida será bondade e amor para com o infinito. O objetivo último da nossa existência é que nós devemos sempre saber que "beleza é verdade, verdade é beleza". Devemos entender todo o mundo sob a forma de amor, pois o amor gera-o, sustenta-o, e leva-o de volta à sua origem. Devemos possuir a perfeita emancipação do coração, que nos possibilita estarmos no mais profundo interior das coisas e sentir o gosto da inteira alegria desinteressada que pertence a Brahma."

"A música é a mais pura forma de arte e portanto a mais direta expressão de beleza, com forma e significado unos, simples, e menos envoltos em elementos estranhos. Parece-nos sentir que a manifestação do infinito em formas finitas é a própria música, silenciosa e visível. O céu noturno com as mesmas constelações de astros parece um menino admirado do mistério das suas primeiras frases, que ele repete e ouve com a mesma alegria, Quando em noite chuvosa de Julho há uma densa escuridão sobre os campos e a chuva tamborilando no chão, estende véus e mais véus sobre o silêncio da terra adormecida, a monotonia do ruído da chuva parece a escuridão do próprio som. A tristeza da

fileira de árvores, escura e densa, os arbustos espinhentos espalhados pela charneca nua como cabeças flutuantes de nadadores de cabelos molhados, o cheiro da erva gordurosa e a terra seca, o pináculo do templo a erguer-se acima da indefinida massa negra em torno das cabanas da aldeia, tudo parece notas que se levantam do coração da noite, unindo-se e perdendo-se no único som da chuva incessante pelo céu."

"Por isso, os verdadeiros poetas, os videntes, tratam de expressar o universo em termos de música."

"Raramente, eles utilizam-se de símbolos da pintura para a expressão do movimento das formas, da fusão de linhas infinitas e cores que surgem a cada momento na tela do céu azul."

"Eles têm sua razão. O pintor deve possuir tela, pincel e caixa de tintas. A primeira pincelada está muito distante da idéia completa. Quando o quadro está terminado e o artista foi embora, a pintura exposta fica isolada, afastaram-se as incessantes pinceladas amorosas dadas pela mão criadora."

"Mas o cantor tudo possui dentro de si. As notas nascem da sua própria vida, não são elementos colhidos no exterior. A idéia e a expressão são irmãs e muitas vezes nasceram juntas como gêmeas. Na música, o coração revela-se, imediatamente, sem a oposição de qualquer barreira exterior, composta de material alheio".

"Portanto, embora a música tenha de esperar por sua completa realização, como qualquer outra arte, ainda assim em cada parte, exterioriza a beleza do todo. Como material da expressão até as palavras são barreiras, pois o seu significado tem de ser construído pelo pensamento. Mas, a música jamais há de depender de qualquer significado óbvio, ela exprime aquilo que nenhuma palavra poderá jamais exprimir."

"Mais ainda, a música e o músico são inseparáveis. Quando o cantor se ausenta, o seu canto morre com ele, pois está em eterna união com a vida e a alegria do seu autor."

"O mundo-canto jamais se separa um momento do seu cantor, não está modelado por nenhum elemento exterior. É a sua própria alegria tomando forma imorredoura. É o grande coração a enviar o trêmulo da sua vibração através do céu."

"Há uma perfeição em cada composição individual de música, a qual revela a sua plenitude no que está incompleto. Nenhuma das suas notas é final, embora seja um reflexo do infinito. Que importa se deixamos de perceber o exato significado dessa grande harmonia? Não é semelhante à mão que toca na corda e, ao mesmo tempo, extrai todas as tonalidades latentes na corda? É a linguagem da beleza, a carícia, que vem do coração do mundo e logo atinge nosso coração."

"Ontem à noite, no silêncio que penetrava a escuridão, eu estava sozinho ouvindo a voz do cantor das melodias eternas. Quando fui dormir, fechei os olhos com um último pensamento, a saber que mesmo quando estou inconsciente, dormindo, a dança da vida continua na silenciosa arena do meu corpo adormecido, acompanhando o passo das estrelas. O coração há de vibrar, o sangue deslizará nas veias, e os milhões de átomos vivos do meu corpo também vibrarão em uníssono com a nota da corda de harpa que estremece ao toque da mão do maestro."

Essa concepção de beleza, exposta por Tagore, é de cunho vedantino. A filosofia Vedanta, aceita pelos brâmanes, casta a que se ligava a família de Rabindranath, afirma o princípio de unidade fundamental da essência de todos os seres e coisas existentes no Universo. A energia fundamental, universal, criadora de tudo é BRAHMA, que está no interior de todas as coisas, no íntimo de todos os seres, deuses e anjos, demônios e homens. Assim, não há separação essencial entre as formas existentes no Universo, formas particulares assumidas pela energia universal, criadora divina.

A literatura indiana, durante séculos, mantinha-se fiel a essa tradição metafísica, segundo a qual o valor de um indivíduo está somente no seu grau de participação nessa energia vital, criadora, divina. Ora, segundo a Vedanta, as formas e seres, em todo o Universo, estão submetidos ao processo da Evolução, mediante o qual a energia divina, depois de animar mil formas, nos diferentes

planos da natureza, será consciente dela mesma no ser humano. E uma das maneiras dessa auto-consciência é a nossa sensibilidade a reagir, positivamente, aos aspectos do mundo natural, aos sons, cores e corpos no mundo físico.

O artista manifesta o princípio divino, latente em sua personalidade, iniciando suas atividades interpretativas do significado das coisas e dos seres e, ao mesmo tempo, criando formas, uma peça musical, uma pintura, um poema. Essa consciência da unidade essencial das coisas e seres percebe-se a si mesma como harmonia entre ela e tudo mais, sendo essa percepção de harmonia também percepção de beleza.

Segundo a filosofia Vedanta, a superioridade do artista está na sua submissão à realidade dessa Unidade, em face da qual o "eu" individual é apenas um instrumento temporário.

Sem abjurar dos princípios da filosofia Vedantina, Rabindranath Tagore, talvez por influência da sua formação literária européia, afastou-se do preconceito literário anti-individualista. Preferindo o lirismo à epopéia, abriu novas perspectivas à poesia na Índia. O poeta iria exprimir o seu "eu", tornando-se o centro do seu poema, libertando-se dos vínculos que o prendiam ao modo de sentir dos antepassados. Nos seus versos Tagore fala de si mesmo. Traduzindo-os ao inglês, teve de usar do vocábulo "eu" com letra maiúscula "I", segundo a gramática britânica.

Outra característica do personalismo de Tagore, expresso nos poemas, está na maneira de considerar a relação do ser humano com a vida. Aqui se nota ainda a sua adesão a um dos princípios da cultura Ocidental. No Ocidente, o homem considera a ação e o trabalho como os dois processos básicos da civilização. Sem dúvida o ocidental tem suas crenças religiosas, mas os ritos e as práticas da religião não possuem mais importância do que as tarefas, as ocupações e atividades necessárias à manutenção do corpo físico, à permanência das estruturas em que se apoia a coexistência gregária, família e Estado.

É verdade que no BAGAVADGITA, o Senhor Krisna encarece o valor da ação, subordinando porém o mérito do trabalho à renúncia dos seus resultados. Quer isso dizer que o desejo de

lucro ou de efeitos benéficos da oração, da penitência, das abstinências, em uma existência no outro mundo ou futura, na terra, pela reencarnação, contraria os objetivos da legítima religião, que nem está no serviço desinteressado prestado a todos os seres como formas expressivas da vida divina. O que importa não é alguém negar-se a si mesmo, deixar de agir, supondo que assim irá obter a salvação, a libertação do "Sansara", processo material e temporal da existência humana, em perpétua reencarnação.

Em um dos poematos do GITANJALI, pergunta Rabindranath; "Libertação? Onde estará ela? O próprio Nosso Senhor impôs-se a si mesmo o vínculo da criação, está unido a nós todos para sempre." Também no poemato n. 75 do O JARDINEIRO, Tagore evidencia a contradição implícita no ideal ascético dos richis bramânicos ou dos bikkus budistas e no poemato n, 11 do GITANJALI fala assim: "Sai das tuas meditações, deixa de lado as tuas flores e o teu incenso. Há algum mal em tua roupa estar rasgada e suja? Vai ao encontro d'Ele, serve-o com a tua fadiga e com o suor da tua frente."

O monismo fundamental, segundo a Vedanta, o universalismo do conceito de BRAHMA, seriam também a matriz do Romantismo de Tagore, a feição mais evidente da sua poesia. Sem dúvida, não é um Romantismo desesperado e amargo como o de Leopardi, violento à maneira do de Byron. Tagore aproxima-se de Holderlin, mais de Shelley em quem há certa influência da concepção do Uno de Plotino.

Esse Romantismo entretanto não há de ser como o europeu, sem raízes culturais na tradição poética europeia. Nas literaturas da Índia, há uma nota comum: a paixão e o fervor erótico, além de exagerado subjetivismo, sem prejuízo dos pressupostos metafísicos das duas maiores filosofias, a Vedante e a Sânquia, Além das notas naturalista e moral, desde o princípio do século XX, a maior influência tem sido a do personalismo de Tagore com acentos europeus.

Escrevendo em seu idioma natal, - o bengali, - Rabindranath ia traduzindo seus poemas em inglês. Essas traduções alcançaram sucesso em toda a Europa porquanto foram também re-

traduzidas em todos os idiomas europeus, tendo sido objeto de estudos de poetas como Yeats e Gide, que, aliás, traduziu em francês o Gitanjali.

Na introdução a edição inglesa do Gitanjali, Yeats transcreve a opinião de um conterrâneo de Tagore: “Nós, bengaleses, chamamos este século de Rabindranath. Nenhum poeta me parece tão afamado na Europa quanto o é Rabindranath na Índia. Na música, não é menor do que na poesia. Suas canções se cantam desde o ocidente da Índia até à Birmânia, onde quer que se fale o bengali.”

Em 1913, Rabindranath Tagore recebeu o Prêmio Nobel de Literatura. Oito anos depois, em 1921, fundou em Bolpur, perto de Calcutá, a Escola Santiniketan (Casa da Paz), continuando a obra do avô, que fundara em 1863 um eremitério e a do pai que criara, em 1901, uma escola para a difusão de princípios pacifistas e universalistas a se aplicarem nas relações entre os crentes das diferentes religiões.

A obra poética de Rabindranath Tagore compõe-se dos seguintes livros: GITANJALI (Oferta Lírica); O JARDINEIRO; A CESTA DE FRUTOS; O CISNE; A FUGITIVA; POEMAS DE KABIR e A LUA CRESCENTE. No teatro, mencionam-se: VINGANÇA DA NATUREZA - A QUEDA D'AGUA - O REI - A AGENCIA DO CORREIO. Os livros de prosa intitulam-se: MEMÓRIAS - A RELIGIÃO DO POETA - SADHANA (A realização do homem). Escreveu também dois romances: O NÁUFRAGO - A CASA E O MUNDO. A maior parte de sua obra permanece, entretanto, intraduzida em bengali.

Nascido em 1861, Rabindranath Tagore faleceu em 1941.

Raul Xavier
1972

Fragmentos de Tagore

O JARDINEIRO

1

Servo - Perdoai o servo, rainha.

Rainha - Findou a reunião. Todos os meus servos já se foram. Por que vens tão tarde?

Servo - Quando a senhora despede os outros, então é a minha hora. Vim para saber o que o seu servo deve fazer.

Rainha - Que esperas em hora tão tardia?

Servo - Deixe-me, senhora, ser o seu jardineiro.

Rainha - Que loucura é essa?

Servo - Eu deixarei o outro meu serviço. Deixo no chão minhas espadas e lanças. Não me envie, senhora, a cortes distantes, não me ordene novas conquistas. Mas deixe-me ser o seu jardineiro.

Rainha - Quais as tuas tarefas?

Servo - Eu serviria nos seus dias de folga. Cuidarei da frescura da relva do caminho, onde os seus pés serão louvados com prazer, a cada passo, pelas flores desejosas de morrerem. Eu balançarei a senhora em um balanço à sombra de uma "saptaparna", onde a lua, à tardinha, vem beijar através da folhagem a sua túnica. Eu encherei de óleo perfumado a lâmpada acesa ao lado do seu leito e enfeitarei o tamborete da senhora de maravilhosos desenhos, traçados com pasta de sândalo e açafão.

Rainha - Qual será a tua recompensa?

Servo - A permissão de pegar nas mãos da senhora, delicadas como botões de lotus e enrolar braceletes em seus punhos. Tingir o solado dos seus pés com o suco vermelho das pétalas de "ashoka" e limpá-los, soprando as manchas de pó.

Rainha - Serão atendidas as suas súplicas. Serás o meu jardineiro.

2

Ah, poeta, aproxima-se a noite, o teu cabelo está embranquecendo. Em tua inspiração solitária, ouves a mensagem do futuro.

Disse o poeta;

É noite. Estou atento, pois alguém na aldeia talvez me chame, embora seja tarde.

Estou vendo se dois corações errantes se encontram, se dois pares de olhos aflitos pedem que a música afaste o silêncio e fale por eles.

Quem irá tecer os seus cantos apaixonados, se eu, sentado na praia da vida, contemplar a morte e o além?

Apaga-se a estrela vespertina.

Morre devagar a chama de uma fogueira fúnebre, à margem do rio silencioso.

Os chacais estão ululando no pátio da casa deserta, à luz de uma lua apagada.

Se algum andarilho, saindo de casa para ver a noite, vier até aqui, inclinando a cabeça ouvir o sussurro da treva, quem ali estará para ciciar os segredos da vida, aos seus ouvidos, se eu então batendo minhas portas tentar soltar-me dos laços mortais?

Pouco importa que os meus cabelos estejam embranquecendo.

Sou, ao mesmo tempo, tão moço ou tão velho, como o mais jovem ou o mais antigo morador desta aldeia.

Alguns mostram nos lábios um sorriso simples e doce; no olhar de outros, vê-se o relance fugaz da malícia.

As lágrimas de alguns veem-se à luz do dia; as de outros ocultam-se nas sombras da noite.

Todos sentem necessidade de mim, mas eu necessito de tempo a fim de meditar na vida de além-túmulo.

Sou da mesma idade de todos. Que me importa, se meus cabelos embranquecem?

3

Pela manhã, lancei minha rede ao mar.

Apanhei no abismo negro coisas de estranho aspecto, de estranha beleza; algumas brilhavam como um sorriso, algumas reluziam como lágrimas, outras eram coradas como a face de uma noiva.

Quando voltei para casa com a pesca do dia, minha amada estava sentada no jardim, arrancando triste as pétalas de uma flor. Hesitei um momento, mas logo depus aos seus pés tudo o que eu apanhara e fiquei silencioso. Depois de um olhar vago, ela disse: "Que são estas coisas estranhas? Não sei o que faça com elas." Envergonhado, baixei a cabeça e pensei: "Não te preocupes com elas, não as comprei no mercado, não presentes dignos dela." Então, durante a noite, eu atirei-as uma a uma na rua. Pela manhã, vieram viajantes que as apanharam e levaram-nas para terras distantes.

4

Ai de mim! Por que construíram minha casa à margem da estrada para o mercado da cidade? Elas amarram seus barcos carregados, junto das minhas árvores. Elas vêm, vão, vagueiam à vontade. Sento-me, observo-as, e assim gasto meu tempo. Não posso expulsá-las daqui. Assim passam meus dias. Dia e noite, seus passos ressoam à minha porta. Grito-lhes em vão: "Não vos conheço!" Algumas são conhecidas dos meus dedos, outras das minhas narinas. Parece-me que o sangue nas veias conhece algumas, enquanto outras, eu as conheço pelos sonhos. Não posso expulsá-las. Chamo-as então, dizendo-lhes: "Quem quiser vir à minha casa, venha, sim." Pela manhã, ouve-se o sino do templo. Elas vêm com as cestas nas mãos. Seus pés são cor de rosa. Há em suas faces a luz da manhã. Não posso expulsá-las. Chamo-as, dizendo-lhes: Venham colher flores em meu jardim. Venham até aqui." Ao meio dia, soa o gongo à porta do palácio. Não sei porque deixam seu trabalho e ficam ao lado da minha cerca. As flores em seu cabelo estão sem cor e murchas; em suas flautas, as notas são débeis. Não posso expulsá-las. Chamo-as, dizendo-lhes: "A sombra das minhas árvores é fresca. Venham, amigas!" À noite, os grilos criquilam na floresta. Quem está vindo devagar à minha porta e bate levemente?

Não lhe vejo bem a face, não se ouve uma palavra. e o céu está em silêncio.

Não posso despedir minha hóspede silenciosa. Olho sua face na treva. Passam as horas de sonho.

5

Estou inquieto. Estou sedento de coisas longínquas. Minha alma vai longe com o desejo de tocar na fímbria do horizonte sombrio.

Oh, Além Infinito! Oh, magoada súplica da tua flauta!

Esqueço sempre, de que não tenho asas de que estou para sempre amarrado neste chão.

Estou sempre inquieto e desperto, sou um estrangeiro em terra estranha.

Teus suspiros vêm até mim, ciciando uma esperança impossível.

Tua voz é conhecida do meu coração como se fosse a minha própria voz.

Oh criatura distante! Oh magoada súplica da tua flauta!

Ao calor do sol, nas horas lânguidas, como aparece imensa a tua forma no azul do céu.

Oh fim distante! Oh magoada súplica da tua flauta! Esqueço sempre, esqueço de que estão fechadas as portas da casa onde moro sozinho.

6

O passarinho manso estava na gaiola, o passarinho livre estava na floresta.

Encontraram-se quando veio a hora, marcada pelo destino.

O passarinho livre exclama: "Oh meu amor, voemos para a floresta!"

O passarinho na gaiola exclama: "Vem aqui, vamos viver na gaiola ..."

Diz o passarinho livre: "Entre grades, onde está o espaço para se abrirem as asas?"

"Ah - retruca o passarinho engaiolado -, eu não sei como estaria empoleirado no céu!"

O passarinho livre exclama: "Minha querida, canta a ária da floresta!"

O engaiolado responde: "Senta-te ao meu lado. Eu te ensinarei a linguagem daqueles que sabem."

O passarinho da floresta retruca: "Não! Não! Os cantos não se ensinam!"

Diz então o passarinho na gaiola: "Ai de mim! Não sei os cantos da floresta!"

O amor de ambos é intenso, desejam-se um ao outro, mas nunca podem voar de asas unidas.

Olham-se através das grades da gaiola, sendo vão o desejo de se unirem.

Cheios de desejo, batem as asas e cantam: "Vem, meu amor, vem para junto de mim!"

O passarinho livre diz: "Não pode ser, tenho medo das grades da janela!"

O passarinho preso murmura: "Ai de mim! As minhas asas são fracas e inertes!"

7

Mãe, o jovem príncipe vai passar em frente à nossa porta.

Como poderei trabalhar, hoje de manhã?

Ensina-me a fazer o meu cabelo, diz-me que enfeites eu devo usar.

Porque me olhas surpresa, Mãe?

Bem sei que não olhará para minha janela, nem uma vez.

Sei que de repente irá embora.

Somente os trêmulos sons da flauta virão de longe até mim.

Mas o jovem príncipe passará em frente à nossa porta.

Eu vou usar o que tenho de melhor.

Mãe, o jovem príncipe passou em frente à nossa porta. E o sol da manhã brilhou em seu carro.

Tirei o véu da minha face, o colar de rubis do meu pescoço e atirei-o em seu caminho.

Porque me olha assim assustada, Mãe?

Sei que ele não apanhou o meu colar, que foi esmagado pelas rodas do seu carro, ficando no chão apenas uma lista vermelha.

Ninguém soube que era meu presente e a quem eu o oferecera.

Mas o jovem príncipe passou perto de nossa porta e eu tirei do pescoço a minha jóia para atirá-la em seu caminho.

8

Apagou-se a lâmpada à minha cabeceira e eu acordei com os primeiros pássaros.

Sentei-me junto à minha janela aberta e trazia uma grinalda de flores frescas em meus cabelos soltos.

O Jovem viajante veio vindo pela estrada, envolto na neblina rósea da manhã.

Tinha um colar de pérolas no pescoço e os raios de sol cintilavam em sua coroa.

Deteve-se ante minha porta e perguntou-me:

Onde está ela?

Muito envergonhada não pude responder-lhe:

Eu sou Ela, jovem viajante. Ela é eu.

Estava escuro, a lâmpada não fora acesa. Eu, distraída, trançava meus cabelos.

O jovem viajante em seu carro veio no rubor do sol poente.

Os cavalos espumavam e sua roupa estava coberta de poeira.

Ele desmontou à minha porta e com voz cansada perguntou:

Onde está ela?

Muito envergonhada não pude responder-lhe:

Cansado viajante, eu sou ela.

É uma noite de abril.

A lâmpada está acesa em minha alcova.

Vem uma leve brisa do sul.

O papagaio falador está adormecido na gaiola.

O meu corpinho é da cor do pescoço do pavão, e a minha mantilha é verde como a relva.

Sento-me no soalho, perto da janela, olhando para a rua deserta.

Através da noite escura, ouço um murmúrio:

"Ela sou eu, viajante sem esperança, ela sou eu."

Quando à noite vou sozinho ao encontro do meu amor,

os pássaros não trinam,

o vento não se move,

as casas na rua estão silenciosas;

Somente os meus sapatos rangem ao meu peso e eu sinto vergonha.

Quanto me sento ao balcão e ouço o ruído dos seus passos, as folhas não se movem nas árvores; a água está no rio como a espada nos joelhos do vigia adormecido.

É o meu coração que bate inquieto e selvagem. Não sei como sossegá-lo.

Quando o meu amor vem sentar-se ao meu lado, meu corpo estremece, fecham-se minhas sobancelhas, a noite escurece, o

vento apaga a lâmpada e as nuvens estendem véus sobre as estrelas.

É o diamante em meu colo que brilha e dá luz. Não sei como escondê-lo.

LUA CRESCENTE

A CASA

Eu passava pela estrada à margem do campo, enquanto o crepúsculo escondia avarento os seus últimos raios de ouro.

A luz do dia estava se afundando nas trevas e o campo ceifado jazia silencioso na sombra.

De repente, uma voz de menino subiu ao céu. Ele atravessava a escuridão vazia e a sua canção deixava um eco no silêncio da noite.

A sua aldeia, a sua casa estão nos confins da vasta planície, Já em baixo no canavial, ocultas na sombra das bananeiras, das palmeiras esguias, dos pés de cacau e do verde-escuro da árvore do pão.

Por alguns momentos, detive o meu andar solitário, à luz das estrelas, e vi à minha frente a terra enegrecida, sustentando em seus braços muitas casas, cheias de berços e de leitos, de corações maternos e de lâmpadas noturnas, de vidas Jovens contentes, na alegria inconsciente do próprio valor no mundo.

NA PRAIA

Na praia dos mundos infinitos os meninos encontram-se.

O céu sem limites está imóvel e o mar irrequieto e rumoroso. Na praia dos mundos infinitos, os meninos encontram-se fazendo alarido e dançam.

Levantam casas de areia e jogam com as conchas vazias. Fazem barcos de ramagens secas entrelaçadas e sorridentes impelem-nas para o oceano. Os meninos brincam na praia dos mundos infinitos.

Não sabem nadar, não sabem atirar as redes. Os mergulhadores descem ao fundo das águas para apanharem as pérolas, os mercadores viajam em seus navios, enquanto os meninos apanham, amontoam e espalham pedrinhas. Procuram-nas, não para esconderem tesouros. Não sabem lançar as redes.

O mar aproxima-se sorrindo, e pálido, reluz o sorriso da sua superfície. Muitas ondas mortas cantam aos meninos versos sem

sentido, assim como a mãe canta à noite, embalando o berço do seu filhinho. O mar joga com os meninos e pálido reluz o sorriso de sua superfície.

Os meninos encontram-se na praia dos mundos infinitos. A tempestade corre pelo céu, os barcos naufragam nas águas sem traços. A morte está distante e os meninos brincam. Na praia dos mundos infinitos, há grande encontro de todos os meninos.

A FONTE

O sono que desce aos olhos do menino, sabe alguém de onde vem?

Sim, é algo indefinível, residente na aldeia das fadas, à sombra das florestas iluminadas pela cintilação dos pirilampos, oscilante entre dois brotos encantados. De lá vem ela beijar os olhos do menino.

O sorriso trêmulo nos lábios do menino, sabe alguém de onde vem? Sim, é algo indefinível, nascido de um pálido e velado raio de lua crescente, desfiado à passagem de uma tênue nuvem do outono, em um sonho de manhã banhada de orvalho.

Este é o sorriso trêmulo nos lábios do menino adormecido.

A suave e aveludada frescura nos membros do menino, sabe alguém onde estava há tanto tempo escondida?

Sim, quando a sua mãe ainda era menina, abriu-se, invadindo-lhe o coração em terno e silencioso mistério de amor, a suave e aveludada frescura que floresce nos membros do menino.

A ALMA DO MENINO

Se ele quisesse, o menino poderia voar para o céu, agora mesmo.

Mas de modo nenhum quer deixar-nos.

Agrada-lhe descansar a cabecinha no seio da mamãe e não suportaria deixar de vê-la.

O menino sabe de muitas coisas; mas, poucos no mundo podem entender o sentido das suas palavras.

Não quer falar, de modo nenhum.

Quer apenas ouvir as palavras da sua mãe. E por isso são tão inocentes os seus olhares.

O menino possuía um monte de ouro e de pérolas, no entanto veio para a terra como um mendigo.

Veio sob esse disfarce por algum motivo.

Este caro mendigo, pequeno e despido, pretende ser o mais débil, para ser-lhe permitido pedir muito amor à sua mãe.

No diminuto país da lua crescente, o menino estava livre de qualquer vínculo.
Mas não renunciou à sua liberdade sem razão.

Ele sabia que há um lugar de alegria infinda em um pequeno canto do coração materno e que estar preso e apertado por dois braços queridos é mais doce do que a distância desta liberdade.
O menino não sabe chorar. Ele morava no país da felicidade perfeita.
Mas preferiu chorar por algum motivo.
Embora saiba atrair o coração afetuoso com o sorriso do seu querido rosto, os seus gritinhos por pequeníssimas dores, suscitam um laço dúplice, um laço de felicidade e de amor.

VISÃO INCOMPREENSÍVEL

Ah, meu menino, quem tingia a tua roupa e cobria os teus pequenos membros com aquela camisinha vermelha?
Andaste brincando no jardim pela manhã e caindo, quando corrias. Mas, quem tingia a tua roupa, meu menino?
Que te faz rir, meu pequeno, minha vida?
A mãe te sorri, quando está à porta de casa. Bate palmas e os braceletes tilintam, Tu, como um pastorzinho, danças empunhando uma vara de bambu.
Que te faz rir, meu pequeno broto de vida?
Oh, mendigo! Que pedes abraçado ao colo de tua mãe?
Oh, coração ávido! Devo arrancar o mundo do alto do céu, como se fora uma fruta, e deixá-lo na palma rosada da tua mão?
Oh, mendigo, que estás fazendo?
O vento leva o tilintar dos guizos que tens pendurados ao pescoço.
O sol sorri, vendo-te despertar. Olha-te o céu, enquanto dormes nos braços da tua mãe e a manhã vem nas pontas dos pés ao teu leito para beijar-te os olhos.
O vento leva o tilintar dos guizos que tens pendurados ao pescoço.
A fada rainha dos sonhos vem a ti, voando pelo céu cintilante.
A Mãe Terra alimenta-te, enquanto o coração de tua mãe chama por ti.
Aquele que leva sua música até às estrelas, veio com sua flauta à tua janela.
A fada rainha dos sonhos vem a ti, voando pelo céu cintilante.

AQUELE QUE ROUBA O SONO

Quem roubou o sono dos olhos do menino? Devo saber.

Amarrado o cântaro à cintura, a mãe foi buscar água na aldeia vizinha.

Era meio-dia. Terminara para os rapazes a hora de Jogar. No lago, os gansos estavam silenciosos.

O pastorzinho dormia à sombra de um banyan. Um pernalta está quieto, no banhado vizinho ao bosque das mangueiras.

No entanto, a ladra do sono veio e já foi embora, levando o sono roubado aos olhos do menino.

Quando a mãe voltou, o menino desperto estava engatinhando pelo quarto.

Quem roubou o sono dos olhos do menino? Devo saber, devo encontrar e prender.

Devo olhar para aquela gruta escura, onde por entre pedras ameaçadoras desliza um fio d'água.

Devo andar na sonolenta praia do bosque de bakulas, onde arrulham pombos e os aros dos braceletes das fadas tilintam, à noite calma e estrelada.

À noite, quero ir ao bosque de bambus, onde há silêncio, onde os fogos fátuos vagueiam; quero perguntar às pessoas que eu encontrar: "Haverá alguém que me diga onde vive o ladrão do sono?"

Quem roubou o sono dos olhos do menino? Devo saber.

Se eu encontrar essa ladra, dar-lhe-ei uma lição severa.

Entrarei em seu esconderijo para saber onde ela guarda acumulado todo o sono que rouba; eu saquearei o seu armazém e levarei tudo para casa.

Amarrarei bem as suas asas, levá-la-ei à margem do rio, e deixarei que ela fique lá com uma vara de um anzol, pescando entre juncos e lírios aquáticos.

Quando à noite findar a feira, os meninos da aldeia sentam-se no colo das mães, então motejam- as aves noturnas:

"Agora, a quem poderei roubar o sono?"

O PRINCÍPIO

"De onde vim? De onde me trouxeste?", perguntava o menino à sua mãe.

Ela respondeu, chorando e rindo ao mesmo tempo, apertando o filho ao colo: Querido, estavas escondido em meu coração, eras o

meu desejo! Estavas nas bonecas dos meus brinquedos de menina, e quando, todas as manhãs, eu fazia com areia a imagem do meu Deus, eu também modelava a tua.

Estavas com o Deus de nossa casa dentro do nicho e eu te adorava.

Estavas em todas as minhas esperanças, em todo o meu amor, em toda a minha vida, na vida de minha mãe.

No ventre do Espírito protetor de nosso lar, estiveste durante muitos anos.

Quando em minha mocidade o meu coração abriu as pétalas, tu esvoaçavas em torno como um perfume.

O teu doce e delicado crescimento era como um esplendor celeste, antes da aurora.

Meu querido, gêmeo da luz matutina, vagaste segundo a correnteza da vida, até que ancoraste em meu coração.

Quando vejo a tua face, vejo nela mistérios que me dominam. Tu que pertences a tudo, és meu agora.

Receio perder-te. Por isso te trago e aperto em meu colo. Que magia atraiu para os meus braços o tesouro do mundo?

GITANJALI

1

Tu me criaste infinito e foi esse o teu prazer. Sempre esvazias este frágil cálice e sempre o enches de vida nova.

Esta pequena flauta de bambu, levaste-a contigo por veles e colinas e nela entoaste melodias sempre novas.

Meu coração expande-se em inefáveis alegrias, quando sinto o contato de tuas mãos.

Tenho só as minhas frágeis mãos para colher as tuas afaças. Os tempos passam, sempre me concedes os teus bens e elas sempre estão vazias.

2

Quando me pedes uma canção, parece que o meu coração vai rebentar de vaidade, Olho o teu rosto e vêm-me lágrimas aos olhos.

Tudo quanto é aspereza e dissonância em minha vida transforma-se em uma só harmonia suave. Minha devoção estende as asas como um pássaro feliz em seu vôo sobre o oceano.

Sei que te sentes alegre, ouvindo o meu canto. Sei no entanto que me recebes em tua presença apenas como um cantor. As pontas das asas abertas das minhas canções apenas se aproxima dos teus pés, que eu não tenho esperança de alcançar. Ébrio da alegria de cantar, esqueço-me de mim mesmo e chamo-te amigo, tu que és meu Senhor.

3

Não sei como tu cantas, Mestre! Ouço-te em silêncio, encantado. A luz da tua música ilumina o mundo. A vida do som da tua música voa de céu em céu. A vaga celestial de tua música rompe barragens de pedra e estende-se no espaço. Meu coração deseja unir-se ao teu canto, mas é inútil o esforço da voz. Quem me dera exprimi-lo! Mas nenhum canto nasce das minhas palavras e confuso apenas me lamento. Ah, Mestre, tu me prendeste nas águas infinitas da tua música.

4

Vida da minha vida, eu cuidarei de manter puro o meu corpo. Sei que nos membros do meu corpo está vivo o teu contato. Evitarei falsidade em meu pensamento. Sei que és a verdade que desperta a luz da razão em meu pensamento, Limparei de qualquer maldade o meu coração. Meu amor será puro, sempre. Sei que tens a tua morada no altar secreto do meu coração. Farei esforços por te revelar em minhas ações. Sei que o teu poder dá-me força para agir.

5

Peço-te a graça de permitires que eu descanse um momento ao teu lado. Findarei depois as tarefas já iniciadas. Sem ver o teu rosto, meu coração nem repousa, nem está quieto. Meu trabalho é uma pena infinita em um infinito deserto de penas. Hoje, o verão chegou à minha janela com seus murmúrios e suspiros. As abelhas voam e namoram no bosque florido. Eis a hora de tranquilidade e de canto, junto de ti, para a consagração da minha existência, no silêncio deste enorme sossego.

6

Colhe esta flor franzina, colhe-a depressa, antes de murchar e de desfolhar-se no pó.

Talvez não sirva para a tua grinalda. Mas ao menos ela sinta o doloroso contato da tua mão. Colhe-a! Receio que o tempo se vá sem que eu o perceba e veja assim que passou a hora da oferta.

A cor é branda, o perfume suave. Usa esta flor, colhe-a enquanto é tempo.

7

Meu canto já não usa mais artifícios. Não me envaideço mais com ele. Os artifícios dificultariam nossa união. Estariam de permeio entre nós e soariam mais alto que a surdina da tua voz.

Quando te vejo, morre envergonhada minha vaidade de poeta. Oh, Mestre-Poeta, estou sentado aos teus pés. Quem me dera que a minha existência fosse simples e reta como uma flauta de bambu que enchesses de música.

8

O menino vestido como um príncipe, usando colares, não sente prazer no seu jogo. A cada passo é tolhido pelos enfeites do seu traje.

Temendo que a roupa se rasgue e fique empoeirada, ele afasta-se do campo e nem pensa em mover-se.

Mãe, é boa para o menino a prisão desse luxo, é bom para ele estar afastado do pólen sadio da Terra? Não lhe negas assim o seu direito de entrada na grande festa do convívio humano?

9

Oh, insensato, que pretendes apoiar-te em teus próprios ombros! Oh, mendigo, que vens pedir esmola à tua própria porta!

Entrega teus fardos a quem pode tudo carregar e jamais olhes para trás, arrependido.

O teu desejo apaga a chama da lâmpada, logo que a alcança o teu hálito. Ele é profano e tuas mãos são impuras. Não aceites nenhum presente que ele te ofereça, mas somente o que te for ofertado pelo amor sagrado.

10

Eis o teu tamborete. Aqui repousam teus pés, aqui vive o paupérrimo, o ínfimo, o perdido.

Se pretendo inclinar-me diante de ti, minha reverência não atinge a profundidade onde repousam teus pés.
Onde não vai jamais o orgulho, aí tu andas vestido com a roupa do muito pobre, do ínfimo, do perdido.
Meu coração jamais encontrará o seu caminho para O onde fará companhia aos que não têm companheiro, ao lado do muito pobre, do ínfimo, do perdido.

11

Deixa o teu rosário, o teu canto, as tuas salmódias. Quem supõe estar cultuando, no recanto solitário e sombrio de um templo, cujas portas se acham todas fechadas?
Abre os olhos, vê que o teu Deus não está diante de ti!
Ele se acha onde o lavrador está lavrando o solo duro. À margem do caminho, o calceteiro está quebrando pedras. Ele está com o lavrador e o calceteiro, quando faz sol. A sua veste cobre-se de poeira. Deixa teu manto de orar. Faz como Ele, desce também à poeira.
Libertação! Onde pretendes encontrá-la? Nosso Mestre alegrou-se ao tomar sobre si os encargos da criação. Uniu-se a nós para sempre.
Deixa as meditações, o incenso, as flores. Tuas vestes estão sujas e rasgadas. Que importa? Vai reunir-te a Ele, e suado, permanece no trabalho ao seu lado.

12

É longo o tempo da minha viagem. A estrada é extensa.
Saí no carro do primeiro raio de luz. Continuei minha viagem através dos desertos dos mundos, deixando os sinais da minha passagem em muitas estrelas.
O percurso mais longo aproxima-me de ti.
A modulação mais desafinada é a que leva à perfeita simplicidade do acorde.
O viajante deve bater em todas as portas, antes de chegar à sua. É necessário peregrinar por todos os mundos exteriores para afinal atingir o tabernáculo interior.
Durante muito tempo o meu olhar vagou pelas distâncias, antes de eu fechar os olhos e dizer: "estás aqui."
Essa busca, essa esperança fundem-se nas lágrimas de mil rios e submerge o mundo nesta certeza: Eu sou!

13

A canção que eu deveria cantar não foi ouvida até hoje.
Desperdicei os meus dias, afinando e desafinando minha lira.
Não achei o tom perfeito. As palavras não foram bem pronunciadas. Agora, resta apenas a agonia do desejo em meu coração.

A flor não se abriu. Só o vento suspira, quando passa por ela.
Não vi o seu rosto, não ouvi a sua voz. Somente ouvi seus passos tranquilos, na estrada à frente da minha casa.
Minha existência passou, enquanto eu arranjava sua poltrona em minha sala. Mas a lâmpada não está acesa e eu não posso convidá-lo a entrar.
Estou vivendo na esperança de encontrá-lo. Mas ainda não deparei com ele.

14

São muitos os meus desejos e minha queixa é lastimosa. Mas tu me amparas, apesar de tuas ásperas palavras. Durante toda minha existência, tenho sentido tua clemência.

Assim, a cada dia que passa, tu me tornas digno das grandes graças que, espontaneamente, me concedes – ó céu, a luz, este corpo, a vida, o espírito - evitando para mim o perigo do excessivo desejo.

Algumas vezes desanimado, eu demoro os passos. Outras vezes, desperto, apressando-me na busca do meu objetivo. Mas, então, cruelmente, tu te escondes fugindo de mim.

Dia após dia, tu me fazes digno de teu pleno acolhimento. Afastando-te sempre, tu me poupas os perigos do fraco, do incerto desejo.

15

Aqui estou, a fim de cantar para ti as minhas canções. Há nesta sala um lugar onde sentar-me.

Em teu mundo estou desocupado. Minha existência inútil apenas sabe desabafar-se em cantigas vulgares.

Quando soar a hora do teu rito mudo, no sombrio templo da meia noite, dá-me a tua ordem, Mestre, e em tua presença eu me levantarei para cantar.

Quando, no ar matinal, for afinada a harpa de ouro, ordena-me, Mestre, que eu vá à tua presença.

16

Recebi teu convite para o festival deste mundo e assim foi abençoada minha existência. Meus olhos viram, meus ouvidos ouviram.

Durante a festa, tive de tocar meu instrumento. Fiz tudo quanto me foi possível.

Pergunto-te agora: chegou afinal a hora de entrar, de ver tua face, oferecendo-te minha saudação em silêncio?

17

Espero somente o amor para, renunciando-me a mim mesmo, entregar-me em tuas mãos. Isso por ser já muito tarde. Isso por ter sido eu culpado de muitos erros.

Eles vêm com seus códigos e suas leis para me dominarem. Mas eu livro-me deles sempre, pois somente espero o amor, a fim de renunciar-me a mim mesmo em suas mãos.

Outros me criticam e me chamam negligente. Não duvido de que tenham razões para me censurarem.

Findou o dia de feira, cessou o trabalho das compras e vendas. Aqueles que em vão me procuram foram embora, zangados.

Espero somente o amor para afinal renunciar-me a mim mesmo, entregando-me em tuas mãos.

18

Amor, porque me deixas fora, esperando-te sozinho, à tua porta? Atarefado no trabalho do meio dia, fico entre a multidão. Mas hoje, neste dia sombrio, sozinho, estou apenas à tua espera.

Se não me mostrares a tua face, se me abandonares, não sei como passarei as longas horas de chuva.

Fico olhando o céu escuro e meu coração em seu queixume, vagueia ao sabor do vento inquieto.

19

Se não falares, sem dúvida, suportarei o meu silêncio e com ele encherei meu coração. Cabisbaixo, esperei tranquilo, semelhante à noite, durante as horas estreladas.

A manhã decerto voltará, as trevas serão desfeitas e tua voz há de estender-se em ondas de ouro, soltas no céu.

Tuas palavras irão voar como se fossem canções, soltas de cada ninho dos meus pássaros, e tuas melodias brotarão flores de todas as alamedas dos meus bosques.

20

No dia em que se abriu a flor de lótus - ai de mim! - meu espírito vagava à toa e eu não sabia disso. Minha cesta ficou vazia, sem a flor perdida.

Mas, de quando em quando, uma tristeza caía sobre mim. Eu despertava em sobressalto e sentia o suave vestígio de estranho perfume no vento do sul.

Essa vaga ternura trazia ao meu coração, a dolência de um desejo. Parecia-me sentir o impulso do ar do estio, buscando a amplidão celeste.

Eu não sabia que o lótus estava próximo de mim, que me pertencia, e que essa suavidade perfeita abria-se no fundo do meu próprio coração.

21

Está na hora de levar o meu barco para o mar. As horas lânguidas estão passando na praia. Ai de mim!

A primavera abriu suas flores e já se foi. Agora, carregando flores murchas, estou quieto, esperando.

Ouve-se o rumor das ondas. Na vereda sombria, à margem do mar, as folhas amarelas esvoaçam e caem.

Quem estás vendo no ar vazio? Não o sentes estremecer, ao canto que vem de longe, na aragem e vai perder-se na outra praia?

22

Nas profundas sombras de julho chuvoso, em passos esquivos, andas mudo como a noite, iludindo os vigias.

Hoje, a manhã fechou os olhos, indiferente aos apelos insistentes da ventania do Oriente.

Um véu espesso abriu-se sobre o azul, sempre desperto no céu.

Nos bosques não se ouvem cantigas. Fecharam-se as portas e todas as casas.

Nesta rua deserta, és o transeunte solitário. Meu único amigo, mais querido, estão abertas as largas portas da minha casa. Não te afastes como um sonho.

23

Estás ai fora, nesta noite tempestuosa, andando em busca de amor, meu amigo? O céu está gemendo como alguém desesperado.

Nesta noite, não sinto sono, meu amigo! Abro minha porta, de momento em momento, e olho para as trevas.

Nada vejo e não sei onde passa o teu caminho. Por onde queres vir até mim, amigo? Será por alguma escura margem de rio, por alguma orla distante de floresta cerrada, alguma espessura de mata sombria e profunda, que pretendes vir até onde estou, meu amigo?

24

Se o dia findou, se os pássaros estão mudos e cansados, o vento cessou, cobre-me bem com o véu das trevas, assim como envolvereste a terra nas cortinas do sono e com ternura fechaste, ao crepúsculo, as pétalas do lótus pálido.

Afasta a miséria e a vergonha do caminhante de alforje vazio, antes de findo o caminho, do peregrino de roupa rasgada, coberta de poeira, já exausto.

25

Vindo o cansaço à noite, deixa-me logo adormecer e repousar, confiando em ti.

Não permite ao meu espírito cansado oferecer-lhe um culto sem valia.

És tu que estendes o véu da noite sobre os olhos fatigados do dia, a fim de outra vez seu olhar se reabrir fresco e feliz.

26

Ele veio sentar-se ao meu lado e eu não despertei.

Maldito o meu sono!

Ele veio quando a noite estava serena. Veio trazendo a sua harpa com melodias que embalaram meus sonhos.

Ah! Por que tantas noites perdidas? Por que sempre deixo de ver aquele que respira ao meu lado, quando estou dormindo?

27

Luz! A luz, onde está?! Acende-se o fogo chamejante do meu desejo! Eis aqui a lâmpada sem chama trêmula. É esse o teu destino, coração? Ab! Seria melhor a morte.

A miséria bate à porta para dizer-te que o teu Senhor está desperto e que te chama ao colóquio de amor, na escuridão da noite.

O céu está recoberto de nuvens. A chuva não cessa.

Não sei o que é isto dentro de mim. Não sei o que isto quer dizer.
Um clarão repentino e fugaz revela-me uma treva mais profunda.
Meu coração tateando procura o caminho para o lugar de onde
me vem o convite de música da noite.
Luz! Ah! Onde está a luz? Acenda-se a luz ao fogo chamejante do
desejo! Ouvem-se trovões e o vento corre uivando pelo espaço. A
noite está negra como a lousa ria escola. Não permite as horas
passarem nas sombras! Anima com a tua vida a lâmpada do
amor.

Textos Sagrados do Tibete

Introdução

Se, há quinze anos atrás, entrássemos em território tibetano pelo desfiladeiro Natu-la encontraríamos o Kar-Gyu Gompa (gompa = mosteiro) com o teto em forma de pavilhão, dourado, cintilante ao sol. Nas proximidades do mosteiro levantavam-se alguns chörten, construções de alvenaria, de dois a quinze metros de altura, pirâmides poligonais terminadas em cone.

No chörten pode estar inumado o corpo de um lama venerado, suas cinzas ou ossos, e nas paredes externas, imagens e inscrições sagradas. O termo significa "depósito de ofertas". A construção obedece a um diagrama simbólico, segundo a cosmologia lamaísta. Cada parte refere-se a um dos elementos de que se compõem todos os corpos, e aos quais a morte os reduz. A base simboliza a terra, as paredes a água. No alto, aparece uma foice simbolizando o ar. A cúpula celeste, invertida, com uma ponta de ferro a imitar uma chama é simbólica do éter espacial, o último e mais sutil elemento.

Como o Kar-Gyu, outros cinco mil gompas erguiam-se pelo território do Tibete. Três, porém, eram os maiores e exerciam real influência na vida religiosa e política do país. Um deles, o Drepung, era um aglomerado de templos e de salas com tetos dourados, entre a planície de Lhasa e o cimo das montanhas circunvizinhas. Ali se abrigavam dez mil lamas, divididos em sete confrarias, cada uma dirigida por um Abade e um Tesoureiro. Drepung mantinha-se com as rendas das suas terras. Milhares de camponeses cultivavam as terras pertencentes ao mosteiro, o que possibilitava aos lamas não se entregarem a outra atividade material, que não fosse o preparo do chá com manteiga para o consumo da comunidade.

Outro grande mosteiro era o Sera, distante cinco quilômetros de Potala, na cidade santa. Em Sera viviam sete mil lamas. Mas, o mosteiro que se sobressaía entre os demais era o de Potala, palácio ciclópico com a extensão de trezentos metros e com a altura superior a cento e vinte metros. Esse edifício, ex-residência

do Dalai-Lama, situado sobre uma colina, rodeado de muralhas, reúne numerosos pavilhões e outros prédios, templos e cenotáfios. O grupo central dos edifícios era pintado de cor escura, destacando-se dos demais caiados de branco.

Antes da anexação do Tibete à China de Mao Tsé-Tung, a autoridade espiritual do Dalai-Lama estendia-se a territórios estrangeiros como Ladag, Cachemira, Teri-Garhwal, Sikkim, Butan, Assan, Ao norte, já se fizera sentir na Mongólia, nas terras dos Buriatas, e dos Kalmiks, sob jurisdição soviética. No leste, o Dalai-Lama fora respeitado nas províncias chinesas de Tsinghai, Kansu, Se-Tchuen, Sikang e Yunnan. Nessas regiões, muitos mosteiros eram fortificados e os monges formavam batalhões que defendessem os edifícios e policiassem as terras circunvizinhas contra as incursões dos bandidos nômades. Atualmente, foi anulada pela China a autoridade espiritual do Dalai-Lama, refugiado na Índia.

Permanece, entretanto, a tradição cultural tibetana, sob a guarda de lamas dispersos ou abrigados em pequenas lamaserias. Quais as características dessa tradição? Até o século VIII da nossa era, o território do atual Tibete era habitado por tribos de "pastores bárbaros e ferozes" segundo anais chineses. Os tibetanos supunham-se descendentes de um macaco oriundo da Índia. Esse macaco uniu-se com uma demônia, na gruta Tsetang, à margem do rio Tsang Po. A descendência da prole gerada por esse casal é a gente tibetana.

As primitivas tribos foram pacificadas e unidas por um caudilho chamado Song-Tsen-Gampo (Direito, Forte, Profundo). Ele invadiu a alta Birmânia e foi até a China onde no ano 640 destroçou as tropas do imperador Tai Tsung. Casou com a filha do imperador chinês Kyim Chang. Ele já era casado com uma princesa do Nepal. Ambas eram fervorosas budistas e influenciaram o esposo no sentido da sua conversão ao Budismo.

Até então prevalecia o culto nativo, denominado Bon ou Bon Po, uma prática de ritos mágicos com invocação a divindades demoníacas. Ainda hoje, vivem sacerdotes desse culto refugiados em aldeias, nas montanhas. A cosmogonia e os ritos do Bon Po derivam de um complexo de crenças primárias, difundido na Ásia

Central, que os antropólogos denominam chamanismo. Segundo Os praticantes do Bon Po, desce do céu para a terra uma corda por onde se comunicam as criaturas humanas e os habitantes do céu. Por ela sobem os mortos ao Paraíso.

A teologia dos Bon Po enumera muitas forças ocultas, quase sempre inimigas do homem e ciumentas das suas posses neste mundo: terras, árvores, flores etc. Convém, portanto, dedicar-lhes sacrifícios propiciatórios. Os sacerdotes do Bon sempre praticaram o exorcismo e a feitiçaria. Além disso, facilmente desmaiam em transe extático. Dizem-se então possuídos por um espírito. Quando isso acontece, usam máscara para significar a substituição de personalidade.

Sendo um culto a divindades maléficas, o Bon teria de desagradar às duas esposas de Song- Tsen-Gampo, Atendendo às instâncias das rainhas, ele mandou chamar da Índia monges budistas e adotou o alfabeto sânscrito alterado. Posteriormente, as duas rainhas foram e continuaram sendo representadas em imagens, uma verde, outra azul, cultuadas no Lamaísmo, sob o nome comum de Tara. Introduzindo o Budismo no Tibete, o rei Direito-Forte-Profundo não previa as consequências da sua iniciativa. O Budismo concorreu para a pacificação das tribos, daí decorrendo a instauração de um poder político, uniforme, regular.

Depois disso, o seu sucessor, o rei Ti-Song-Detsan, chamou à sua terra Padma Sambhava, o maior santo budista daquela época. Ergueram-se então as primeiras lamaserias, graças à catequese apoiada pelo rei. Os lamas (mestres) usavam um barrete quadrado e no decurso dos tempos, esses "antigos crentes"; organizaram-se em uma corporação clerical poderosa, com influência na política. Eles opuseram-se ao rei Langdarma, quando este pretendeu restaurar o Bon Po. Os mosteiros logo aumentaram em número. Já preponderante, o Lamaísmo exerceu autoridade sobre senhores feudais, latifundiários, e até dominou reis.

Na época de Gengis-Khan, um lama assumiu o domínio do território do mosteiro em Sáquia, no Tibete ocidental. O filho de Gengis-Khan, Kublai-Khan, tomou-se o primeiro imperador

mongol da China. Durante dois anos, Kublai-Khan estudou as religiões orientais existentes em seu tempo, e desse estudo resultou sua adesão à doutrina observada pelo Lamaísmo. Pediu que o Abade de Sáquia abençoasse o seu governo. Dando-lhe essa bênção, aquele Abade foi instituído soberano de todo o território do Tibete e Grão-Sacerdote ou Papa de todo o mundo budista.

Os pontífices de Sáquia sucederam-se, durante séculos, até a queda da dinastia mongol. O lamaísmo penetrara lentamente na Mongólia, onde se construíram mosteiros para um numeroso clero lamaísta. Em Urga, então capital da Mongólia, estabeleceu-se um Grande Lama e desde então não se romperam os laços sentimentais entre a Mongólia e o Tibete.

Mas, no Tibete já grassavam males na esfera do lamaísmo. Praticavam-se ainda os ritos do Bon, os lamas utilizavam-se da magia, bebiam líquidos alcoólicos, fumavam, tinham mulheres. No século XI, subiram da Índia missionários devotados ao budismo, entre eles, Atischa e Rínchen- Tsang Po, que percorreram o país, enquanto ascetas piedosos do vulto de Marpa e seu discípulo Milarepa entregavam-se a meditações e penitências, nas grutas das geleiras das montanhas. Cada um dos vários lamas ascetas e pregadores suscitou uma corrente religiosa, daí originando-se seitas que perduraram até o século atual. Marpa e Milarepa foram os patronos dos Kar-gyu-pa - "Os Virtuós" - que, cerca de dois séculos depois (1357-1419), Tsong Khapa organizaria, disciplinando-os, submetendo-os ao regime alimentar frugal, vegetariano, abstinência, e ao celibato. Os Gelug-Pa adotaram a túnica e o barrete amarelo para se distinguirem de outros lamas, os Dug-Pa, que continuavam usando hábito e barrete vermelho.

Tsong Khapa dedicou-se também à redação e à exegese de textos doutrinários, fixando o Canone das Escrituras. Tratou de construir alguns dos maiores mosteiros; Galden, Sera, Depung, Tashil-umpo. Quando faleceu, os barretes amarelos estavam habilitados ao exercício do domínio espiritual e político do Tibete, até 1951.

Que era o lamaísmo? Para uma idéia da amplitude e da profundidade sócio-cultural do lamaísmo, considere-se que em

uma população de pouco mais de cinco milhões de habitantes, em 1920, havia quatrocentos mil monges, distribuídos por cinco mil mosteiros ou lamaserias. Desse total, nove décimos pertenciam à seita dos Gelug-Pa, além dos eremitas solitários, vivendo em grutas nos flancos das montanhas e casas de madeira, perdidas nos vales. Esse grande efetivo monacal decorria do costume secular de cada família pobre entregar aos mosteiros um ou dois filhos, quando estes chegavam aos nove anos de idade. E, quisessem ou não quisessem, esses seminaristas seriam depois noviços e depois lamas. Nos mosteiros, o menino era entregue a um parente já monge, ou a um tutor que lhe daria a educação espiritual necessária. Enquanto não recebesse ordens maiores, dava-se ao seminarista e ao noviço o nome de Drapa.

Na comunidade monacal não havia preconceitos sociais. Qualquer monge podia ascender aos cargos de direção Ou de chefia. Nenhum dos monges possuía quaisquer bens.

E, no tocante à hierarquia, somente a existência dos Trukuls (budas vivos), estabelecia uma preeminência. A qualidade de buda vivo era inata. Dois ou três anos depois do falecimento de um buda vivo, o tesoureiro da lamaseria consultava um astrólogo ou um oráculo a respeito do lugar do nascimento do novo trukul da lamaseria ou do mosteiro. (A palavra trukul significa "corpo fantasma" por isso que o organismo físico do lama chefe do mosteiro ou lamaseria é um fantasma em relação à entidade do buda). Essa consulta ocorria, se o buda vivo anterior não tivesse dado indicações, quanto à família e local onde ele renasceria.

Uma caravana de monges dirigia-se ao lugar, onde teria renascido o buda. Procediam ao exame do corpo do menino e se descobrissem nele os sinais característicos de um buda, o menino seria levado em procissão ao mosteiro e lá entronizado, solenemente.

O "buda vivo" de cada mosteiro é a cópia, em ponto menor, do Dalai- Lama (cujo nome significa "mestre imenso como o oceano"). Isso é tradição que vem desde os tempos da reforma feita por Tsong-Khapa, que organizou e prestigiou os monges do barrete amarelo. Até aquela época, não se aplicava à sucessão dos abades o princípio da reencarnação. Mas, em 1475, ao morrer

Gedun-dup, sobrinho de Tsong Khapa, chefe da ordem dos barretes amarelos, primeiro Grande Lama, o seu sucessor Gedun Gyatso foi considerado sua reencarnação.

Desde então firmou-se a crença na reencarnação dos abades. Admitiu-se até que o próprio Tsong Khapa f-ora uma das reencarnações de A valokitesvara ou Tchengreei, o Diani Bodisatva, criador do mundo fenomênico. O terceiro Grande Lama da seita Gelug-Pa (barrete amarelo) converteu um Príncipe mongol: Altan-Khan, Este concedeu-lhe o título Dalai, significando "oceano de sabedoria".

Até o meado do século XVII, o poderio dos barretes amarelos - Gelug-Pa, não dispunha de apoio político exterior, de monarcas chineses e mongóis, sendo até hostilizado pelos barões da província de Tsang, próxima de Lhassa. Mas, em 1635, o Dalai Ngawang Lobsang Gyatso, o Grande Quinto, apoiando-se nos Mongóis, dominou os insubordinados de Tsang e estendeu sua soberania por todo o Tibete (1640). Foi nesse período que se iniciou a construção do enorme Potala e a civilização tibetana assumiu o aspecto que perdurou até o século atual.

A morte do "Grande Quinto" não foi divulgada pelo ministro Senge-Gyatso, que escolhera um sexto Dalai-Lama cujo reconhecimento foi demorado, talvez por motivos políticos. Este não se aplicava a estudos nem a mortificações. Preferia os versos, a música, a companhia da gente nova de ambos os sexos. Não receava mostrar-se ao lado de moças, no jardim que mandara arranjar no mosteiro. De quando em quando, saía furtivamente do Potala para reuniões em bordéis, na cidade. Não se desfez a memória dos seus versos amorosos:

"Vi umas jovens sorrirem,
Mostrando seus alvos dentes.
Uma deu-me o seu olhar,
Entre as demais sorridentes.
Feiticeiras de um rapaz,
Dizei-me também, jurando,
Se de fato existe ou não
Amor em vosso coração".

A fim de acalmar os ânimos excitados pelos barretes vermelhos, opositoristas e puritanos, o Dalai-Lama Tsang Yang dispôs-se a renunciar. Mas, isso não seria solução satisfatória. Qual seria a situação de Tcheng-re-zi? Somente o homicídio possibilitaria à divindade libertar-se daquele trukul indigno da sua santidade. A ida do Dalai-Lama para a China, a fim de livrar-se dos inimigos, possibilitou o seu desaparecimento no - caminho. Segundo a tradição popular, Tsang Yang não foi morto, durante a viagem, pelos soldados da sua escolta. Conseguiu livrar-se deles e viver na China, escondido, durante anos, até que se volatilizou o seu corpo.

O caso do galante Tsang Yang apenas exemplificou a situação do Dalai-Lama, prisioneiro das estruturas religiosas e políticas do Tibete. Durante os séculos XVIII e XIX, o país esteve sob vigilância chinesa. O representante do Celeste Império mantinha-se atento à proclamação de um novo Dalai-Lama, quatro dos quais, no período de 1805 a 1874, morreram misteriosamente quando atingiram a maioridade.

Como se processava a sucessão dos Dalai-Lamas? Segundo a doutrina, não havia sucessão. O que ocorria era a passagem da mesma entidade espiritual, o Bodisatva Avalokitesvara, (Tcheng-re-zi em tibetano), de um trukul (corpo fantasma) para outro corpo fantasma. Nesse processo de renascimento, prevaleciam crenças budistas e outras, tradicionais, indígenas, tibetanas. Acreditava-se que, ao sair do corpo físico, "ao subir Tchong-re-zi, honrosamente, com o seu corpo espiritual, ao Paraíso" ele dirigia-se a uma matriz entrando em um óvulo fecundado ou em um feto. Mas, isso não ocorria logo após o falecimento do Dalai-Lama. Às vezes, decorriam até dois anos para se efetuar esse regresso do deus a tal condição material.

Enquanto isso, os lamas do Potala cogitavam da vinda do novo Dalai-Lama. Recorriam ao oráculo do Estado, então residente no mosteiro de Nechung, seis quilômetros distante da cidade de Lhasa. A resposta do oráculo, entretanto, não resolveria o problema, inteiramente. As pesquisas eram demoradas, cautelosas. No ano de 1878, o menino foi encontrado, graças ao sonho de um lama do mosteiro de Gyu. Esse lama vira em sonho uma casa, à margem do lago Chôkor-gye tendo ao lado um

pessegueiro florido. Dentro da casa, estava uma mulher com uma criança nos braços.

Mas antes do reconhecimento do novo trukul, eram necessárias algumas provas. Ora, aquele Bodisatva era representado com quatro braços. Para ser urna reencarnação da divindade, o menino teria de apresentar quatro protuberâncias carnosas, nas clavículas ou nas omoplatas. As orelhas deveriam ser mais compridas (indício de sabedoria), do que as normais. Nas palmas das mãos, deveria haver linhas formando o desenho de uma concha. No caso do menino possuir todos esses sinais, procediam a outra prova. Ele teria de reconhecer vários objetos de seu uso pessoal na última encarnação. Quase sempre esses objetos eram um rosário, um pequeno tambor, urna campainha, um lenço, uma taça para beber chá, além de outros a critério dos lamas. Depois das provas e da confirmação dada pelo oráculo, declarava-se o menino um novo trukul de Tcheng-re-zi.

O menino era levado e instalado em um apartamento do Potala. O pai e a mãe ocupavam outras peças do edifício. Mas, à medida que decorria o tempo, eles iam sendo afastados do filho. O penúltimo Dalai-Lama chamou-se Lhama Dhondup, nome substituído pelos seguintes epítetos: "O Sagrado", "A Glória Eterna", "O Poderoso na Linguagem", "O Intelecto Excelente", "A Sabedoria Perfeita", "O Conhecedor da Doutrina", "O Oceano de Sabedoria", que é enfim o significado da palavra Dalai.

Uma cerimônia pomposa consagrava a investidura do novo Grande Lama. Compareciam os Ministros de Estado (três leigos e um lama), o Regente, também intitulado "rei", os abades dos grandes mosteiros, os ascetas, os grandes dignitários, os chefes das principais famílias, as representações de potências estrangeiras. Levantado nos braços dos lamas oficiantes, o menino sentava-se no trono. Prosternavam-se todos diante dele, que, durante horas, distribuía bênçãos, individualmente. Assim foi, em 1940, com o último Dalai-Lama, que tinha então quatro anos de idade.

Depois dessa investidura, começava a sua instrução. Não lhe faltavam companheiros, meninos como ele, seminaristas no mosteiro. Praticava jogos esportivos. Mas, por outro lado, devia ir

habitualmente às longas horas de estudo, de meditação, de penitência, além do comparecimento a cerimônias públicas. Também não lhe faltava ao lado o Camareiro-chefe, o mestre que provava os alimentos. Acompanhava-o o Capelão da Corte pontifícia, que apresentava as oferendas às divindades, durante os sacrifícios rituais. E dispunha de um bibliotecário. Aprendia a ler, a escrever, cálculos aritméticos, e outras matérias relativas à administração pública. Além desses estudos leigos, era indispensável à leitura e o comentário dos 108 (cento e oito) volumes da literatura sagrada, coleção de livros intitulada o Kangyur, incluindo-se nesse currículo teológico os escritos de Tsong Khapa.

A sucessão, digamos apostólica, fundamentada no princípio da reencarnação passou a ser adotada em outros mosteiros, entre os quais o de Tashilumpo, cujo abade intitulava-se Ponchen-Lama. Depois do Dalai, o Ponchen era o personagem mais importante na vida espiritual do Tibete. Isso se explicava por ser o Dalai-Lama o trukul, a forma física assumida pelo Bodisatva Avalokitesvara, Tcsheng-re-zi, segundo a denominação tibetana. No Ponchen-Lama encarnava-se o Diani Buda Amitaba. Na realidade, o Dalai Lama era o chefe do poder temporal e insistia com o Ponchen para que este não interviesse em assuntos políticos do Tibete. A rivalidade latente exprimia-se na anglofilia do Dalai-Lama, ao passo que o Panchen era amigo dos chineses. O último faleceu em 1935.

Mas, além dos dois maiores, outros Bodisatvas vivos dirigiam mosteiros. Até 1955, havia mesmo uma mulher em quem se encarnava Pal-den Lha-mo (a Deusa gloriosa). Essa deusa é uma das Oito Terríveis divindades. Em sânscrito o seu nome significa: a Tartaruga Adamantina.

Iniciei esta introdução, referindo-me ao Kar-Gyu-Gompa, no desfiladeiro de Natu-la. Se eu seguisse por outro caminho, veria em meu percurso vários chorten e mendangs. Já descrevi o chorten; O mendong é uma parede sagrada, uma espécie de columbário, onde se conservam cinzas de lamas, guardam-se antigos objetos litúrgicos, relíquias, escritos. Nessas paredes, incrustam-se lajes com figuras esculpidas das divindades mais populares: os Budas Amitaba, Akshobya, Avalokitesvara,

Manjuçri, os Manushi, Sáquia Muni, Maitreia, além de outras terríficas dos ritos tântricos, masculinas e femininas, Vajrapani, Vajra-varahi, Lêem-se centenas de inscrições, em cores vivas da frase OM MANI PADME HUM, da qual é transcrição literal em caracteres tibetanos:



OM! MANI PADME HUM! Ó Jóia no lótus, assim seja!

O mosteiro Dung-Kar pertencia à seita dos barretes amarelos e tinha as paredes recobertas de afrescos, em que se representavam os Quatro Reis das Direções do Espaço e os dois protetores Vajrapani e Hayagriva de aspecto terrível. Os Quatro Reis (Gyalchen deshi), entidades místicas, foram sempre companheiras de Buda, segundo os mais antigos documentos. Os tibetanos representavam-nos como segue: Kuvera (Norte), de cor amarela, tem na mão direita um estandarte e na esquerda um mangusto; Virudhak (Sul) é de cor azul ou verde e empunha uma espada, usando uma pele de elefante sobre a cabeça; Dhritarashtra (Este) é branco e toca um lute; Virupaksha (Oeste) é vermelho e tem na mão direita a miniatura de um chôrten. O templo do mosteiro era vasto, sombrio, impressionante. Nos fundos, viam-se grandes estátuas douradas: a do Senhor Maitreia e a de Tsong Khapa. Os grandes afrescos exibiam-se nas paredes. Em um deles, figuravam-se os Chō-Kyong (Protetores da fé), monstruosos; terríficas, mas paladinos do Bem.

Em outros afrescos, apareciam os Chō-Kyong da seita daquele mosteiro. Um deles Dü-kor (a Roda do Tempo), de cor azul-escura com vinte e quatro braços e três cabeças. A sua Shakti (deusa sua companheira) tinha oito braços. Outras divindades estavam nos vários afrescos, sendo: Dem-chog (Grande felicidade) com doze braços e a Shakti nua, enfeitada de jóias; Dorje-chi-che (Raio terrífico) com dezesseis pernas, trinta e quatro braços, nove cabeças, abraçando a sua Shakti, que

segurava na mão esquerda um crânio sangrento. No centro da floresta de braços, colares de crânios, animais, pernas, órgãos sexuais, uma cabeça de touro com cabelos chamejantes e na testa aberto o terceiro olho, o da sabedoria mística.

Análogos aos murais do mosteiro Dung-Kar eram os dos demais mosteiros tibetanos, figurativos de divindades terrificantes, alguns eróticos, mas todos expressivos de crenças oriundas dos textos tântricos. A figuração dessas divindades reflete o folclore do Tibete, o qual Tsong Khapa não conseguiu anular.

Os quatrocentos mil monges, que viviam nos mosteiros do Tibete, em 1950, justificariam a pergunta: que é o lamaísmo? O lamaísmo designa um complexo cultural, cuja forma imediata é a preponderância dos mosteiros no estilo da vida social, política, religiosa, econômica daquele país. Cada monge era respeitado, quase venerado pelo povo. As autoridades, desde os Ministros de Estado e os Conselheiros até os simples funcionários reverenciavam os lamas. Este termo significa "mestre", pois desde a vinda dos primeiros missionários budistas para a catequese dos tibetanos, no século IX, foram sendo os monges preparados e educados para o ensino e a divulgação da doutrina do Mahaiana.

Essa instituição monacal entretanto carecia de unidade, digamos, pragmática. Dividia-se em seitas e sub-seitas, que se distinguiam da seguinte maneira:

1 - veneração particular, especial, de uma divindade principal, que tanto seria Adi-Buda, Tchong-re-zi, Maitreia, ou um Bodisatva;

2 - método de aquisição do conhecimento, como a do ensino "cochichado", ou seja a da transmissão oral, que era a denominada Chagyuba;

3 - grau de habilitação, exigido dos que tivessem de exercer o ensino segundo um dos métodos adotados para o desenvolvimento do discípulo;

4 - sistema ou método de aquisição da visão mística ou espiritual;

5 - adoção de princípios do Tantra, para a aquisição de siddhis (faculdades psíquicas);

6 - adoção de uma divindade protetora da comunidade, tomada ao panteão indiano, Siva, por exemplo.

A divindade principal dos barrete- amarelos é Vajradhara, aquele que atira os raios. A sua inspiração é dada pelo Senhor Maitreia. A doutrina mística estava compendiada no LAM RIM (Caminho agradável) comentado por Tsong Khapa e no manual tântrico Rgya-ch'en-sprod.

Uma comunidade monacal fundada por Marpa foi a dos Kargyu (seguidores das ordens sucessivas). Esses Kar-Gyu eram anacoretas, viviam em grutas, em casas isoladas, nos vales e sopés das montanhas. O seu guardião denominava-se Barnag (o Senhor do manto preto). Eles tinham um "X" na testa para indicar que meditavam com as pernas cruzadas.

Os Kar-Gyu dividiam-se nas seguintes sub-seitas: Dikung-Pa, Tolung-Pa, Dug-Pa, cada uma com sua forma própria de ascese e adorando uma deidade indígena.

Além dessas, a comunidade do grande mosteiro do Sas-kia adota a Gambhira darsana (Doutrina do caminho profundo).

E quais as categorias dos lamas, pelo menos na comunidade dos barretes amarelos? Eram as seguintes:

Da-pe - menino no início do curso dos mosteiros:

Getsul - noviço que recebia a ordem menor, denominada "saída da casa paterna", e prometia obediência a trinta e seis preceitos. Esse noviço, também chamado drapa, já podia participar das cerimônias religiosas.

Ge-long - Lama já ordenado com vinte e cinco anos de idade e submetido à obediência a duzentos e cinquenta e três preceitos.

K'un-po - Abade de mosteiro.

Os anacoretas, no Tibete, eram quase todos lamas egressos de um gompa, monges insatisfeitos com o método rotineiro para a aquisição de conhecimento adotado nos seus mosteiros. Saíam à procura de um mestre, um guru solitário ou alguma pequena comunidade monacal, onde fosse iniciado e adquirisse conhecimentos não somente especulativos, teóricos, mas também práticos.

O ensino em tais condições era de cunho individual e intuitivo. O método tradicional era o do exercício espontâneo das faculdades espirituais. O guru desempenhava a função de vigilante, monitor, deixando ao discípulo a busca e o desempenho do exercício.

Para começar um curso iniciático, procedia-se a uma cerimônia especial, durante a qual seria conferido ao candidato um *angkur*, um poder ou faculdade particular. Para a cerimônia preparava-se um *kylkor* (círculo mágico) em que influiriam divindades tutelares, lamas antepassados espirituais do guru. O preparo do *kylkor* precedia a cerimônia do *ungkur*. Eram vários os ritos do cerimonial do *angkur*, sendo que quatro desses ritos levavam à maturidade. Neles, desempenhavam função importante o *kylkor* e o *mandala*. Embora semelhantes quanto à função, o *kylkor* parecia mais atuante, psiquicamente, do que o *mandala*.

Para o *angkur* "ativo" além do *kylkor*, em que se realizava a fusão de energias psíquicas, utilizava-se o *mandala*, tábua de madeira, quadrada, cujos lados tinham a extensão do antebraço do lama, desde o cotovelo até a ponta do dedo médio. A superfície devia ser tão lisa quanto a de um espelho. Os traços eram de cinco cores: branco, amarelo, verde, vermelho, azul. Nos quatro cantos, desenhava-se uma porta, no meio da qual em um disco azul figurava-se um lótus de oito pétalas. Em torno desse desenho simbólico, traçavam-se quatro linhas (barreiras), com as seguintes cores: branco ao oriente, amarelo ao sul, vermelho ao oeste, verde ao norte. Na superfície interna do *mandala*, colocavam-se várias ofertas. Além das barreiras desenhadas, formavam-se outras com cinco vasos de forma especial, onde se escreviam as sílabas AUM - AUM. Cada vaso continha uma mistura de água limpa e de leite com cinco espécies de sementes, cinco espécies de ervas medicinais, cinco espécies de perfumes, os três brancos (creme, queijo, manteiga), os três doces (açúcar,

melaço e mel). Amarram-se aos cinco vasos, cinco flechas, cinco espelinhos, cinco pedaços de cristal de rocha, cinco pedaços de pano de seda de cor diferente, cinco imagens em miniatura de cinco Budas, e dentro dos jarros colocavam-se cinco penas de pavão. Em uma taça, imitação de um crânio humano, havia um líquido, chá preto ou aguardente de algum cereal, bebido em substituição ao licor da imortalidade (amrita).

Um punhal mágico colocava-se junto de cada urna das portas desenhadas no mandala, além de quatro punhais de lâmina curva, fincados na tábua do manda/a. Bolos e mais presentes dispunham-se no âmbito do mandala, sobre o qual abria-se um pátio, rodeado de cilindros de papel coloridos, giratórios.

Isso era apenas o suporte material e simbólico do ato de transmissão de poderes ao discípulo. Variavam, aliás, os ritos do *angkur*, relacionados com os diferentes tipos e graus de vida ascética entre os quais se incluía o da vida inativa.

Segundo as concepções religiosas e metafísicas dos tibetanos, não há fronteiras demarcadas entre o mundo físico e o hiperfísico, psíquico ou espiritual. Os ritos iniciáticos denunciavam a convicção religiosa do tibetano, que se sentia submetido a forças que somente a ascese poderia dominar. Sem dúvida, o Budismo do Mahaiana era o fundamento intelectual da fé religiosa do homem do Tibete. Mas, esse Budismo estava impregnado da magia do Tantra e dos resíduos do Bon Po. O lamaísmo era assim instrumento de um sincretismo em que se combinavam convicções fideístas e práticas mágicas. Daí a dificuldade na elucidação do fato religioso tibetano e os equívocos de viajantes e observadores europeus, na interpretação dos ritos religiosos no Tibete. Demonstra-o a utilização do mandala no *angkur*, de cunho nitidamente tântrico.

A palavra sânscrita Tantra significa "trama" e designa também livros em que se lêem ensinamentos religiosos, hinos, preces, receitas; textos em que há analogia com muitos hinos do ATARVA VEDA, tudo relacionado com uma doutrina que só se revelava a postulantes submetidos a provas, impostas pelos brâmanes ou pelos monges e lamas.

Os Tantras expõem um ritualismo com linguagem figurada, gestos, mudras -, mandalas, yantras, processos mágicos que se supõem infalíveis para o domínio de energias naturais ocultas no organismo humano, cósmicas, entre elas a energia sexual nos seres humanos, masculinos e femininos. Nos Tantras, subentende-se um diálogo entre Siva e sua energia feminina, que se diz ser sua esposa, designada sob vários nomes, Sakti, Durga, e outros.

Uma concepção tipicamente tântrica é a de uma energia, emanada de um deus, que se incorpora em uma divindade feminina com a qual o deus pratica a união genital. Essa união, por exemplo, de Siva e de Sakti, (no Tibete, Dorje-chi-che e Sakti), tem sido objeto de várias interpretações. A mais aceita é aquela em que o deus representa Karuna (a compaixão), e a deusa simboliza Prajna, a gnose, o conhecimento perfeito. No Tantra tibetano, os deuses benéficos assumem feições e formas terríficas, a fim de combaterem e vencerem forças maléficas.

Esse aspecto terrífico - tro-wo, era apenas um aspecto do outro aspecto, o benéfico, pacífico, do mesmo deus, o aspecto shi-wo,

Nos autos sacramentais, representados nos pátios externos dos mosteiros, os lamas, vestidos de roupas especiais, encobriam o rosto com as máscaras terríficas desses deuses.

As escrituras budistas, no Tibete, estão compiladas no KANGYUR, coleção de cento e oito volumes. Além dessa coleção, há os "Comentários", TANGYUR, que se estendem por duzentos e vinte e cinco volumes. Não somente essas obras constituíam o acervo cultural do Tibete. Em algumas lamaserias afastadas, escondiam-se livros de que nenhum visitante estrangeiro tinha notícia. Durante séculos, esses volumes foram lidos e meditados por gerações de lamas.

E ainda nas vésperas da invasão dos chineses de Mao Tse- Tung, à noite, em uma sala de mosteiro, centenas de vezes guturais recitavam frases copiadas das páginas de tais volumes secretos, entre nuvens de incenso e à luz amarela, imóvel, de lamparinas alimentadas de manteiga. Executavam-se ali, de quando em

quando, ritos da feitiçaria do Bon PO, da magia branca ou negra dos barretes vermelhos, ou praticava-se o ioga dos barretes amarelos.

Nos eremitérios, grutas e casas de madeira isoladas nos vales circundados de geleiras, os lamas praticavam o que se poderia denominar "esoterismo prático". O saber desse monge possibilitava-lhe "viver" o seu psiquismo, sem nenhum dano à normalidade da vida psíquica. Para ele, a posse dos siddhis não exigia a renúncia às funções do ente físico. Espiritualismo significava técnica. Eram homens libertos de emoções, de afetos, de sentimentalidade, embora jamais se negassem a atender às súplicas dos que lhes pedissem auxílio. Assim, para aqueles homens solitários, simples nas suas maneira de viver e de conviver, na sua jovialidade, jamais demonstrando tristeza, a projeção à distância da imagem do seu corpo físico valia pela aplicação de conhecimentos que adquirira, sem cogitar de espiritualidade, à maneira dos ocidentais.

Um daqueles lamas eremitas já explicou a um viajante europeu os fundamentos do ocultismo tibetano:

"O nosso conhecimento resulta de milhares de anos de pesquisas e de experiências. Uma grande parte desse conhecimento está em livros como o PRAJNA PARAMITA em manuais técnicos, o CAMINHO SUPREMO DE GAMPORA o RESUMO DO GRANDE SÍMBOLO. Mas, o núcleo do nosso conhecimento é segredo dos nossos gurus, que o transmitem, oral e diretamente, a poucos discípulos".

No entanto, a aquisição dos recursos da técnica psíquica e apenas uma fase do processo da iluminação suprema. Deus tem de ser extraído do mundo material. Para nós, a aquisição dos recursos psíquicos é apenas uma fase no trabalho da realização da Verdade Suprema".

Tais declarações do lama definem o significado da ascese oriental. Os lamas do Tibete, os monges do Mahaiana ou do Hinaiana, os saniasins hindus que alcançaram a inteligência do processo de vida, no Universo, não são muitos mas possuem um conhecimento inefável, intraduzível, do qual os livros são apenas

uma interpretação tateante, imprecisa e quase sempre pouco eficiente. Instado por seu visitante, um lama declarou-lhe:

"Um verdadeiro mestre de ocultismo jamais toma a liberdade de exhibir, em público, os seus poderes. Não espere de mim que eu proceda como os inumeráveis faquires e pseudo-mágicos, que o senhor pode ter encontrado na Índia ou aqui no Tibete". E, confessa o viajante, "ao findar o que me comunicara, o Rinpotché levantou-se da sua cadeira e desapareceu," parecendo ter descido os degraus de madeira que conduziam à sala da lamaseria onde ele me recebeu. Em verdade, esses mestres possuem poderes que igualam os de Jesus Cristo, segundo a narrativa dos Evangelhos. Mas, poderíamos perguntar: por que se ocultam, afastam-se e não utilizam seus poderes em benefício das criaturas humanas? Não posso responder".

Neste volume, lêem-se algumas traduções de textos da literatura lida pelos lamas no Tibete. Não são textos teológicos, mas, digamos, exemplares didáticos para uso dos leigos. Esses textos estão incluídos nos livros das duas enormes coleções já referidas, o KANGYUR e o TANGYUR, com um total de 333 volumes.

Quanto a mim, somente me cabe dizer que nesses poucos textos denuncia-se a maneira de pensar dos seus redatores, evidentemente lamas, que por isso mesmo deixam de mostrar muita coisa da vida, dos costumes, dos atos praticados pelos tibetanos leigos. Estes não são nem mais desenvolvidos moralmente nem inferiores, do ponto de vista ético, aos ocidentais. Alguns valores da cultura ocidental são inexpressivos ou inexistentes para eles. Cite-se como exemplo o tabu do sexo, cultivado pelo Cristianismo. Os tibetanos não lhe dão a importância que esse tabu tem para o cristão. Para eles, o sexo reduz-se à função fisiológica, nada mais. No plano do matrimônio, praticam ainda a poliandria na classe elevada, a poligamia, quando as circunstâncias o permitem, ou a simples monogamia.

O seu direito penal, entretanto, até a vinda dos chineses, era duro. Os crimes contra a vida e a propriedade puniam-se exemplarmente.

Creio desnecessário prosseguir em uma introdução, cuja leitura não proporciona o prazer que se sente quando nos aproximamos da personalidade de um Milarepa, através dos seus versos e do incidente provocado pelos demônios, na gruta em que morava esse eremita.

OM! MANI PADME HUM!

Raul Xavier

1973

Textos Sagrados do Tibete – Fragmentos

Bardo Thos Tol

Nota:

O Bardo Thös Tol, que significa "aquilo cuja audição liberta a alma da situação em que ela se encontra, entre a morte e o renascimento", é um conjunto de textos em cuja leitura se apoiava o rito propiciatório em auxílio das almas dos mortos. Segundo 'Os tibetanos, a criatura mesmo depois da morte não deixa de ser um corpo complexo de consciências, embora sutil, que eles denominam de Namshés, com sua percepção interna exercida por um órgão denominado Anta Karana. No momento da morte; quando Namshés se desliga do corpo físico, ele entra no Bardo, que não é um lugar, mas uma espécie de sonho: a alma tem uma série de visões que são o reflexo de suas próprias ações na terra, boas ou más, e que a fazem sofrer terrivelmente. Apenas a compreensão da natureza ilusória destas impressões libertará o Namshés e restituir-lhe-á a Bem-aventurança. Daí a elaboração do BARDO THOS TOL pelos lamas: sua finalidade é a de convencer o Namshés da irreabilidade do Bardo e a seguir as advertências e instruções do mestre oficiante, facilitando à alma, através de PO-WA (transferência), a sua penetração num svarga, plano paradisíaco onde permanecerá até o seu futuro regresso à Terra.

Recebeste o ensino de um sábio guru, iniciado no ministério do Bardo?

Se recebeste, não o esqueças e nem te distraias com outros pensamentos.

Se for o mestre espiritual do moribundo ou do morto, deve dizer:

Eu te transmiti o profundo ensinamento que recebi do meu mestre e, por seu intermédio, da longa linhagem dos gurus iniciados.

Não esqueças, não te deixes distrair por outros pensamentos. Conserva firmemente o espírito lúcido.

Se estiveres sofrendo, não te deixes absorver na sensação do teu sofrimento. Se estás sentindo um torpor repousante, não te engolfes em uma calma obscuridade, um enleio tranquilizante, Não te entregues a isso. Permanece alerta.

As consciências conhecidas como (aqui o oficiante pronuncia o nome do moribundo), tendem a se dissipar. Mantém-nas unidas pela força do Yid kyi nam - par shespa.

Tuas consciências separam-se do teu corpo, vão entrar no Bardo.

Dirige um apelo à tua energia, para vê-las passarem pelo umbral com teu pleno conhecimento.

Vai aparecer e envolver-te o clarão fulgurante da Luz incolor e vazia, mais veloz do que o relâmpago.

Não tenhas medo, não recues, não desmaies.

Mergulha nessa luz.

Rejeitando a crença em um ego, qualquer apego à tua ilusória personalidade, dissolve o Não-Ser no Ser e liberta-te.

São poucos aqueles que, incapazes de atingir a Libertação, no decurso da sua existência, alcançam-na neste momento, tão fugaz que se pode dizer "sem duração". Os demais, pelo efeito do temor sentido como choque mortal, desmaiam.

No momento em que o moribundo exala o último suspiro, se o lama que o assiste já está habituado e dispõe do necessário poder, dirá três vezes Hick e depois uma só vez Phet.

E continua (pronunciando o nome do moribundo)

Estás despertando como se tivesses estado dormindo.

Deixaste o corpo que animavas. Olha: ele jaz inerte.
Não deves sentir saudade. Não deves sentir apego.

Não te demores ao lado daqueles que foram teus parentes e amigos.
Não insistas em lhes falar.

Tua voz não tem sonoridade. Eles não te ouvem.

Não te demores em andar pelos campos, em mirar os objetos que te pertenceram. Não podes movê-los. Não podes levá-los contigo. Tu deixaste-os. Eles te deixaram.

Não insistas em renovar os teus laços. Abandona-os.

Estiveste sonhando com formas inconsistentes. Como não pudeste agarrar a Liberdade, no momento em que surgiu a Luz Realidade, continuarás com os sonhos agradáveis ou penosos. Mas não faltarão as ocasiões de adquirires o conhecimento. Sê vigilante, alerta.

Agora, compreende: cada uma das consciências que, reunidas, formam a tua pessoa, com base no corpo físico, que vai dissolver-se, continuará sua atividade própria, até esgotar-se a energia engendrada pelos atos passados, que a mantém ativa. É mediante essa atividade, que passa do teu corpo material ao teu mental, que surgem as visões em torno de ti. Pelos teus olhos, vem a consciência das formas e das cores. Por isso, vês formas e cores. Pelos teus ouvidos, vem a consciência dos sons e portanto ouves os sons. Pelo teu nariz, vem a consciência dos odores e por isso tu sentes os cheiros. Por tua língua, possuis a consciência dos sabores e assim tu sentes os gostos. Por teu corpo, veio à

consciência das sensações e por isso possuis o tato. O teu espírito elaborou ideias, oriundas dessas consciências, por isso tens ideias.

Fica sabendo que se trata de alucinações. Nenhum desses objetos é real. São produtos das atividades das tuas consciências anteriores.

Não te atemorizes. Não te apegues.

Olha-as, indiferente, sem aversão, sem desejo. Se em tua existência passada predominaram a paciência, os pensamentos e atos caritativos, os esforços na prática do. Bem, a tranquilidade de espírito; se no momento da tua morte formulaste votos de felicidade para todas as criaturas; se tuas aspirações se dirigiram aos Budas e Bodisatvas, desejando te aproximares deles e participar da sua ação benéfica; então os Budas e Bodisatvas te aparecerão, radiantes, em uma atmosfera azul claro, infinitamente luminosa.

Apesar da brandura e do poder, eles te intimidarão. Isso, talvez, porque apesar dos teus pensamentos e atividades virtuosas, tu não te assemelhaste à substância dos Budas e dos Bodisatvas.

Não cedas ao medo que sentires. Não te desvies.

Não penses em fugir.

Contempla calmo a visão que se apresenta. Acalma o teu medo.

Não cedas ao desejo.

Confia em Vairochana, aquele que ilumina. Confia no imortal Dodji Semspa. Pela virtude da sua essência, podes obter agora a Libertação.

Mas tua atividade mental e material também manifestou-se por pensamentos de ódio, de inveja, por atos de má vontade, de maldade, causadores de dor às criaturas.

Alimentaste o desejo dos prazeres bestiais da luxúria, aos quais tu te entregaste. Tu te afastaste do conhecimento. Tu te sentiste satisfeito na torpeza e na ignorância. Agora estás rodeado das consciências ativas nessas esferas. Tu não as reconheces nas formas em que elas te aparecem e que tu mesmo lhes dás. Sentes então enorme terror.

Eis as formas das divindades irritadas dos guardiões do Umbral. Os seus inúmeros satélites rodeiam-nos. Têm formas animais, inexistentes no mundo de onde saíste. Envoltos em luz multicolor,

eles apresentam-se à tua frente ameaçadores, obstruindo a passagem. Ruídos estranhos aterrorizam. Elevam-se clamores. Vociferam vozes: "Bate! Bate! Mata! Mata!"

Assim ouves tais ruídos, pois as tuas atividades estúpidas fizeram-te surdo às verdades libertadoras que te são proclamadas.

Não cedas ao medo que se apoderar de ti. Resiste à confusão que perturba o teu espírito.

É irreal tudo quanto vês. Estás vendo o teu espírito cheio de pensamentos contraditórios.

Giram em torno de ti as divindades de formas aterradoras: Shindjé shedpo, Tamdrin, N am-pargyalwa, Dutsikyilwa. E também os Dakinis de faces irritadas com o agulhão, o laço, a corrente e a campainha.

Não tenhas medo. Não fujas.

Essas figuras aterradoras são o aspecto oposto das faces benignas dos Budas e dos Bodisatvas, que já contemplaste.

Elas emanam do teu próprio espírito, onde existem os seus dois aspectos.

Acham-se em ti as cinco sabedorias. Estão em ti os cinco peixes [da sabedoria].

Em verdade, emanem do teu coração as luzes, brilhantes ou pálidas, que parecem irradiações em tua direção. O que estás vendo é apenas o reflexo do conteúdo do teu espírito. Se surgir em ti essa compreensão, provocando um choque terrível, sentirás fragmentar-se o corpo etéreo, que ainda arrastas, e estarás liberto. No entanto, as faculdades de que usufruís, graças a esse corpo sutil, podem agravar a tua ilusão. Se desejares ir a um lugar qualquer, ainda que esteja no fim do mundo, lá estarás, imediatamente. Mas, não te utilizes desse poder para percorreres lugares onde já estiveste, em companhia de seres aos quais te impele a sede das sensações passadas.

Se não entendeste o sentido do que te foi ensinado, se não te utilizaste do conhecimento para te tornares livre, se ainda sentes desejo de existir com forma individual, tu não conseguirás fechar a grande abertura, extensa como um precipício, na ronda universal, onde são muitas as matrizes que podem te atrair.

Tu te arriskas a seguir um dos caminhos iluminados por uma luz pálida, parecendo amistosa e repousante para a tua vista que não tolerou o brilho das claridades radiosas, que surgiram em tua estrada.

Teus movimentos procedem da ilusão que ainda conservas, da realidade das imagens exteriores. Elas só existem dentro de ti, em teu apego ao complexo do teu "eu" e que se dispersará.

Entre os raios multicores da luz, que envolve a sarabanda das divindades, ululantes, ameaçadoras, inquietas em redor de ti, há um raio branco, fino, que se estende até o infinito.

Ele conduz à esfera dos deuses. Agarra-o, se puderes. Mas, se já repeliste o desejo da existência individual, na roda das existências, é melhor não o agarrares.

Os lugares felizes são irreais, transitórios, como as bolhas de água na superfície do oceano. Surgem em nosso espírito como vagas de sensações. Depois, desfazem-se e ressurgem em novas sensações instáveis, agradáveis ou penosas, sucessivas, segundo a incessante atividade de energias diversas e contraditórias. Se as tuas tendências para o bem levarem-te por esse caminho de claridades pálidas, tu gozarás do repouso aonde ele conduz por algum tempo. Se foste invejoso, ambicioso, violento, se os teus últimos pensamentos introduziram-te no Bardo com um corpo sutil impregnado de influências agressivas, tu te sentirás atraído por um caminho de luz verde. Resiste ao teu impulso. O raio verde conduz ao mundo dos Lha-ma-yins. Estes combatem sempre os Lha, esforçam-se por escalar o espaço que os separa do mundo da tranquilidade e da felicidade. Sempre vencidos, insistem sempre na escalada. Afasta-te, se puderes. Talvez sejas atraído pelo raio cor de ouro-pálido, que se estende ao infinito. Esse é o caminho para o mundo dos homens, o mundo de onde vieste. Aí o homem sente raras alegrias, seguidas de muitos sofrimentos: a doença, a perda de bens, o falecimento do parente, os males da velhice, a agonia da morte, que o empurra para o Bardo, antecâmara dos renascimentos. Relembra as vicissitudes em tuas numerosas existências, deixa de desejar novas sensações, o sonho no mundo dos entes humanos. Não te apegues. Coloca-te no vazio da não-atração, da não-aversão. No estado da perfeita imobilidade do

espírito. Quando o espírito estiver como o lago de águas sem a mínima ondulação, como o espelho perfeitamente polido, então a Realidade pode refletir-se nele. Se as tuas tendências à preguiça mental, à indiferença, alimentadas por tuas ações levaram-te a um raio azul-cinzentos, resiste, afasta-te, se possível. Ele conduz ao infeliz mundo dos animais, incapazes de alcançarem o conhecimento libertador. Resiste! Resiste! Mais um esforço! O raio vermelho-escuro que te atrai conduzirá ao pavoroso mundo dos Mi-ma-yins criaturas miseráveis e de formas horríveis, perpetuamente atormentadas por necessidades, que não podem ser satisfeitas por lhes faltarem os órgãos adequados. Lembra-te dos Budas, da sua Doutrina, dos Bodisatvas misericordiosos, do teu Deus tutelar e do teu sábio guru. As benéficas influências dos pensamentos que lhes são dirigidos poderão atenuar os efeitos de ações cometidas em existências anteriores, impedindo a tua entrada no caminho vermelho. Não longe de onde estás, vê-se um caminho escuro cheio de fumaça. É o que vai ter aos lugares onde predomina o sofrimento, o inferno, onde as permanências são muito longas, sendo rara a oportunidade da morte com um renascimento melhor. Evoca os Budas, os Bodisatvas. Lembra a irrealdade das visões que te aparecem, domina o teu espírito. Forma pensamentos caritativos para todos os seres. Não cedas ao temor. Os diversos raios-caminhos que viste emanam de ti. Eles e os mundos onde terminam só existem em ti. Expulsa os sentimentos de atração e de aversão. Permanece indiferente, calmo. Se estás sob o torpor mental a que te entregaste, durante a existência que deixaste há pouco; se estás entregue às ações maléficas que praticaste, sob o estímulo da ignorância e das tuas tendências más; se permaneces surdo a este ensinamento, desatento à fantasmagoria do Bardo, trata então agora de ouvir. Esse corpo sutil está impregnado dos teus desejos passados, sente uma sede ardente das sensações, cuja lembrança não cessa, sensações que agora não se renovam por lhes faltar um órgão. Tormento intolerável é o desejo de reencarnação. Esse desejo atormenta-te, sem saberes qual a sua natureza. Sentes esse desejo como sede ardente no caminho por um deserto. Vês adiante um chörten ou vários, agrupados. Vês uma ponte com telhado e desejas descansar, abrigado sob a cobertura da ponte. Mas surgem seres monstruosos. Alguns têm cabeça de animal e corpo humano. Outros são pássaros gigantes de asas com garras. Gritam, urram, agitam chicotes. Enquanto isso, sobrevém um

furacão. És impelido para a frente e os seres demoníacos te perseguem, Nesse caminho, verás templos, palácios de ouro e de prata, ornados de pedras preciosas. Entra neles, se puderes. Esses palácios e templos são simbólicos, o umbral do mundo dos deuses, onde há um nascimento milagroso e puro, no centro de um botão de lótus que se abre. Se impelido por tuas ações passadas, prossegues por esse caminho, encontrarás um bosque verdejante e agradável. Dos galhos das árvores pendem frutos apetitosos. Gostarias de colher um desses frutos para acalmar a tua sede. Não faças isso! A paisagem que te parece um bosque é a matriz por onde renascerás no agitado mundo dos guerreiros Lha-ma-yins. Atravessarás planuras cobertas de vegetação, seca e espinhenta. Afasta-te! São as matrizes para os seres miseráveis, perpetuamente famélicos. Verás grutas, cavernas, algumas de aspecto agradável, oferecendo abrigos repousantes, e outras poeirentas e sombrias. Não entres em nenhuma delas! As primeiras são matrizes do mundo animal. Por elas, nós renascemos cavalo, búfalo, cachorro, lobo, urso, ave, peixe ou com qualquer outra forma animal. As outras são as matrizes por onde há os renascimentos entre os seres atormentados nos mundos infernais.

Evita entrar aí!

Verás um lago ou um rio cujas margens são campos férteis ensolarados. Gostarias de te sentares na margem relvosa, acalmar a sede com a água cristalina. Essa paisagem é a matriz por onde se nasce no mundo dos homens.

Cuidado! Não cedas a esse desejo!

Mas o corpo de matéria sutil em que te encontras agora, está sendo alfinetado pelas lembranças das sensações carnis, às quais te entregaste durante tua existência terrestre.

Diante de ti, em redor de ti, animais e homens estão copulando. Sentes inveja.

Se as tuas tendências te levam a renascer macho, sentirás forte aversão aos machos que estás vendo. Se as tuas tendências te levam a renascer fêmea, sentirás forte aversão às fêmeas que estás vendo.

Não te aproximes desses casais, não tomes o lugar de um dos parceiros, seja de um macho, seja de uma fêmea, homem ou animal. Sentirias um desmaio e serias concebido em uma matriz como ser humano ou como animal.

Se te afastaste, chegaste ao fim do teu longo sonho do Bardo. Estás agora diante de Chin Djé, o Senhor dos Mortos.

É inútil mentires, dissimulares as más ações que praticaste. No espelho resplandecente do Juiz Supremo aparecem as formas de todas as tuas atividades mentais e físicas. Sendo assim, ouve ainda.

Quaisquer que sejam as formas vistas no Bardo, elas são imagens oníricas, irreais, constituídas por ti mesmo, e que projetas sem reconhecê-las como tuas criações e que te atemorizam.

O espelho em que Chin Djé parece estar vendo a tua personalidade é a tua memória, que te relembra a cadeia das tuas atividades passadas. Ele as julga, segundo as tuas concepções.

Segundo as tuas tendências, irás pronunciar tua sentença e designar este ou aquele renascimento.

Nenhum Deus terrível te impelirá. Tu mesmo decidirás. As formas dos seres terríveis, que tu vês agarrando-te, empurrando-te para um renascimento são aquelas formas de cuja força tu te revestes.

Sabe ainda:

Além das tuas alucinações, não há nem Senhor Juiz dos Mortos, nem deuses, nem demônios, nem o Vencedor da Morte, Djampal Shindjé gshéd (Yamantaka).

Compreende isso e estarás liberto!

Powa

Nota:

Po-wa significa "transferência" e designa o recitativo do Lama subsequente ao texto do Bardo Thös Tol. Tem por finalidade transferir a consciência do morto para um plano paradisíaco, um "svarga", onde o morto desfrutará logo a felicidade que somente usufruiria depois de liberto da ronda.

Esta é a maneira de praticar o Po-wa, sem necessidade de meditação. Este método profundo, resumido aqui, deve ser aprendido de um lama, que o revela, secretamente. Eu escrevi estas linhas de acordo com as palavras de Dordji Tchang (oceano de inteligência).

Há duas espécies de Po-wa, Uma praticada em benefício pessoal. Outra, em benefício dos mortos.

Antes do mais: isto pode ser considerado como instruções dadas por um lama, relativas ao método fácil de compreender para praticar *in extremis* a união com a realidade.

Também, qualquer que seja o lugar onde outrora ocorreu essa união, é necessário, quando conveniente à partida, assumir a personalidade do Yidam Jigsdjé.

Da letra Hum, fruto do espírito de Jigsdjé irritado, saem muitas e muitas letras. Estas se espalham para cima, para baixo, em todas as direções, formando uma tenda que envolve a morada do morto.

Os demônios que levam o espírito dos mortos ficam atados sob essa tenda, não podem fugir, e o cadáver vai ficar rodeado de deidades furiosas por todos os lados.

É assim que se deve ver as coisas em pensamento.

Impedidos de levar o espírito do morto, os demônios irritam-se em volta do corpo. É necessário queimar tsampa (farinha de cevada torrada) misturada com manteiga e ordenar-lhes: "Não façam mal às consciências e ide embora!"

Se eles teimarem em não ir embora, será necessário fazer surgir do coração do morto muitos towos e imaginar que estes expulsam os demônios até além do oceano.

Depois de recitar mantras sobre punhados de areia e grãos de mostarda, atirá-los fora.

Em seguida, imaginam-se diferentes formas úteis à libertação da irrealdade do samsara e para isso se recitam os diversos rituais relativos ao Bardo.

Então, o lama celebrante dirige-se ao defunto:
"Ouve com atenção!"

E invoca os lamas peritos na arte do Po-wa, que agora estão morando no Paraíso Ocidental da Grande Bem-aventurança e solicita-lhes a benção que permitirá efetuar-se a transferência com êxito.

As fórmulas dos pedidos, o lama deve dizê-las em nome do defunto e terminar com a interjeição Hick! Ao mesmo tempo, deve imaginar que o namshés do falecido projetou-se no espírito do Eud pag mêd (o Buda da luz infinita).

Enquanto não obtiver indício de êxito, repetirá ate vinte e uma vezes a interjeição Hick! Depois disso, o namshés projetado no Eud pag mêd sai e penetra em um botão de lótus. O lama oficiante no Po-wa concentra o pensamento no milagroso renascimento do namshés do defunto em um lótus, no Paraíso da Grande Bem-aventurança.

Em seguida, o lama diz Hick! e Fet! Destas duas interjeições a mais importante é Hick. Mediante a corrente suscitada por Hick o ar inferior já foi impelido para cima. É indispensável continuar a tensão, como se fosse o caso de distender um arco para disparar-se uma flecha. Hick é a flecha disparada sobre o espírito. Para isso será também necessária a profunda concentração de pensamento. Deve-se afinal repetir com firmeza de intenção, o desejo de um renascimento em Dewatchen.

O que se expôs até aqui é denominado o Po-wa que leva à iluminação sem o recurso à meditação.

A doutrina do Bardo deve ser exposta como se segue:

Tu, defunto, que te achas além deste mundo, estás morto, deixaste o teu corpo. Ainda não encontraste uma nova forma de existência?

Agora, tu te encontras no Bardo. Quem sabe disso?

Vão aparecer-te os efeitos das tuas diversas percepções, os objetos dos teus favores e dos teus temores. Isso indica que estás no Bardo.

Se o vento da terra aumentar, as montanhas serão planícies e a terra tremerá com muitos estrondos.

O vento da água, agitando o oceano, produzirá o rumor das vagas.

O vento do fogo, incendiando as florestas, produzirá o ruído das chamas.

O embate dos ventos opostos, em luta, produzirá o fragor do furacão.

Sendo todos os sons causadores de medo, também tu sentirás medo. Mas isso indica que estás no Bardo.

Tu te verás em terras desconhecidas. Verás maravilhas, que te darão prazer. Mas logo depois sentirás medo.

Aflito, deprimido, verás aparecerem sob várias formas, pessoas tuas conhecidas, inimigos ignorados, alguns prestimosos, outros malevolentes. Isso é sinal de que estás no Bardo.

O santo e sábio Ynien diz também em um dos seus livros: "Perceberás com o olho divino, a poderosa ilusão das coisas. Os teus sentidos, sem defeitos, funcionarão plenamente".

Dotado do olho divino, verás em qualquer lugar os seres que aí estiverem, sem seres visto por eles. Desejarás falar aos teus amigos, aos teus parentes, com os quais convivias, mas não obterás resposta. Outrora, quando querias viajar até uma terra distante, essa viagem era muito incômoda. Agora basta pensares e lá estarás. A causa disso é a força mágica das tuas ações anteriores. Isso é sinal de que te encontras no Bardo.

Em qualquer lugar onde estiveres, tuas faculdades sensoriais funcionarão bem, mas o teu corpo não projetará sombra.

A excelência ou mediocridade do lugar do teu renascimento, as qualidades próprias do teu novo estado são determinadas pela força das ações passadas.

Excetuando-se Dordji dén e outros templos perfeitamente habitados, podes atravessar, sem encontrar obstáculos, montanhas, edifícios e as mais duras rochas. Isso é sinal de que estás no Bardo.

Se fores renascer em mundos maus, descerás por uma rampa escarpada. Se fores renascer em mundos de felicidade, subirás por uma ladeira ruim. Se fores renascer em um dos infernos, verás tendas negras, troncos de árvore, calcinados, fumaça e água. Se fores renascer em um dos mundos da felicidade, verás ouro puro, tecidos brancos e um claro luar. Tudo isso verás claramente.

Se te aparecerem os presságios de um renascimento nos mundos da felicidade, isso é muito bom. Se te aparecerem os presságios de renascimento num mundo ruim, não tenhas medo.

Os seres que estão no Bardo assemelham-se a um barco na superfície das águas. É fácil mudar-lhes a direção. Se te sentires medroso, ante qualquer aparição, sabe desde já que isso se reduz a uma invenção do teu espírito. De fato, em tudo isso, não há um milésimo de verdade.

Não há motivo para temores, se alguém sonha que está sendo queimado, morrendo afogado, ou espancado pelos demônios.

Amigos, parentes, posses, tudo quanto te pertencia já não mais te pertence.

Também já te desfizeste de tudo isso.

Olha para tudo isso como se estivesses sonhando.

Não te apegues à coisa nenhuma.

Se continuares apegado a alguma coisa, não poderás libertar-te do mundo ruim onde reina Chin Djé, o rei da Morte.

O Romance do Bosque dos Lótus

Nota:

O Romance do Bosque dos Lótus é um texto laico redigido pelos lamas para ser lido pelos tibetanos. É característico da literatura profana com finalidade educativa do ponto de vista religioso.

Poderoso Djampal Yang, protege este livro!

Outrora, residia alguém em um lugar muito bonito, santificado pelas pisadas do iogue Padma Gyalpo. Aí morava a deusa Dolma Naldjorma. Esse local situava-se no alto de uma elevada montanha, chamada a Montanha dos Lótus. A montanha estava coberta de florestas e nela havia uma gruta de cristal de rocha, de uma alvura e de um brilho semelhantes ao da lua no alto do céu. Denominava-se a Caverna do Lótus Branco.

Um dia, vindo da Floresta das Flores, um jovem brâmane chamado. Padma Gyaípa veio morar nessa gruta. Ele possuía vastos conhecimentos, tinha visitado muitos lugares, sempre fora amigo de toda gente. Aprendera as regras das maneiras de viver bem, intituladas "Conduta sem defeito, semelhante ao lótus". Ele praticava-as na caverna de cristal, entregando-se à meditação.

Próximo à caverna, estava o Bosque dos Lótus, vizinho de uma floresta de grandes árvores e de uma vasta clareira, cujo solo, coberto de relva reluzente, parecia um espelho verde. No centro da clareira, abria-se um canteiro de lótus. Uns erguiam-se em hastes longas, outros abriam largas pétalas, os mais novos mal apareciam, na superfície do lago. Não faltavam os fechados, ainda em botão, os que tinham pétalas arrancadas, os que já estavam secando e os inteiramente desfolhados. Mas entre todos havia três, orgulho do jardim. Dois eram da espécie que tem a corola bem aberta e o terceiro, altivo, mostrava-se como flor perfeita.

Nenhuma abelha já sugara o néctar de um desses lótus. Mas pelo jardim vojavam enxames de abelhas, entre as quais havia um par que se distinguia das demais. O macho era pequeno e de cor dourada; chamava-se Padma Dag-yang (Pátala de lótus grande). A cor da fêmea era azul-turquesa. Chamava-se Padma Ngag-nyen (Belas palavras de lótus). Eram esposos.

A abelha dourada estava na flor da mocidade, possuía inteligência brilhante, coração generoso, era constante no amor e tinha um temperamento calmo. A abelha cor de turquesa era também generosa, benevolente, amável, piedosa, simples, verídica, sem malícia, não sendo nem curiosa, nem ciumenta. Os dois esposos amavam-se loucamente, falavam sempre de amor e sempre se olhavam com ternura.

Um dia, Padma Dag-yang disse à mulher:

"Minha bem-amada, teu corpo adorável, jovem, gracioso, poderia suscitar a inveja das deusas. Que artista poderia usar cores tão admiráveis como as da tua forma graciosa? Tua beleza, os prazeres de que nós dois gozamos aqui, resultam das nossas ações virtuosas em existências anteriores. Os tapetes de flores, o néctar das flores, com sabores diversos, como elixir de vida, todas estas delícias, nós não as obtivemos esforçando-nos agora, mas resultam de méritos acumulados em existências anteriores".

"Se estudarmos a Santa Doutrina, poderemos ver nossas existências semelhantes às dos seres humanos. Estes dispõem da palavra e do conhecimento universal. Entretanto, cometem más ações e não devemos invejá-los. Ó minha bem-amada encantadora! Peço-te atenção às minhas palavras. Este maravilhoso jardim, estas flores, estes enxames de abelhas, zumbindo quando voam, tudo isso dura pouco. Surgem acidentes, imprevistos, e altera-se a nossa condição. Enquanto isso, aproximam-se os mensageiros da morte".

"Passaremos toda nossa existência à procura de prazeres? Aquilo que desejamos, neste momento, carece de realidade. A busca dos objetivos materiais exige esforço contínuo. Nós não alcançaríamos todos os bens materiais que desejamos, ainda que nos esforçássemos por isso a vida inteira. E quando terminar a nossa existência, qual o nosso benefício? Qual a vantagem que oferece um jardim, se afinal teremos de deixá-lo? Ó minha bem-amada, vamos dedicar os nossos dias à religião. Que pensas? Não gostarias de adotar a vida religiosa?"

Atenta, a abelha cor de turquesa ouviu o esposo e respondeu:

- Querido bem-amado, em tuas palavras há raciocínio e sabedoria. Senhor do meu coração, tuas palavras são a própria verdade. Recebo os teus conselhos como se neles houvesse um elixir de imortalidade, vindo do céu. A vida feliz que nós, abelhas venturosas, gozamos neste jardim é o efeito de nossos atos caridosos em vidas anteriores.

"Mas esta felicidade não será eterna. A ronda impede a sua duração. Nossa beleza, nossa riqueza são ilusórias. Jamais estaremos satisfeitos, desejaremos sempre novo prazer. Em todo caso, antes de tomarmos uma resolução definitiva, devemos refletir".

Naquele tempo, um Dubtob, mago que obtivera tudo quanto desejara, morava naquela região. Era benevolente, pacífico e gostava de auxiliar todas as criaturas. Passando pelo jardim dos lótus, ouviu a conversa das duas abelhas e deteve os passos. Quando o viram Padma Dab-yang e Padma Ngag-nyen aproximaram-se dele e ajoelhando-se, pediram-lhe:

- Grande sábio, sede nosso mestre. Sois uma luz da Doutrina. Transmitem-nos vossos conhecimentos. Mostrai-nos o caminho dos Bodisatvas. Aceitai-nos como vossos discípulos.

Satisfeito com aquelas palavras, disse-lhes o Dubtob:

- Honra ao mais eminente entre os homens, ao Protetor do Deus dos deuses, ao incomparável Salvador e guia espiritual de todos os seres. Honra ao mais alto entre todos os Sáquias.

"Abelhas afortunadas, viestes ao meu encontro pelas forças oriundas de vossas ações passadas. Se desejais, sinceramente, viver segundo a Doutrina, ouvi com minhas palavras a essência da verdade".

"Durante toda a eternidade, as criaturas nas seis regiões estão perambulando na ronda, iludidas. Durante inúmeras idades, não ouviram o ensinamento dos Budas. Mas ouvir um Buda é tão raro quanto se ver uma estrela ao meio-dia. O Buda da era atual, o filho de Sudodana moveu três vezes a roda da lei. A sua influência há de durar cinco mil anos, ainda podemos entrar no caminho da sabedoria. Se não aproveitarmos do bom acolhimento que nos dispensar :m mestre capaz de instruir-nos, talvez não se ofereça outra vez uma ocasião semelhante".

"Ouçam! Os seres transviados na ilusão supõem permanentes os corpos efêmeros, compostos de elementos instáveis, vasos frágeis. Também é instável o seu princípio vital. Os prazeres são

transitórios. Nem vivem muito os grandes seres, os conquistadores espirituais. Nem os deuses. Até mesmo Brama será alcançado pelo braço da morte".

"Os seres assemelham-se aos animais no matadouro. Mas a morte não conduz ao nada. A ronda apanha-os outra vez e empurra-os a novas existências, aqui ou ali. Os que moram nos mundos dolorosos sofrem as torturas do calor ou do frio excessivos. Os Yidags são atormentados pela fome e pela sede. Os animais devoram-se uns aos outros. Os Lha-ma-yins estão perpetuamente em guerra. Os deuses sofrem da angústia causada pelo temor do fim da sua permanência nos lugares paradisíacos. A desgraça reina em toda parte e as criaturas parecem mergulhadas em um oceano de chamas".

"Tudo resulta da força das ações. As delícias nos mundos da bem-aventurança, as pavorosas misérias nas regiões infernais provêm das ações. Não têm nenhuma outra causa. Por isso, é necessário. um guia esclarecido, possuidor do mais alto conhecimento. Mas em nossa época não é fácil encontrá-lo. Sem ele, estareis como cegos! Cuidado com o guia a quem ireis recorrer!"

Ton Kun Drup abençoou as duas abelhas e afastou-se. Por onde passava, despertavam-se os bons desejos e pensamentos daqueles que o viam. Como a estrela de cauda varre o céu quando passa com os seus raios luminosos, assim o Dubtob à sua passagem deixava no ambiente uma sensação de felicidade. Andava rapidamente quase sem tocar o solo e chegou ao mosteiro chamado Migméen- Thiglai-Gompa.

Aí, sua forma humana transformou-se em uma massa de chamas. Depois, assim como o fogo se extingue quando se consome o combustível que o alimentava, assim apagaram-se as chamas e dissiparam-se os elementos materiais e espirituais de que se compunha a pessoa de Ton Kun Drup.

Durante algum tempo depois do encontro com o Dubtob, Dab-yang, a abelha dourada, e Ngag-nyen, a abelha cor de turquesa, sua esposa, esforçaram-se por meditar nas verdades expostas, moldando nelas a sua conduta.

Ora, um dia, Dab-yang voou muito alto.

Ngag-nyen agasalhara-se na corola de um lótus. De repente, formaram-se grossas nuvens negras, estendendo-se um véu

escuro entre o céu e a terra. Os lótus fecharam as corolas e Ngag-nyen não pôde sair da flor em que estava. Aterrorizada, sufocada pela pressão das pétalas em torno do seu corpo frágil, Ngag-nyen mal podia gritar. Por seu lado, Dab-yang, vendo o céu escurecer e estando distante da esposa, inquietou-se e desceu para o lago em voo rápido. Chegando ao lótus altivo, favorito de Ngag-nyen, encontrou-o fechado, parecendo uma pequena bola de onde saíam fracos gemidos.

Compreendeu que sua encantadora esposa estava presa na corola do lótus. Dab-yang girava, girava, dizendo:

- Que sorte terrível! Que fazer? Por que isso, assim de repente? Ú astro glorioso, que iluminas Q. mundo, percorrendo o céu imenso, que poder maléfico, de repente, escondeu a tua face? Que força maléfica cerrou essas mil corolas em um instante? Que é feito da minha querida? Que é feito da minha companheira, tão graciosa em suas asas diáfanas, abertas, no ar? Que é feito da minha amiga com seus cantos melodiosos, seus carinhos tão suaves? Que é feito da minha esposa com seu delicioso sorriso, seus olhos azuis como as turquesas, tão graciosa como as seis pernas delicadas?

"Onde está a metade do meu coração? Aparece Ngag-nyen, minha bem-amada, o coração do teu esposo está quase se rompendo. Nuvens negras cruéis! Quem atirou essa desgraça sobre nós, abelhas inocentes? Não podes abrir-te, lótus de mil pétalas? Tu, sol glorioso, benevolente, não podes afastar essas nuvens sombrias? Vem aquecer, iluminar a terra! Vento, não podes dispersar essas nuvens nefastas?"

"Se eu fosse homem! Mas, sou apenas uma abelha! Nenhum deus virá em meu auxílio."

N a sua prisão, Ngag-nyen ouvira os lamentos do esposo e chamou-o: "Dab-yang! Dab-yang!"
Ouvindo-a, o marido reanimou-se. A esposa ainda vivia. Para acalmá-lo, disse-lhe ela:

-Por que, de repente, quer o Rei da Morte levar-me? Todas as coisas de que gostávamos são agora nossas inimigas. Estas pétalas

macias tornaram-se pedras da minha prisão. O sumo açucarado transformou-se em ácido.

"Meu querido, bem nos disse o sábio Dubtob que tudo é transitório no mundo. Agora temos a prova dessa verdade. Gozávamos de uma felicidade semelhante à dos deuses e agora estou na fronteira do Reino dos mortos, tenho de fazer a longa e arriscada viagem através do Bardo. Vou embora e não lamento o meu corpo gracioso, minhas amigas as abelhas, este jardim perfumado, os prazeres que gozei contigo. Lamento, sim, deixar-te meu querido! Tu me foste sempre fiel, jamais me disseste uma palavra áspera."

Exclamou Dag-yang:

- Acalma-te, Ngag-nyen. Os males também passam. Estas nuvens negras vão desfazer-se. O sol voltará. Existem pessoas que devem conhecer os meios de vencer a escuridão. Nas cidades, nos locais onde 'há muitos rochedos, vivem os corvos de plumagem negra. Na sua voz há presságios, que se interpretam. Se eu consultasse um deles, talvez obtivesse um bom conselho. Nos beirais dos telhados dos altos edifícios, vivem muitos pardais. Não poderiam executar algum rito em nosso benefício? Nos poços, nos lagos, em muitos alagadiços, moram as rãs, embaixatrizes das serpentes divinas. Se eu lhes pedir um auxílio, acredito que não se negarão a ajudar-nos. Nos buracos, nos troncos ocos das árvores, residem as cobras terríveis, Diz-se que são as formas em que se encarnam os gênios maléficos das Águas; se lhes implorarmos proteção talvez desfaçam as nuvens. Nas montanhas, vivem as marmotas ascetas, sempre meditando. Diz-se que elas atingiram as profundezas do mais sublime ting gne dzin (êxtase) . Elas bem poderiam, pela força da sua concentração de pensamento, agir sobre as nuvens e dissolvê-las. Nas copas das arvores, estão empoleirados os cucos, suaves cantores, com a plumagem verde. São eles que chamam as nuvens cheias d'água, Se eu conseguisse comovê-los, as nuvens seriam dispersas. Nas agradáveis campinas relvadas do Norte, pastam os kyangs de boca branca, mensageiros dos deuses. Diz-se que eles possuem a pedra preciosa que atrai os raios do sol. Se nós lhes rogarmos, eles levantarão os queixos e zurrando farão um apelo aos deuses.

"Por toda parte, nos seus esconderijos, espreitando as vítimas, estão as assassinas de nove membros, encarnações dos espíritos maus. Se as consultarmos, talvez elas possam inventar um meio de afastar este perigo. Planando nas alturas do céu, pousando no cimo das montanhas, vê-se a águia de asas poderosas. Se lhe dirigirmos uma súplica, talvez ela faça alguma coisa por nós".

"Não pode haver infortúnio sem remédio. Não pode haver força funesta invencível. A vontade cria os meios de agir: A minha foi abatida, mas agora vai reagir."

E disse Dab-yang consigo mesmo: 'Vou procurar e acharei o meio de libertar Ngag-nyen'. E voou em busca de auxílio. Dirigindo-se ao corvo, este explicou-lhe:

- Os Nagast provocam as nuvens da tempestade e o kyong, comandante dos ventos, pode expulsá-las. Para isso, há vários recursos, No. entanto, a tempestade que parece aproximar-se não terá consequências graves.

O presidente da assembleia dos pardais declarou:

- O poder desta assembleia é igual ao das chamas fortes que podem reduzir a cinzas uma floresta. Ele julga insignificantes os acidentes, que se reduzem a farrapos de palha ao pé de árvores majestosas. Sede generoso em vossa oferta.

Convocou a assembleia e todos foram recitar preces litúrgicas. A rã falou:

- De fato, as nuvens escuras são produzidas pelos Nagas malfeitores. Estes podem dissipá-las, se lhes for dirigida uma prece.

E ela levantou o olhar para o espaço. Então disse a serpente:

- Foi a cobra capelo, o espírito das águas, irritado, que suscitou as nuvens escuras, carregadas de granizo. Posso desfazê-las. E logo começou a traçar no chão sinais misteriosos, enrolando-se e desenrolando-se.

Disse a marmota:

- O senhor veio interromper minha incessante meditação. No entanto, formulo meus votos favoráveis. Pode ter certeza de que não lhe acontecerá nenhum mal.

E o cuco declarou:

-. As nuvens que trazem chuvas obedecem aos deuses, vêm e vão, segundo lhes for ordenado. Os cucos azuis têm algum poder sobre a chuva. Vou tratar de lhe ser útil.

E começou a balançar-se nos galhos. O kyang afirmou:

-. Não vos enganastes, falando comigo. O lábio superior do kyang macho, solitário, de voz forte, é uma verdadeira joia mágica, realiza nossos desejos, É uma vassoura que limpa os céus, afastando os obstáculos.

E presunçoso, o kyang levantou o focinho e torceu o beijo superior.

A aranha alegou:

- É difícil limpar o céu, coberto de nuvens. Mas se você trouxer-me bastante carne e insetos, farei os ritos apropriados a esta situação.

E começou a tecer uma teia. Gabou-se a águia:

- Domino os Nagas. Alimento-me de serpentes e de rãs, que são o meu tesouro. Abrindo minhas garras, provoco os trovões e os relâmpagos. Vou combater os Nagas.

Abriu as asas e levantou voo,

Tenho ouvido tantas promessas consoladoras, feitas por aqueles animais distintos e afamados, Dab-yang reanimou-se. Apressou-se em regressar ao lago dos lótus, onde estava presa Ngag-nyen. Supôs que ela estaria livre logo. Mas enquanto ele estava enleado nessa esperança, as nuvens negras engrossavam e cobriam todo o céu, até os confins do horizonte.

Então roncou o trovão ameaçador e uma ventania gelada soprou do fundo do espaço, varrendo planícies, sacudindo florestas. As pétalas dos lótus fecharam-se mais. A abelha cor de turquesa sentiu-se mais comprimida. Ela gemia:

- Dab-yang! Dab-yang! Agora, tenho certeza de que vou morrer.

Os trovões aumentavam. Ngag-nyen não deixava de apelar:

- Dab-yang! As águas estão subindo. Sinto as hastes do lótus balançando. Vai cair granizo. As flores na relva ficarão esfiapadas. Os frutos vão cair dos galhos das árvores, as pedras vão rachar. Não posso fugir. Dab-yang, agora compreendo que o fim de todas as coisas é a sua destruição. Todos os compostos vão desagregar-se. O laço do Rei da Morte está em meu pescoço,

puxando-me com força. Ouço dizerem: "Mata! Mata! Fere! Fere!" Sinto-me arrastada para uma região desconhecida, onde devo andar só.

- O ilusório delírio dos seis mundos está brilhando como as inúmeras estrelas longínquas. Ninguém aparece para proteger-me. Meu bem amado Dab-yang, sê atento à doutrina. Este é o meu último conselho. Quem me dera que me ouvisses. Procura um abrigo que não seja a corola de uma flor. Desejo-te longa existência virtuosa e a realização dos teus desejos. Adeus!

E sufocada, calou-se Ngag-nyen. Dab-yang quase não ouviu as últimas palavras de Ngag-nyen. Seu coração parecia ferido de espinhos e ele só podia gemer: "A-kha-kha ..."

Aumentava o rugido dos ventos. Relâmpagos ofuscantes riscavam o negrume do céu. Chovia saraiva. Parecia que o mundo ia acabar.

Dab-yang abrigou-se na fenda de um rochedo.

Afinal cessou a tempestade, as nuvens sombrias desapareceram e brilhou o sol. Dab-yang saiu do seu esconderijo e dirigiu-se ao lago dos lótus. Que espetáculo! Nos gramados, a relva e as flores pareciam uma geléia viscosa. Os lótus flutuavam nas poças de água e um deles era aquele em que morrera sufocada a infeliz Ngag-nyen. O frágil corpo da abelha aparecia colado às pétalas. Vendo-o, Dab-yang foi tomado de um desespero que lhe dilacerou o coração e chorou muito. Agora, à claridade do sol, abriam-se os lótus e entre eles vojavam as abelhas.

Ngag-nyen estava reduzida a um pouco de pó e ele estava só. E exclamou:

- Ó miséria! Ó miséria! A dor não se afasta do mundo! Tudo termina em sofrimento! Os prazeres são efêmeros e logo se transformam em tristeza! Hoje de manhã, isto aqui era um jardim delicioso! Agora, é um lugar de tortura. Há pouco, estava ainda viva a minha bem amada. Agora, estão separados o seu corpo e o seu espírito. Há pouco, o feliz esposo Dab-yang gozava de suprema felicidade ao seu lado. Agora, está desesperado! Um instante foi suficiente para transformar em cadáver a graciosa abelha, rainha de pés tão pequenos.

- Quando penso em tudo isto, sinto-me dilacerado pela angústia. O terrível Rei da Morte, de repente, agarrou a minha querida. Quando virá ele agarrar-me? Ó sábio Mestre, por que não te dei mais atenção? Desejo agora uma vida tranquila e santa. Mestre, imploro a tua graça!"

Enquanto se lastimava, Dab-yang, talvez atraído por alguma influência oculta, inconscientemente, encaminhava-se para a caserna de cristal onde se abrigava o jovem eremita Padma Gyaipa. Este, com suas extraordinárias faculdades, viu aproximar-se Dab-yang e o seu estado de ânimo. E pensou: "Esta abelha dourada sempre manifestou tendências a aceitar a Doutrina do Buda. É possível que agora a situação triste em que se acha faça-o desprezar o mundo. Mas talvez esqueça o que está sentindo e volte a viver descuidado. Vou recebê-lo e dar-lhe coragem".

E o eremita chamou Dab-yang, que vojava perto da caverna de cristal e perguntou-lhe:

- Por que estás voejando por aqui, lamentando-te, caro amigo? Sei que a tua bela amiga foi apanhada no laço da Morte. É deplorável.

Coragem! Ouve: a felicidade pode voltar, se praticares as profundas verdades, oferecidas pela Doutrina. O mundo engana com seus prazeres. Perdeste uma companheira. Não podes encontrar outra? A morte de um membro da família não destrói a família. Mas a fé irrefletida, o zelo impetuoso são passageiros. Reflete. A vida solitária exige disposição firme.

Respondeu-lhe Dab-yang:

- Filho de brâmanes, o senhor está descansando feliz nesta solidão, aspirando o perfume dos lótus. Agradeço muito suas palavras de consolo pelo que aconteceu à minha querida esposa.

- Caro Padma Gyaipa, o seu mestre deve ter sido um verdadeiro Buda. O senhor aprendeu profundas verdades. Entendeu-as, orienta-se por elas. O senhor vive alegre, nesta caverna de cristal. Peço-lhe entoar um canto em louvor do Caminho da Salvação. Fala-me da instabilidade das coisas, dos meios como se realiza a

libertação do espírito. Desde agora, eu, a abelha Dab-yang, quero viver na solidão. Desejo dedicar-me à meditação, não quero outra companhia que não seja a sua. Peço-lhe, amigo muito caro, que me acolha, que me dê instrução com palavras perfeitas, compreensíveis, sem enigmas, sem mistérios.

E o eremita refletiu: "Dab-yang está sendo sincero. Não é leviano. Pode perseverar no que pretende fazer. Está acima das pessoas comuns. Vou atender ao seu pedido, dizendo-lhe algumas frases úteis".

E falou:

- Pequena abelha, em teu futuro há um eminente destino. Eu, discípulo de um mestre sábio, digo-te que, antes do mais, deves ouvir atento e proceder de acordo com os princípios que te forem expostos.

"O navio, em que estão embarcados os seres, navega no oceano da ilusão. Os passageiros guerreiam-se uns aos outros e a dor transmite-se entre eles com a rapidez das chamas na floresta. Todos se negam às boas ações. Por isso, a felicidade é como a estrela dalva. Brilha apenas poucas horas. Todos procedem mal e por isso a desgraça, como as sombras da noite, vem sem ninguém notar. A cobiça, a luxúria, furaram a pedra do moinho do ódio e da cólera. E por esse buraco escorre a felicidade dos homens e dos deuses.

"Nos tempos antigos, havia no mundo cidades magníficas, cujos habitantes voavam como pássaros. Eram felizes como os moradores nas esferas celestes. Os seus monarcas eram reis que governavam os quatro continentes e suas ilhas. Vigorava a lei das Dez Ações Virtuosas. Os homens multiplicavam-se e povoavam as esferas das divindades. Os deuses multiplicavam-se e enchiam de flores os jardins e os campos".

"Agora, o mundo são as ruínas, as terras secas não cultivadas. Os homens sentem prazer nos banquetes, onde se fartam de carne. Os condenados à miséria atacam uns aos outros. As leis supremas são a velhacaria e o egoísmo. Desaparecem os verdadeiros seres humanos, substituídos pelos velhacos e patifes. Vivem prósperos os possuidores das ciências negras, conhecedores do segredo das

doenças e das artes assassinas. No seu trono, o rei pratica a fraude. Injustamente e usando de astúcia, ele pune os inocentes. Arrasta os seus súditos à guerra, traiçoeiramente. Os grandes sob o seu pálio, também praticam a fraude, envolvendo a doutrina religiosa no véu do mistério. Vendem os ritos iniciáticos e ambicionam o poder, utilizando processos mágicos. Toda a religião deles consiste em momices. Segundo eles, tais momices afastam os males que ameaçam os fiéis".

"Na sua cabana isolada, o eremita é também fraudulento: Passa o tempo dormindo. Diante das pessoas vulgares, ele executa posições e gestos. Oculta os seus haveres em lugares secretos. E elogia as pessoas que o sustentam. A gente do povo também é fraudulenta. Pensa como a roda do fabricante de louça, girando segundo suas necessidades. O homem do povo, atento ao rumo dos acontecimentos, acompanha o chefe mais forte".

"O pensamento das multidões é como o céu da primavera, mutável, claro em alguns momentos, escuro em outros. A estima popular é como as figuras pintadas em um quadro, bonitas na superfície e ocas por trás".

"Os devotos praticam fraudes. Seu entendimento, seus pensamentos são como as lagartixas que têm cabeça grossa e cauda fina. Parecem bem dispostos à boa prática da doutrina, enquanto estão escutando".

"Enganam os seus mestres, passam a vida na busca de bens materiais. E quando se aproxima a morte, eles batem no peito, dizendo-se arrependidos. Mas, nem por isso, deixam de morrer".

"Meu caro! Jamais falei a alguém como estou te falando agora. Se os teus sentimentos estiverem de acordo com os meus, podemos andar juntos no caminho dos sábios".

"Rejeitaremos qualquer benefício material como se afasta uma pedra no caminho. Nós nos dedicaremos zelosos ao estudo da Doutrina. Lançaremos aos ventos quaisquer formalidades rituais! Abelha predestinada, estás disposta?"

Dizem que depois de ouvir essas palavras, Dab-yang convenceu-se da verdade exposta e alcançou a iluminação espiritual.

Rgya Tch'er Rol Pa

Nota:

O Rgya Tch'er Rol Pa (Desenvolvimento dos jogos) e a versão tibetana da quinta parte do segundo volume do Bkah Hgyur, coleção de nove volumes destacados dos livros budistas hindus primitivos. O título em sânscrito é Lalita Vistara. Ignora-se a data em que teria sido feita a tradução para a língua oficial do Tibet, mas em 1728 já se conhecia o texto tibetano, existente em um mosteiro.

Capítulo XIV

Os Sonhos

Assim, monges, o filho de um deus suscitou este sonho ao rei Sudodana. O monarca viu, enquanto dormia, o Bodisatva rodeado de uma multidão de deuses, a andar pelo mundo, feito religioso errante e revestido de um hábito de cor avermelhada. Acordou em sobressalto e perguntou a um eunuco:

- O rapaz está no harém com as mulheres?

- Sim, majestade.

Então pensou o rei Sudodana:

_ Sem dúvida, ele vai embora. Estes sinais assim predizem.

E o coração do rei foi traspassado pelas flechas da dor. E pensou ainda: "Meu filho não irá à terra dos jardins. Ele está rodeado de mulheres que lhe dão todos os prazeres. Sentindo-se feliz aqui, não irá andar pelo mundo". E tranquilizou-se.

O rei Sudodana mandou construir três palácios: um para o verão, outro para o outono, outro para a primavera. O ambiente Leste era fresco, o do verão muito fresco. O palácio do inverno, já construído, fora feito de modo que a temperatura interna não fosse fria. Em cada um dos ângulos dos palácios, estendiam-se escadarias, ocupadas por quinhentos homens, colocados de maneira que o rapaz não poderia sair sem ser visto por algum deles. Eles faziam um barulho que se ouvia à distância.

No entanto, todas as pessoas que sabiam interpretar presságios previram a fuga do rapaz, pela porta da Benção. Então o rei mandou fazer grandes painéis de madeira para aquela porta. Quinhentos homens eram necessários para abri-la ou fechá-la. O movimento das duas bandas da porta era tal que se ouvia à distância.

Lá dentro de um dos palácios, o Bodisatva gozava das delícias do amor. Estava sempre rodeado de moças, que dançavam e cantavam. Mas, um dia, ele ordenou ao cocheiro:

- Depressa! Prepara o carro! Quero ir à terra dos jardins das delícias!

O rei pensou:

- O príncipe jamais foi à terra dos jardins das delícias sem minha companhia, e também acompanhado de muitas mulheres. Sendo assim, não irá pensar em andar pelo mundo.

Levado por sua ternura e cuidado com o filho, o rei Sudodana mandou apregoar pela cidade:

"Dentro de sete dias, o príncipe vai sair da cidade, dirigindo-se à excelente terra dos jardins das delícias. Afastem das ruas da cidade tudo quanto for desagradável ao olhar do príncipe. Todos os lugares devem estar limpos."

No sétimo dia, a cidade foi ornamentada.

E os jardins das delícias também foram enfeitados com alfaias de muitas cores, toldos, estandartes, bandeiras. A estrada por onde iria passar o Bodisatva foi irrigada com água perfumada, atapetada de flores, ornada de jarrões. Estenderam-se painéis, ergueram-se mastros, onde se penduraram campainhas, grinaldas, ramalhetes de flores. Preparou-se uma tropa com o efetivo de quatro regimentos. Os serviçais e criadas apressaram os preparativos.

Afinal, o Bodisatva, acompanhado daquele numeroso séquito, saiu pela porta oriental da cidade, rumo à terra dos jardins das delícias. Pouco depois da saída, pelo merecimento do Bodisatva, apareceu na estrada, trazido por um deus, um velho alquebrado, decrépito, com as veias e nervos salientes na epiderme, dentes moles, pele enrugada, curvo, abatido, apoiando-se em um bastão, pernas e braços trêmulos, articulando na garganta sons desagradáveis.

Vendo-o, perguntou o Bodisatva ao cocheiro: - Quem é esse homem fraco, pequeno, músculos colados à pele, cabelos brancos, dentes moles, magro, apoiado num bastão, andando trêmulo e com dificuldade?

Respondeu-lhe o cocheiro:

- Senhor, este homem está na velhice. Os sentidos enfraqueceram. O sofrimento destruiu sua alegria. Os parentes desprezaram-no e não tem um guia que o acompanhe. Incapaz de trabalhar, foi abandonado na floresta como um feixe de madeira.

E o Bodisatva perguntou também:

- Isso é lei da sua família ou de toda gente? Sê franco, explica-me logo. Quero pensar sobre o motivo disso.

Então falou o cocheiro:

- Senhor, não se trata nem de lei de família, nem de lei do Estado. Em todas as criaturas, a mocidade é derrotada pela velhice. Vosso pai, vossa mãe, os vossos parentes e amigos, todos acabarão velhos. Não há outra saída para as criaturas humanas.

Observou o Bodisatva:

- Sendo assim, cocheiro, a criatura ignorante, fraca, pensando mal, vaidosa da mocidade, que a embriaga, não vê a velhice. Quanto a mim, não quero continuar a viagem. Volta logo o meu carro. Se eu tenho de envelhecer, que me adiantam prazeres, alegrias?

E o Bagavat voltou para a cidade. Outro dia, o Bodisatva, acompanhado de séquito numeroso, dirigiu-se à terra dos jardins das delícias. Saiu da cidade pela porta do sul.

Pouco adiante da saída, viu um indivíduo magro, tiritando de febre, respirando com dificuldade, e perguntou:

- Que é isso? Por que esse homem está magro, lívido, respirando com dificuldade?

O cocheiro explicou:

- Alteza, este homem acha-se atacado de uma doença grave. Aproxima-se da morte, sem amparo, sem amigos, sem família.

E o Bodisatva retrucou:

- Então, a saúde é como um sonho? O temor do mal é assim insuportável? Qual o indivíduo sensato, que sente alegria e prazer vendo a doença?

E o Tatagata resolveu voltar para a cidade.

Outra vez, acompanhado de grande comitiva, o Bagavat saiu da cidade, pela porta do ocidente. Mas não tinha andado muito, quando viu um homem morto, levado em um caixão. Recoberto de um pano, acompanhado de parentes que choravam, lamentavam-se, gemiam, arrancavam os cabelos, atiravam areia na cabeça e batiam nos peitos.

O príncipe Sidarta perguntou:

- Que é isso? Por que essa gente está chorando, arrancando os cabelos? E esse homem no caixão?

O cocheiro respondeu:

- Senhor, esse homem está morto. Não verá mais o pai, a mãe, os filhos. Deixa sua casa, suas riquezas.

E o Bodisatva comentou:

- É triste a mocidade, destruída pela velhice. É triste a saúde, destruída pela doença. É triste a existência, pois o sábio não dura sempre. Como é infeliz o sábio apegado à velhice! Se não houvesse nem velhice, nem doença, nem morte! Voltemos. Vou tratar de alcançar a libertação!

E o príncipe regressou à cidade.

Mas ainda uma vez saiu da cidade, alguns dias depois, agora pela porta do norte, rumo aos jardins das delícias. E apareceu-lhe um dos filhos dos deuses, sob a forma de um monge. Era um religioso calmo, cabisbaixo. Vendo-o, perguntou o Bodisatva ao cocheiro:

- Quem é esse homem assim calmo, cabisbaixo, vestindo um traje de cor avermelhada?

Respondeu o cocheiro:

- Este é um dos tais que o povo chama bikchu [monge]. Abandonou os prazeres, e segue uma vida muito austera. É um religioso sem paixão, sem desejos, e sustenta-se com as esmolas que recebe.

Observou o príncipe Sidarta:

- Está bem. Os sábios sempre elogiaram a vida religiosa. Eia vai ser o meu refúgio e o de muitas outras pessoas.

E voltou para a cidade.

O rei Sudodana foi informado daquelas aparições ao príncipe. Mandou construir muros extensos, cavar fossos, fazer novas portas. Aumentou o efetivo do corpo da guarda. Nas praças, nas ruas, que iam ter às entradas da cidade, ele mandou distribuir soldados que impedissem a saída do seu filho.

Nos apartamentos das mulheres, suas ordens foram as seguintes:

- Não deixem de cantar, dançar, amar...

Para evitar que o príncipe se faça monge, embriaguem-no de prazeres, usem de todos os meios de sedução!

E pensou: "Nas portas estão soldados valentes, usando couraças, cavalos, elefantes. Cavaram-se fossos. Ergueram-se paliçadas, parapeitos altos. Se o meu filho fugisse, haveria um alarme em toda a cidade. Se fosse embora este descendente dos Sáquias, terminaria a nossa linhagem."

O monarca insistiu em suas recomendações às mulheres e serviçais do harém:

- Não deixem de distraí-lo! Alegrem-no! Seduzam-no! Ouve, cocheiro: os sinais da fuga do príncipe são: os gansos, as cegonhas, os pavões, os papagaios nas claraboias, nas balaustradas, nos terraços, estarão tristes, aflitos, em silêncio. Nos lagos e nos tanques, os lótus murcharão, secarão. As árvores não darão frutos, nem flores. As harpas, as flautas, os lutes de três cordas, os tambores, os tamborins, não produzirão mais som, ficarão imprestáveis. A cidade inteira será atacada de sonolência, ninguém cantará, dançará, irá divertir-se. O próprio rei, acabrunhado, terá maus pensamentos. Ah, infeliz raça dos Sáquias! Queiram os céus que tais aparições não signifiquem a sua extinção!

Enquanto Gopa e o príncipe dormiam no mesmo leito, alta noite, Gopa sonhou: "Toda a terra estremeceu e também as montanhas até os cimos. Sacudidas pelo vento, as árvores foram desenraizadas, atiradas ao solo. O sol, a lua, as estrelas caíram sobre a Terra. Seu penteado foi desfeito pela mão esquerda, seu diadema atirado ao chão. Viu-se nua com as mãos e os pés cortados. Seus colares de pérolas, os cordões de ouro, os enfeites perderam-se. Os quatro pés do leito quebrados, ela teve de deitar-se no soalho. Viu também quebrado o cabo do guarda-sol do rei, as suas insígnias reais espalhadas e levadas pela água".

"Sobre o leito, Gopa também viu as insígnias e desarrumadas as roupas do príncipe seu marido. Viu chamas erguerem-se da cidade em trevas e quebradas as vidraças das janelas. Quando os colares e enfeites espalharam-se no soalho, o grande' Oceano agitou-se. E o rei das montanhas, o Monte Meru, estava abalado em seus fundamentos."

A princesa acordou inquieta e com os olhos cheios de lágrimas perguntou ao esposo:

- Senhor, acontecerá o que eu vi em sonho?

Diz-me, Senhor. Estou muito triste.

E o Bodisatva com um tom de voz afetuoso e puro tranquilizou a esposa:

- Não há motivo para te inquietares. Ao contrário, somente as criaturas que praticaram boas ações, em existências anteriores, têm sonhos como esse. Viste a terra estremeecer, as montanhas caírem, deuses, Nagas, Rakchasas, Butas, renderem-te homenagem, como se fosses uma soberana. Viste as árvores desenraizadas, teu penteado desfeito por tua mão esquerda...

Tudo isso quer dizer, Gopa, que se romperá a rede da corrupção. Sonhaste que o sol e a lua caíram sobre a Terra. Significa isso, Gopa, que serás louvada e honrada em todo o mundo, depois do inimigo vencido.

"Sonhaste que os teus colares e os teus enfeites se desfaziam e que estavas nua. Isso quer dizer, Gopa, que deixarás teu corpo de mulher e não tardarás a renascer no corpo de um homem".

"Sonhaste que estavam quebrados os pés do leito e o cabo do guarda-sol. O significado disso é o seguinte: tu me verás atravessando os quatro rios e tornar-me o único guarda-sol do mundo".

"Sonhaste que os teus enfeites estavam sendo levados pelas águas, que a minha veste e o meu diadema estavam sobre o meu leito. Quer isso dizer que me verás louvado em todos os mundos".

"Sonhaste que saíam milhões de luzes da cidade, mergulhada em trevas. O significado disso, Gopa, é o seguinte: em todo o mundo, as trevas da ignorância e da cegueira serão desfeitas pela sabedoria".

"Sonhaste que se quebraram os teus colares de pedras. Quer isso dizer que, anulada a corrupção, a ciência cuidará daquilo que tem de ser reparado".

"E, como sempre me honraste e me respeitaste, estarás livre de sofrimentos e do mau caminho. Brevemente, tu te alegrarás, cheia do maior contentamento".

"Outrora, eu concedia dons com prazer. Mantendo puros os meus hábitos, eu usava de paciência. Por isso estarão alegres aqueles que acreditarem em mim. Durante incomensuráveis kalpas de existências sem pouso, eu purifiquei, inteiramente, a melhor via da inteligência (Bodhi). Por isso, aqueles que acreditarem em mim destruirão os três males. Fica satisfeita. Não te entristeças. Ao contrário, debes entregar-te à maior alegria. Dorme, Gopa, são bons os presságios dos teus sonhos. Quem, no passado, acumulou boas ações, será, no devido tempo, homem notável e terá sonhos como estes que tiveste agora. Verá aos seus pés as águas inquietas dos quatro grandes Oceanos. Verá a terra inteira como um leito de repouso e o melhor dos montes, o Meru, feito um travesseiro. Sonhará que uma luz viva, estendendo-se pelo mundo dissipará trevas profundas, que um guarda-sol, saindo da terra, cobrirá os três mundos e que ao seu brilho se anularão calúnias e misérias. Quatro animais brancos e negros lambar-lhe-ão os pés. Pássaros de quatro cores,

aproximando-se, tornar-se-ão de uma cor só. Sonhará que, subindo pela encosta de uma montanha de imundícies, ele não será poluído. Sonhará que milhões de criaturas foram arrastadas pelas águas de um rio e que ele, transformando-se em barco, leva as demais à outra margem. Estas desembarcarão em uma planície, onde não há miséria. No sonho, ele, transformado em médico, há de curar milhões de criaturas doentes, dando-lhes ervas curativas em abundância. Sentado num dos flancos do Monte Meru, como se fosse num trono, ele sonha que os mestres espirituais de mãos postas inclinam-se, como também os deuses. Ele mesmo, vencedor do combate, com os deuses no alto dos céus, entoia cantos de alegria. São estes os sonhos com os Bodisatvas, ao distribuírem suas bênçãos e suas virtudes". Ouvindo estas palavras, os deuses e os homens rejubilaram-se, pensando: "Dentro de pouco tempo, este será deus dos deuses e dos homens!"

Glossário de Termos sânscritos

Por Raul Xavier

ADIAIA - Capítulo de livro.

ADITI - Sem limite. O céu ilimitado, o infinito personificado sob a denominação de Deva-matri, a mãe dos deuses. No Iajurveda, Aditi é invocada como "sustentáculo do firmamento, apoio da Terra, soberana deste mundo, esposa de Visnú".

ADITIAS - Os sete deuses, filhos de Aditi. Eram figurados por Varuna, o firmamento, correspondente ao Urano latino, Mitra, Ariaman, Baga, Indra, Savitri, Dakscha.

ADVARIU - Sacerdote que recita as preces do Iajurveda.

AGNI - Uma das maiores divindades do culto védico. Deificação do fogo celeste - do sol, da chama na fogueira, na lâmpada. Além de Abhimani, há outros epítetos de Agni: Vahni (mensageiro); Pavaka (brilhante), Vaiswanara (Fogo vital), Abja-hasta (loto na mão), Dhuma-ketu (aquele cujo sinal é a fumaça), Huta-bhuj (devorador de ofertas), Suchi (o resplandecente), Rohitaswa (dono de cavalos vermelhos), Jata-vedas (com os seguintes significados: conhecedor de todos os seres criados; dono de todas as criaturas e coisas existentes; conhecido de todos os seres; possuidor de riquezas; possuidor de sabedoria. Agni era também a divindade mensageira dos pedidos dos homens aos deuses).

AGNIDH ou AGNIDRRA - Palavra que significa "acendedor do fogo". Designa o auxiliar do oficiante e cuja função é manter o acesso o fogo do sacrifício.

AGNIHOTRA - Oração ao fogo, sacrifício de que é oficiante um brâmane, logo ao amanhecer.

ARI - Demônio com a forma de serpente. Um dos nomes do cíclope Vrita.

ANANDA - Palavra que significa felicidade. É um dos epítetos de Siva.

ANGA - Suplemento dos Vedas. ANGIRAS - Richí a quem se atribui a autoria de muitos hinos do Rigveda. Um dos sete Maharichis ou Grandes Richís. Um dos dez Prajapatis ou progenitores da humanidade. Legislador. Astrônomo. Re- gente do planeta Júpiter ou o próprio planeta. Denominado também "o sacerdote dos deuses" e "o senhor do sacrifício". O nome é também sinônimo de Agni, podendo além disso significar "pai de Agni", "lido em hinos dirigidos a Agni", Indra e deidades luminosas.

ANVAKA - Recitativo.

ARIAMAN - Um dos Aditias ou deuses filhos de Aditi. Denominação de um dos Viswadevas - Chefe dos Pitris ou Ancestrais da raça humana.

ASTAKA - Livro em oito partes ou capítulos.

ASURA - Nos mais antigos hinos do Rigveda, o vocábulo designa o Espírito Supremo, sendo análogo ao Ahura da religião de Zoroastro. Como sinônimo de "deus", aplicava-se às principais deidades, Agni, Indra, Varuna. O vocábulo depois passou a designar um demônio, espírito maligno, quase sempre de cor escura, e nas últimas seções do Rigveda e do Atarvaveda inimigo dos deuses. Do ponto de vista antropológico, cultural, o nome Asura aplicava-se aos deuses dos primitivos povos da Índia, adversários dos deuses dos Arias invasores. Eram representados com a pele escura ou negra, mal encarados e maléficos.

ASVINS - Dois deuses védicos, irmãos gêmeos do solou do Céu. Sempre jovens e bonitos, de pele dourada e resplandescente, ágeis, rápidos como o falcão e que assumiam muitas formas. Andavam em um carro de ouro, puxado por pássaros ou cavalos rápidos, sendo arautos da Aurora.

BALA - Faculdade mental, desenvolvida pela prática do Raja Ioga. Pode ser a memória, a resistência aos males, físicos e morais, a inteligência, e outras.

BRAHMA - O vocábulo no gênero neutro, a final breve, designa o princípio universal da existência em todo o cosmos, princípio absoluto, eterno, do qual tudo provém e ao qual tudo volta. O mesmo vocábulo com a final longa, Bramã, no gênero masculino, refere-se ao primeiro impulso energético do princípio universal, impulso criador do espírito e da matéria, duas formas complementares no plano fenomênico. Esse primeiro impulso criador é representado como uma das três divindades supremas, que constituem a Trimurti: Brama, Visnú, Siva.

BRAMANAP ASTI - Termo védico, equivalente a Brihaspati.

BRAMANE - Membro da casta sacerdotal na Índia, preeminente sobre as outras três castas: Kchatryias, Vassyús, Párias.

BRAMANACHAMSIN - Sacerdote que está presente ao sacrifício do soma, fiscalizando a execução do ritual. Em caso de erro, ele procede à devida expiação. Sentado no centro da área da cerimônia, ele permanece silencioso. Recebe a metade do total dos honorários pagos aos oficiantes.

BRIHASPATI - Termo védico, análogo a Bra-manapasti. São ambos nomes de uma deidade na qual se personifica a ação do adorador sobre os deuses. É o suplicante, o sacrificador, o sacerdote que intercede, junto aos deuses, em favor dos homens e protege a humanidade da ação dos maus. Ora designa o protótipo dos sacerdotes, ora uma família sacerdotal. Chamam-no "pai dos deuses" e atribuem-lhe extenso poder de criação. Aplicam-lhe os epítetos de "brilhante", "pele dourada", que tem "o trovão na voz". Supõem-no filho de Angiras e dão-lhe o patronímico Angirasa. Do ponto de vista astronômico, é regente do planeta Júpiter ou o próprio planeta.

DADHI - Leite coalhado, misturado com leite cozido, uma das oblações nos sacrifícios.

DADHICHA - Nome de um richí, compositor de hinos védicos.

DAKSCHA - Deus nascido do polegar direito de Bramã. Um dos Prajapatis.

DAKSCHINA - Recompensa aos oficiantes no sacrifício.

DASAS - Tribo de indígenas da Índia, que resistiram à invasão dos Arias.

DASAPAVITRA - Peneira de linho para a filtragem do soma.

DASIÜS - Seres maus, inimigos dos deuses e dos homens, denominação dada pelos Arias aos deuses dos Dasas como também de outras tribos nativas da Índia. Tinham a pele negra, como os Asuras, e outras entidades demoníacas.

DEVA - Deus, divindade. Vocábulo derivado da raiz div, brilhante.

DEVI - Feminino de Deva. Deusa. Denominação abreviada de Mahadevi, a grande deusa.

GANDARA - Região à margem do rio Indo.

GANDARVA - Divindade védica, que conhecia e revelava os segredos do Céu e as verdades divinas.

GANDARVAS - Deuses que habitavam a atmosfera e cuja função na Terra estava no preparo do soma, para ser servido aos deuses no Céu. Segundo o Atarva-veda, havia 6.333 Gandarvas. Eram deidades hábeis em medicina e gostavam de mulheres, exercendo influência sobre as criaturas do sexo feminino.

GAIATRI - Um tipo de verso dos hinos védicos, que o brâmane deve recitar todos os dias, juntamente com as orações da manhã e da noite. Nesse verso há uma prece dirigida ao Sol, personificado em Savitri. Está também o verso personificado na deusa Savitri, esposa de Bramã, mãe dos quatro Vedas, como também daqueles

que são "duas vezes nascidos", ou sejam, os que estão nas três castas superiores.

HOTRI - O oficiante que recita as estrofes do Rigveda, durante um sacrifício.

IAJAMANA - Pessoa que encomenda e custeia um sacrifício, pagando todas as despesas, inclusive honorários dos oficiantes.

IAMA - Deus filho de Vivasvat (o Sol), governante da região subterrânea onde estão as almas dos mortos. Em Mitologia, corresponde ao Plutão greco-romano. Tinha uma irmã Iami ou Iamuni, com a qual formava o par que teria sido o primeiro a viver na Terra e do qual descende a humanidade. São vários os seus epítetos: Kritanta (o matador); Pitripati (Senhor dos Manes); Preta-raja (rei dos fantasmas); Darma-raja (rei da Justiça).

INDRA - No panteão védico, Indra é um dos deuses maiores, o regente do mundo atmosférico. Tem por função primacial fazer caírem as chuvas - fendendo as nuvens com o seu raio e os relâmpagos - armas de que se utiliza para vencer os inimigos. Denominado Dyaus Pitar (Pai do Céu), Indra apresenta características análogas às do Júpiter Tonante dos romanos ou Zeus Olímpico dos gregos.

ISTI - Sacrifício cuja oferta é de vegetais.

KACSIVAN - Richí compositor de vários hinos do Rigveda.

MAGHADA - Região do sul da Índia onde se falava o pali.

MAGHAVAN - Epíteto de Indra.

MAHADEVA - Um dos epítetos de Siva, significando "grande deus". Nome de Rudra, uma das hipóstases de Siva.

MAHADEVI - A grande deusa. Epíteto da esposa de Siva.

MAHARICHI - Vide MANU

MANTRA - Denominação das fórmulas recitadas, murmuradas ou cantadas durante o sacrifício védicos, coligidas em livros ou coleções de textos religiosos.

MANO - Nome relativo a 14 progenitores mitológicos da raça humana, regentes da evolução do planeta Terra, durante um manvantara ou "período de Manú", cuja duração é de 4.320.000.000 de anos.

São várias as lendas relativas à origem do primeiro Manú, chamado Swayam-bhuva. Bramã o Criador, dividiu-se em duas pessoas macho e fêmea, de ambas nascendo o macho Viraj do qual se originou o primeiro Manú. Este produziu os dez Prajapatis ou pais da humanidade, e também chamados Maharichis. Segundo outra lenda, Manú é o fruto do incesto de

Bramã e sua filha a deusa Satarupa (cem formas). Outra lenda narra que Bramã transformou-se em Manu e criou Satarupa, mulher de Manu. O atual Manú, que é o sétimo, chama-se Vaivasvat (nascido do sol) e no seu período ocorreu o dilúvio universal.

MARA - Personificação das energias naturais, manifestas no homem como instintos egoísticos inferiores, egoísticos e agressivos. O termo significa "maldito" e corresponde a "Satã".

MARUTS - Deidades que personificam os ventos. Suas armas são o relâmpago e o raio. Atribuem-se-lhes várias origens: são filhos de Rudra, de Indra, irmãos de Indra, filhos do oceano, filhos do céu, filhos da terra. Quanto ao seu número, são ou 180 ou 27. No "Ramaiana" conta-se que a deusa Diti abortou e que Indra com seu raio cortou o feto em 49 pedaços. Penalizado ante a tristeza da mãe, Indra deu vida a esses restos do feto, dizendo-lhes mã-rodih = não chorem.

MEDATITI - Richí autor de hinos do Rigveda. Segundo uma lenda, Medatiti teria sido levado para o céu, sob a forma de um carneiro, pelo deus Indra, a quem tinham agradado as austeridades do richí.

MITRA - Um dos nomes do Sol. De acordo com os Vedas, Mitra compartilha com Varuna da regência do mundo. Mitra está encarregado do dia e Varuna da noite.

NIRRITI - Deusa que personifica a morte.

PAÇU - Sacrifício em que é imolado um animal.

PARJANIA - Divindade regente das chuvas ou que é também a personificação da chuva. O nome aplica-se também a um dos Aditias.

PAURNAMASA - Sacrifício realizado na noite de lua nova.

PAVAKA - Um dos epítetos de Agni e significa "brilhante".

PAVITRA - Peneira feita de lã branca para a filtragem do soma.

POTRI - Um dos oficiantes no sacrifício, encarregados do preparo do soma.

PRAJAPATI - Termo que significa "senhor das criaturas", sendo epíteto de Bramã, de Indra, Savitri, Soma, e outras deidades. Denominam-se também prajapatis, os 10 richís "filhos da mente" de Bramã e cuja descendência seriam as criaturas humanas.

PRANA - Energia cósmica vital absorvida pelos seres animais mediante a função respiratória.

PURODASA - Bolo de farinha fina cozida, que é uma das ofertas sacrificiais.

PUROHITA - Oficiante no sacrifício do fogo, também conselheiro dos rajás e dos chefes militares.

PUSCHAN - Divindade à qual se dirigem vários hinos do Rigveda e cujo nome significa "aquele que dá o alimento". Puschan protege o gado e faz que este aumente, assim como também a riqueza. É um guia dos viajantes, neste mundo, e das almas no além túmulo. Participa com o deus Soma da proteção às criaturas humanas. É o patrono daqueles que descobrem objetos perdidos ou escondidos e está presente à cerimônia nupcial. Acreditam os hindus que ele pegue nas mãos da noiva, abençoando-as.

RAKCHASAS - Espíritos inferiores aos deuses, correspondentes aos djins dos árabes, daimones dos gregos, sacis dos tupis. Havia três categorias de rakchasas: espíritos que residem nas florestas e prestam serviços aos homens: cíclopes ou gigantes, inimigos dos deuses; espíritos que estão nos cemitérios, perturbam as cerimônias do sacrifícios, animam cadáveres, devoram criaturas vivas, homens ou animais, praticando toda sorte de atos maléficos. Esta última categoria está sob a direção de Ravana.

RAVANA - Demônio, rei lendário de Ceilão, morto pelo herói do "Ramaiana", poema épico de autoria atribuída a Valmiqui. Ravana governava os Rakchasas.

RITA - Ordem que prevalece na constituição e no funcionamento dos elementos e corpos existentes no Universo. Segundo o Rita, tudo tem sua causa, produz seu efeito e visa a uma finalidade.

RUDRA - Epíteto de um dos membros da Trimurti - Siva -, princípio da destruição das formas e seres existentes no Universo. Denominam-se Rudras as entidades ou espíritos destruidores, às ordens de Siva.

SAMAN - Aria cantada durante um sacrifício e cuja coleção denomina-se Samaveda.

SARAVASTI - Rio mencionado nos Vedas, ora como um curso de água, ora como deidade dotada do poder de fertilizar os campos, possibilitando boas colheitas. O rio denomina-se atualmente Sarsuti. Nos "Bramanas" e no "Maha-Bharata", Saravasti é a deusa sob cujo patrocínio está a linguagem. Atribuiu-se-Ihe, posteriormente, a invenção do sânscrito e do alfabeto devanagari, transformando-se em padroeira das Letras, das Ciências e das Artes.

SATACRATA - Epíteto de Indra, significando "o deus dos cem ritos".

SAVITRI - A estrofe de hino dos Vedas, com- posta de três versos octossilábicos e dedicada a Savitar.

Savitar é um dos nomes da deusa Sata-rupa - filha e esposa de Bramã, às vezes considerada personificação dessa estrofe.

SIVA - Um dos três princípios que constituem a Trimurti. Siva é a personificação do princípio de destruição das formas e neste caso recebe a denominação de Rudra ou de Maha-Kala. Mas estando a destruição na base da substituição da forma destruída por outra nova forma, Siva também simboliza a energia reprodutiva de formas, estando o seu culto relacionado com ritos simbólicos da função e do ato sexual. Denominam-no Sankara, o auspicioso - e é também tido como o próprio Isvara, o Maha-Deva, o grande deus. O símbolo material de Siva é o lingam - o pênis - ou isolado ou formando par com o yoni, o órgão genital feminino. Mil e oito epítetos referem-se a Siva e representam-no com 5 faces e 4 braços. Siva, Senhor do lingam, esposo de Sakti-Davi, é também Nata-rajá, o "Rei da Dança". A dança simboliza o ato de criação e nela se acham significadas as energias que dão forma a um mundo. A imagem de Siva dançarino mostra o deus a dançar sobre o corpo prostrado de um demônio anão, figura da ignorância humana. O anel luminoso e flamejante em torno da imagem do deus, dentro do qual ele está dançando, indica os processos vitais em ação no Universo, ou seja, a dança da Natureza movida pelo deus.

SOMA - Líquido obtido por maceração das fibras de uma planta que seria ou um gênero de asclepiáde - "asclepias acida", ou cânhamo, ou ruibarbo selvagem. O soma foi deificado como deus onipotente, médico de todas as doenças, doador de riquezas, senhor dos outros deuses, e até identificado ao Ser Supremo. Personificado, Soma era também o deus que representava e vivificava o suco. Nos Puranas, o deus Soma é a Lua, dizendo-se ser filho do richí Atri com sua mulher Anasuya.

STOTRA - Canto em três vozes.

SUNAS SERAS - Vide nota "Anuvaca 6, suta 1".

SURA - Licor feito com o suco de várias plantas, raramente utilizado no culto.

SURAS - Deidades relacionadas com Suria (o sol) .

SURIA - Deus que é a personificação do astro solar, uma das maiores divindades do culto védico, algumas vezes idêntico a Savitri e Aditia, outras vezes distinto.

SUSNA - Demônio morto por Indra.

SUTA - Hino.

TRIMURTI - Termo que significa "Forma tríplice" e designa a Tríada composta de Bramã, Visnú e Siva. Bramã é o princípio do desejo mediante o qual o Universo veio a existir. Siva simboliza o fogo da destruição das formas que hão de voltar à treva do não-ser. Visnú o princípio da conservação da vida através da destruição das formas. Os três princípios coexistem em um e um coexiste nos três. Segundo os sábios hindus, o Espírito Supremo, Sem Nome, tirou do seu lado direito Bramã, do esquerdo Visnú, para a conservação, e do meio do seu corpo, Siva, para a destruição. Bramã cria, Siva destrói, Visnú mantém. As três divindades são cultuadas. No entanto, Siva e Visnú têm templos em toda a Índia, ao passo que Bramã é cultuado apenas em dois templos.

TVASTRI - Divindade que forja os raios de Indra, análoga a Vulcano na mitologia greco-romana.

UDGATRI - Denominação de cada um dos quatro principais chantres que durante o sacrifício cantavam ou juntos ou alternadamente cada uma das estrofes dos hinos.

USCHAS - A aurora, personificada em uma deusa, filha do Céu e irmã dos Aditias.

USIJA - Aia da esposa do rajá Kalinga. Este desejando um filho, obrigou a esposa a copular com o richí Dirgatamas. A rainha fez-se substituir por sua aia Usija. O richí descobriu depois que fora enganado, mas desse engano resultou a deificação de Usija.

VAIO - Divindade que personifica o vento e está associada com Indra, viajando no mesmo carro deste deus. O seu nome significa "vento", "ar".

VALA - Demônio, chefe dos Asuras, que roubaram aos deuses as suas vacas. Indra tomou-lhes os animais e castigou-os. Narrativa mítica em que se atribui à ação de entidades malfazejas, a retenção das nuvens chuvosas, no alto das montanhas, sob a forma de nuvens, vacas, soltas depois que Indra com seu raio destruiu os demônios que as prendem. Outro carcereiro de nuvens é Vrita, morto por Indra.

VARASANA - Epíteto de Indra.

VARUNA - Deus do céu noturno, zelador da execução do Rita. É uma divindade correspondente ao Urano dos gregos e romanos. Uma das mais antigas deidades védicas, Varuna personifica o céu infinito, tendo sido o criador e continuando a ser o mantenedor do firmamento e da terra. Consideram-no rei do Universo, rei

dos deuses e dos homens, onisciente. Cumpre-lhe a fiscalização dos processos da vida humana, dando importância aos fatos morais, sendo assim uma espécie de juiz que pune as transgressões às leis estabelecidas para a paz e a tranquilidade da coletividade.

VASUS - Oito deidades, que acompanham Indra. Personificação de fenômenos naturais chamam-se: Anaia (fogo) - Anila (vento) - Apa (água) - Dhara (terra) - Dhruva (estrela polar) - Prabhasa (aurora) - Pratyuscha (luz) - Soma (lua).

VEDI - Altar do sacrifício. VISNÚ - Uma das três divindades supremas componentes da Trimurti. No Universo, Visnú, exerce a função de mantenedor dos princípios da existência, cujas formas efêmeras são distribuídas por Siva.

VISVADEVAS - Divindades interessadas em exéquias; também protetoras dos entes humanos e distribuidoras de recompensas. Denominação que também se aplica. a deidades inferiores.

VRITRA - Cíclope ou demônio causador das longas estiagens, pois aprisionava as nuvens no alto das montanhas. Foi morto por um raio de Indra.

YAJAMANA - Príncipe ou ricoço que financia a execução de um sacrifício, custeando a aquisição do que for necessário e recompensando aos oficiantes.

